

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO

CÍNTIA TOTH GONÇALVES
GABRIELA TORQUATO FERNANDES

**MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL COMO POLÍTICA
EDUCACIONAL – O PROGRAMA GANHE O MUNDO PERNAMBUCO E SEUS
DESAFIOS**

SÃO PAULO
2020

CÍNTIA TOTH GONÇALVES
GABRIELA TORQUATO FERNANDEZ

**MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL COMO POLÍTICA
EDUCACIONAL – O PROGRAMA GANHE O MUNDO PERNAMBUCO E SEUS
DESAFIOS**

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, como requisito para a obtenção do título de mestre em Gestão e Políticas Públicas.

Orientadora: MARTA FERREIRA SANTOS FARAH

SÃO PAULO
2020

Gonçalves, Cíntia Toth.

Mobilidade estudantil internacional como política educacional: o Programa Ganhe o Mundo Pernambuco e seus desafios / Cíntia Toth Gonçalves, Gabriela Torquato Fernandez. - 2020.

144 f.

Orientador: Marta Ferreira Santos Farah.

Dissertação (mestrado profissional MPGPP) – Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo.

1. Educação e Estado - Pernambuco. 2. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. 3. Programas de intercâmbio de estudantes. I. Fernandez, Gabriela Torquato. II. Farah, Marta Ferreira Santos. III. Dissertação (mestrado profissional MPGPP) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo. IV. Fundação Getulio Vargas. V. Título.

CDU 37.014

Ficha Catalográfica elaborada por: Isabele Oliveira dos Santos Garcia CRB SP-010191/O

Biblioteca Karl A. Boedecker da Fundação Getulio Vargas - SP

CÍNTIA TOTH GONÇALVES
GABRIELA TORQUATO FERNANDEZ

**MOBILIDADE ESTUDANTIL INTERNACIONAL COMO POLÍTICA
EDUCACIONAL – O PROGRAMA GANHE O MUNDO PERNAMBUCO E SEUS
DESAFIOS**

Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, como requisito para a obtenção do título de mestre em Gestão e Políticas Públicas.

Data de aprovação:

____/____/____

Banca de examinadores:

Prof. Dra. Marta Ferreira Santos Farah

Prof. Dr. Alexandre Abdal

Prof. Dr. Gladys Quevedo

Sra. Renata Serpa Vieira

(Superintendente para o Programa Ganhe o Mundo)

SÃO PAULO

2020

Agradecimentos

Agradecemos a todos que acreditaram em nosso trabalho, em especial nossa orientadora Marta Farah, e colegas do mestrado.

Agradecemos a equipe gestora do Programa Ganhe o Mundo Pernambuco, que nos apoiou e viabilizou o presente estudo, fornecendo os insumos necessários, assim como todos aqueles que passaram pelo programa, da gestão atual e anteriores, e que contribuíram para que o projeto se desenvolvesse.

Agradecemos a todos os profissionais públicos da área de educação, professores e gestores, que dedicam suas vidas para contribuir com o desenvolvimento de nossas crianças e jovens.

Agradecemos a todos que, diretamente ou indiretamente, contribuem para ações educativas, para além das salas de aula e escolas, potencializando o desenvolvimento de tantas pessoas, e para aqueles que também contribuem com a redução de desigualdades e aumento de oportunidades para todos os cidadãos, promovendo uma sociedade mais justa.

Cíntia

Dedico esta dissertação à minha família – principalmente à minha mãe Rosa, meu pai Jairo e minha tia Helena - cujo apoio incondicional e constante incentivo aos meus estudos foram essenciais para a conclusão desta tese. Dedico esta dissertação também ao meu maior presente - minha filha, Ísis.

Gabriela

Agradeço à vida, aos privilégios que tive e à minha rede de apoio que me impulsionaram para estar aonde estou hoje. Poder escrever essa tese e ficar de pé para defendê-la, após tantos desafios, me motiva a continuar trabalhando para que mais pessoas como eu quebrem as estatísticas das minorias, possam estudar, se conhecer e desenvolver suas potencialidades, em uma sociedade com mais oportunidades, justiça e bem-estar.

Resumo

A partir do interesse em contribuir com a sistematização de conhecimento, análise e aperfeiçoamento de políticas educacionais, este trabalho investiga o Programa Ganhe o Mundo Pernambuco (PGM) – uma iniciativa do governo do Estado focada na formação dos jovens do ensino médio para o mundo do trabalho por meio do ensino de línguas adicionais e da mobilidade estudantil internacional. Além de trazer uma descrição do programa e como ele vem se desenvolvendo desde seu lançamento nove anos atrás, situando-o no contexto educacional e de ensino de línguas na rede de ensino pública estadual de Pernambuco, este estudo tem como principal objetivo realizar uma análise do PGM, apontando dificuldades e desafios e propondo recomendações que apoiem a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco no aprimoramento do programa. Para atingir este objetivo adotou-se diferentes métodos para a coleta de dados: a revisão bibliográfica com ênfase no ensino de idiomas e na mobilidade estudantil internacional, a análise documental sobre o programa, entrevistas com a equipe gestora, bem como com futuros intercambistas e egressos do PGM, além da aplicação de um questionário online com egressos. De forma geral, o programa é reconhecido pelos diferentes atores como uma importante oferta complementar ao ensino público regular – já que é totalmente financiado pelo estado e uma oportunidade única na formação desses jovens do ensino médio no âmbito pessoal, acadêmico e profissional. Por outro lado, faz-se necessário um esforço para fazer frente aos desafios levantados ao longo da análise, entre os principais, uma definição mais clara de objetivos do programa e na sequência de indicadores para monitoramento e avaliação do PGM; a sistematização dos dados com vista a transformá-los em informações que apoiem a tomada de decisão para o aprimoramento do programa; a articulação com outras iniciativas de ensino de línguas adicionais da própria rede estadual de ensino, bem como uma busca por maior diversidade e equidade no programa.

Palavras chave: política educacional, Programa Ganhe o Mundo, ensino de línguas, mobilidade estudantil internacional.

Abstract

In light of the interest in contributing towards systematizing knowledge, analysing and improving educational policies, this paper examines the *Programa Ganhe o Mundo Pernambuco* (PGM) (Win the World programme) - an initiative from the state government focused on preparing high school students for the world of work via learning of additional languages and international student mobility. Aside from encompassing a description of the programme and how it has been evolving since its launch nine years ago, providing the educational context and of language teaching in the public state school system of Pernambuco, this study has as its main objective to analyse the PGM, pinpointing difficulties and challenges and making recommendations to support the Education and Sports State Secretariat of Pernambuco in enhancing the programme. To reach this objective, different methods of data collection were adopted, namely literature review focused on language teaching and international student mobility, document analysis of the programme, interviews with the programme management team and with PGM future exchange students and alumni, as well as conducting an online alumni survey. Overall, the programme is recognized by different stakeholders as an important complementary offer to the regular public school one - since it is fully financed by the state and a unique opportunity of development for these young high school students in their personal, academic and professional realms. On the other hand, an effort is required to face the challenges raised throughout the analysis, among the main ones, clearly defining the programme's objectives followed by setting indicators to monitor and evaluate the PGM; systematizing data and converting it into information that supports decision making to enhance the programme; linking with other additional language teaching initiatives from the state school network, as well as working towards increasing diversity and equity in the programme.

Keywords: educational policies, Programa Ganhe o Mundo, language teaching, student international mobility.

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa de Pernambuco

Figura 2 - Competências “escondidas”

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Detalhamento dos egressos respondentes do questionário online

Tabela 2 – Números Gerais PMG Cursos

Tabela 3 – Números de intercâmbios por país de destino

Tabela 4 – Estudantes Concluintes do PGM

Tabela 5 – Alunos concluintes do PGM e Alunos da rede estadual

Tabela 6 – Percepção dos alunos sobre o impacto do intercâmbio

Tabela 7 – Percepção dos alunos sobre o impacto do intercâmbio no âmbito profissional

Tabela 8 – Percepção dos alunos sobre ganhos pessoais de ter participado do intercâmbio

Tabela 9 - Exemplos de perguntas para egressos

Tabela 10 – Distribuição racial da população

Lista de Quadros

Quadro 1 – Detalhamento das entrevistadas

Quadro 2 – Detalhamento dos entrevistados

Quadro 3 - Principais ferramentas de coleta de dados

Quadro 4 - Resumo dos pontos de destaque do PGM

Quadro 5 – Habilidades voltadas à empregabilidade baseadas no *Flash Eurobarometer*

Quadro 6 - Composição das principais competências desenvolvidas em experiências internacionais

Quadro 7 - Resumo das principais descobertas da bibliografia que relaciona empregabilidade e mobilidade estudantil internacional

Quadro 8 - Principais competências e habilidades citadas em bibliografias sobre mobilidade internacional

Quadro 9 - Resumo da percepção dos alunos futuros intercambistas sobre o PGM

Quadro 10 - Resumo da percepção dos alunos egressos sobre o PGM

Quadro 11 - Sugestões de indicadores a serem acompanhados para apoiar na avaliação de empregabilidade.

Quadro 12 - Resumo de perguntas, aprendizados e recomendações

Quadro 13 - Sugestões de indicadores para gestão e acompanhamento do PGM

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução do IDEB

Gráfico 2 - Percepção dos alunos sobre o domínio da língua antes do intercâmbio

Gráfico 3 – Percepção dos alunos sobre o domínio da língua depois do intercâmbio

Gráfico 4 – Percepção dos alunos sobre sua experiência no PGM

Lista de siglas

BELTA - Associação Brasileira de Operadoras de Viagens Educacionais e Culturais

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNE – Conselho Nacional de Educação

EIS - ERASMUS Impact Study / Estudo de Impacto do ERASMUS

EM – Ensino Médio

FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco

FUND – Ensino Fundamental

GRE - Gerência Regional

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

ITEP - Instituto de Tecnologia de Pernambuco

MEC - Ministério da Educação

NELs - Núcleos de Estudos de Línguas

PASCH – Escolas: uma parceria para o futuro

PE - Estado de Pernambuco

PGM - Programa Ganhe o Mundo Pernambuco

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PSB – Partido Socialista Brasileiro

QECR - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação

SEGE - Secretaria Executiva de Gestão da Rede

TCC - trabalho de conclusão de curso

TCE - Tribunal de Contas do Estado

UE – União Europeia

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFs - Unidades Federativas brasileiras

VALERA - *value of ERASMUS mobility*

Sumário

1.	Introdução	15
2.	Proposta metodológica	19
2.1.	Pesquisa bibliográfica e documental	19
2.2	Entrevistas	19
2.3	Grupos focais	21
2.4	Aplicação de questionários	23
3.	Contextualização: o programa Ganhe o Mundo Pernambuco	27
3.1.	Pernambuco - panorama econômico	27
3.2.	Pernambuco - panorama educacional	27
3.3.	Programa Ganhe o Mundo Pernambuco	29
3.3.1	Funcionamento do programa: o ensino de línguas	32
3.3.2	Funcionamento do programa: mobilidade estudantil	35
4.	Análise do programa Ganhe o Mundo Pernambuco	46
4.1.	Proficiência linguística	46
4.2.	Competência intercultural	56
4.3.	Empregabilidade	60
4.4.	Pontos de atenção	80
5.	Recomendações para o Programa Ganhe o Mundo Pernambuco	86
5.1	Objetivos do PGM	86
5.2	Etapas de implementação do PGM	97
5.2.1	Atração – em busca da equidade no PGM	97
5.2.2	Seleção para ambos os componentes – cursos de língua e intercâmbio	99
5.2.3	Curso de línguas	104
5.2.4	Intercâmbio	106
5.2.5	Pós viagem	109
5.2.6	Acompanhamento e avaliação	110
5.2.7	Outras considerações	119
5.3	Pandemia do Covid-19	120
5.3.1	Estudantes da edição 2020.1	120
6.	Conclusão	122
7.	Referencial Bibliográfico	124
8.	Apêndices	129

1. Introdução

Investigar é uma forma de relatar o mundo e a pesquisa social é tanto um produto social para relatar quanto um produtor de relatos; uma maneira de contar - e produzir - o mundo. A pesquisa nasce da curiosidade e da experiência tomados como processos sociais e intersubjetivos de fazer uma experiência ou refletir sobre uma experiência (SPINK, 2003, p. 26).

A ideia para o presente trabalho surgiu, por um lado, do interesse e histórico profissional de uma das pesquisadoras com o ensino de línguas adicionais na rede pública brasileira, e por outro, de seu relacionamento profissional com a Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco, nesse caso específico, com a equipe do programa Ganhe o Mundo Pernambuco (PGM), equipe essa que responde diretamente ao gabinete do Secretário de Educação e Esportes, por ocasião da pesquisa, o Sr. Frederico da Costa Amâncio.

Em diversas ocasiões, como gerente sênior para inglês do *British Council*, a pesquisadora teve a oportunidade de conversar com profissionais da Educação que mencionaram o PGM como um programa de referência no Estado de Pernambuco e no Brasil, propiciando um ensino de línguas adicionais¹ de qualidade e experiência internacional a um número considerável de estudantes do ensino médio da rede pública. Esse programa é totalmente financiado pelo governo do Estado e engloba dois componentes, um de ensino de línguas adicionais para até 25.000 alunos/as do primeiro ano do ensino médio da rede pública estadual pernambucana; e outro de um semestre letivo de intercâmbio para até 1.000 alunos/as do segundo ano do ensino médio em países de língua inglesa, espanhola e alemã. De fato, o PGM é único e pioneiro no Brasil quando se consideram três características intrínsecas ao programa, seu formato - curso de idiomas somado ao intercâmbio -, sua escala - número de alunos atendidos, 25.000 e 1.000, respectivamente -, e sua abrangência – presença em todo o Estado.

Ao mesmo tempo, nas trocas com a equipe do PGM ficava claro o desafio de implementar um programa com esses dois componentes complementares, mas com características muito próprias e que envolvem hoje mais de 180 municípios do Estado, 500 escolas, 26.000 estudantes

¹ Ao invés do uso do termo “língua estrangeira”, optou-se por utilizar “língua adicional” por considerar o último um conceito mais adequado e abrangente. A língua adicional parte da premissa que já se possui ao menos uma língua - a que o estudante fala. Essa língua é, assim, dada pelo acréscimo e portanto, é uma língua a mais e não traz em seu cerne as características individuais do aluno - caso de “segunda língua”, o contexto geográfico - no caso de língua do país vizinho, língua internacional e língua franca - e até mesmo a distância geográfica entre a língua materna e a outra língua - no caso de língua estrangeira (LEFFA, 2014).

– todos/as menores de idade -, parcerias com 10 países e licitações com empresas de ensino de idiomas, bem como com agências de viagens.

Garantir o bom andamento do programa inclui a coleta de informações sobre os/as estudantes e o acompanhamento de sua trajetória durante e após o programa, incluindo a avaliação do rendimento acadêmico dos/as alunos/as e dos projetos interdisciplinares que desenvolvem no pós-intercâmbio. Em seus mais de oito anos de vigência, muitos processos já foram aprimorados e o programa como um todo está mais amadurecido. No entanto, a equipe ainda sente a necessidade de melhorar os mecanismos de monitoramento e avaliação do programa, transformando dados e informações já coletados, ou que poderiam ser coletados, em conhecimento, e divulgando os resultados agregados de curto, médio e longo prazo para a sociedade e para outros gestores públicos interessados em implementar este tipo de ação.

Conforme relatado pelas integrantes da equipe, diversos estudantes universitários e pesquisadores/as os procuram para coletar informações que subsidiem pesquisas sobre o programa, mas, com raras exceções, a equipe não recebe uma devolutiva. Essas pesquisas acabam não retornando como insumo direto para *insights* ou melhorias do PGM.

Em uma busca rápida no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na base Scielo, por exemplo, não foi encontrado nenhum trabalho acadêmico que tenha como tema o programa. Com uma busca bem mais refinada de palavras-chave no próprio Google, foi possível encontrar quatro trabalhos acadêmicos, um trabalho de conclusão de curso (TCC) com uma breve análise do programa Ganhe o Mundo Esportivo (CAVALCANTI, 2017); dois artigos do então presidente da Associação Brasileira de Operadoras de Viagens Educacionais e Culturais (BELTA) para o triênio 2012-2015 (BELTA, 2012), Carlos Roble (ROBLE, 2017), que tratam dos resultados do intercâmbio de estudantes do Ganhe o Mundo que viajaram para a Nova Zelândia, com foco na experiência curricular, e um terceiro artigo com uma avaliação da teoria do programa do Ganhe o Mundo também com foco no intercâmbio (LUNA, 2016).

É nesse contexto que nasce a proposta do presente trabalho. Seus principais objetivos são dois. O primeiro é fazer uma descrição do programa e de sua trajetória, situando-o no contexto educacional e de ensino de línguas na rede de ensino pública estadual de Pernambuco.

O foco do trabalho é o segundo componente, isto é, a mobilidade estudantil dentro do PGM. De qualquer modo, é impossível tratar somente essa fase sem levar em consideração a

anterior, já que participar por um ano do curso de língua adicional no contraturno escolar é pré-requisito, mas não garantia de participação no intercâmbio estudantil. Com isso, busca-se subsidiar futuras pesquisas sobre o programa e preencher uma lacuna identificada pelas pesquisadoras, isto é, a incipiente quantidade de pesquisas acadêmicas que tratam do programa de maneira mais abrangente.

O segundo e principal objetivo do trabalho é realizar uma breve análise do PGM, no intuito não só de apontar dificuldades e desafios, mas principalmente de propor possíveis recomendações que apoiem a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco na melhoria do programa antes, durante e pós-intercâmbio.

Para além desta introdução, o resultado do trabalho está dividido em mais sete capítulos. No capítulo dois, a proposta metodológica é apresentada com a descrição das principais ferramentas utilizadas pelas autoras, sendo estas: pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas, grupos focais e aplicação de questionário. Na sequência, discorre-se sobre o PGM, a fim de aprofundar as referências do contexto de sua criação e execução, com destaque para os panoramas econômicos e educacionais de Pernambuco, além de apresentar e nivelar o conhecimento sobre o funcionamento do programa em si.

No capítulo quatro é apresentada a análise do PGM, tendo como base seus objetivos, isto é, o desenvolvimento nos/as estudantes da proficiência linguística, da competência intercultural e de habilidades voltadas à empregabilidade. As análises são feitas a partir dos mais diversos insumos coletados por meio das ferramentas metodológicas apresentadas no segundo capítulo e somados ao olhar crítico das pesquisadoras em busca de evidências para validar hipóteses variadas sobre o programa e seu impacto.

A partir dessas análises são então apresentadas recomendações no capítulo cinco, a fim de contribuir com o aperfeiçoamento do programa e a transparência na gestão e nos resultados. As recomendações abrangem o refinamento dos objetivos, bem como suas etapas de implementação, que vão desde a atração e seleção de estudantes para o curso de línguas e a mobilidade internacional até o acompanhamento e avaliação do PGM. Por fim, o capítulo seis apresenta a conclusão da jornada desta pesquisa, compilando também as percepções das pesquisadoras frente ao novo contexto pandêmico.

Faz-se importante destacar que a definição do trabalho e de seus objetivos ocorreu em 2019, quando não se previa uma pandemia da magnitude da COVID-19 e que seus impactos afetariam Pernambuco, o Brasil e o mundo de forma tão significativa. Atualmente o programa, tanto no que tange ao módulo de ensino de línguas quanto ao intercâmbio, está paralisado ainda sem previsão de retorno. Intercambistas do programa que estavam no exterior durante a pandemia cumpriram as quarentenas fazendo aulas remotas nos países estrangeiros. Todos/as, sem exceção já retornaram ao Brasil.

Para além do retorno às aulas do sistema de ensino público do Estado, há muitas novas variáveis e condições que certamente impactarão o futuro do programa. Ao mesmo tempo, ainda estamos longe de compreender as reais consequências e impactos da pandemia a médio e longo prazos. Em razão do encaminhamento da pesquisa no momento da pandemia, optamos por manter as análises e recomendações originais, que ainda poderão auxiliar a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco na análise do PGM, seus próximos passos com adequações, e até mesmo outros projetos, atuais e futuros. Ao final acrescentamos breves considerações frente ao novo cenário da pandemia.

2. Proposta metodológica

A pesquisa é exploratória e, quanto aos objetivos, visa a uma melhor compreensão e análise do PGM, o qual ainda não foi muito explorado no Brasil, fazendo uso de diferentes técnicas para a coleta de dados. Para aprofundar a análise em caráter quantitativo e qualitativo foram coletados dados primários e secundários; pesquisa bibliográfica e documental; entrevistas semi-estruturadas; grupos focais e questionários.

2.1. Pesquisa bibliográfica e documental

Esta coleta foi utilizada com vistas a aprofundar o conhecimento e a análise do contexto de ensino de línguas adicionais no Brasil e da mobilidade estudantil como principal estratégia de internacionalização da educação.

Para a análise bibliográfica foram consultados artigos, livros e referências acadêmicas dos temas sobre ensino de línguas, a internacionalização no ensino superior com foco no intercâmbio estudantil, bem como na educação básica através da mobilidade no ensino médio.

Já a análise documental contou com a coleta de relatórios e documentos oficiais da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, entre outras publicações e informações disponibilizadas em formato online ou físico como, por exemplo, notícias que remontam à época do lançamento do PGM, documentos oficiais do Ministério da Educação e informações sobre o ensino de línguas adicionais modernas no Brasil e relatórios e estudos sobre o ensino de língua inglesa do *British Council*. Em ambos os casos, buscou-se analisar qualquer peça de comunicação capaz de oferecer conhecimento de qualidade e diversificado sobre o objeto de pesquisa (YIN, 2010, p. 128-132).

2.2 Entrevistas

Foram realizadas entrevistas com atores ligados ao programa com base em roteiros semiestruturados. Foram entrevistadas três pessoas chave da Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco envolvidas diretamente na tomada de decisão relacionada à implementação do PGM, sendo que uma delas está na Secretaria desde o nascimento do programa, tendo participado também de sua formulação. O objetivo dessas entrevistas foi aprofundar a análise do contexto de formulação e implementação do programa, e identificar desafios a partir da visão crítica das gestoras do programa, bem como das tomadoras de decisão responsáveis pelos próximos passos.

A fim de potencializar as entrevistas e a qualidade dos dados coletados por meio destas, utilizou-se, como já mencionado, o modelo de roteiros semiestruturados, que foram sendo adaptados ao longo das conversas de acordo com os diferentes perfis e o relato das entrevistadas.

Além disso, após cada entrevista, as pesquisadoras realizaram uma reunião para avaliar a qualidade dessa condução e dos dados coletados a fim de aperfeiçoar o trabalho como pesquisadoras nas entrevistas subsequentes. Com isto, algumas alterações foram feitas a cada nova entrevista realizada. Os roteiros para cada entrevista podem ser encontrados no Apêndice I.

O quadro a seguir descreve o perfil e nome das entrevistadas:

Quadro 1 – Detalhamento das entrevistadas

Nome	Cargo	Órgão	Referência
Renata Serpa Vieira	Superintendente do PGM	Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco	Apêndice I
Daniella Nardon Gomes	Gestora Técnica de Intercâmbio	Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco	-
Ângela Dolores Pinto de Melo	Gestora Técnica de cursos de línguas e pós-intercâmbio	Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco	-

Fonte: Elaboração própria.

Optou-se por divulgar o nome das entrevistadas, nesse caso, em razão do número restrito de pessoas que trabalham na Secretaria com o Programa Ganhe o Mundo Pernambuco, fazendo com que não fosse possível manter anonimato, visto que ao dizer que três pessoas da gestão do programa foram entrevistadas, juntamente com a data, seria já implícito quem são as

profissionais. Entretanto, para manter maior privacidade dos relatos, ao longo da pesquisa não serão indicados nominalmente quem falou cada frase, e passaremos a nos referir a cada uma das entrevistadas por meio de letras.

2.3 Grupos focais

Ao todo foram organizadas e conduzidas entrevistas semiestruturadas com dois grupos focais, um com oito estudantes futuros/as intercambistas do programa, e outro com quatro ex-estudantes do programa, isto é, que já haviam participado do intercâmbio. Os roteiros utilizados para a entrevista com cada um dos grupos podem ser encontrados no Apêndice II e III.

Os grupos focais realizaram-se por meio de entrevista semiestruturada em grupos mediados pelas pesquisadoras em duas reuniões presenciais em Recife. A princípio, os grupos focais seriam realizados durante a reunião de pré-embarque do Ganhe o Mundo, ocasião em que estariam presentes todos os/as futuros/as intercambistas do Estado na cidade de Recife, bem como uma ampla gama de egressos/as do programa. Infelizmente, devido a mudanças no cronograma de licitação das agências de viagem a serem contratadas pela Secretaria, o evento foi adiado e a seleção para os grupos focais adaptada à disponibilidade de deslocamento dos estudantes.

Os participantes foram, assim, escolhidos de forma amostral com caráter não probabilístico, primeiramente selecionados pela própria Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, que organizou as reuniões presenciais e, no caso das conversas telefônicas, forneceu o contato de jovens egressos/as do programa. Como a seleção dos/as estudantes foi feita pela Secretaria, deve-se considerar um possível viés nessa amostra com alunos/as cuja experiência e percepção do programa tenderiam a ser mais positivas que negativas.

Um outro aspecto relevante é que os/as estudantes participantes dos dois grupos focais presenciais em Recife eram majoritariamente da capital. Por esse motivo, as pesquisadoras tentaram organizar, primeiramente, um novo grupo focal online com egressos de diferentes regiões do Estado, buscando uma maior representatividade geográfica e temporal, considerando o período em que o intercâmbio foi realizado. Como após duas tentativas isso não se mostrou viável, optou-se por entrar em contato direto com ex-alunos/as de outras regiões individualmente por telefone. Através dessa iniciativa, foi possível entrevistar mais uma egressa do programa. Realizou-se, assim, uma conversa individual com uma ex-aluna do programa como forma de aprofundar algumas informações levantadas na conversa com o grupo focal de ex-estudantes, na

tentativa também de buscar uma diversidade de perfil dos/as entrevistados/as no que se refere a seu ano de participação no programa e sua região de origem no Estado de Pernambuco. Nesse sentido, torna-se importante uma pesquisa complementar para captar as percepções dos/as beneficiários/as do interior do Estado – seja de futuros/as intercambistas ou de egressos/as.

No quadro abaixo, maiores detalhes sobre o perfil dos participantes dessa fase da pesquisa de campo.

Quadro 2 – Detalhamento dos entrevistados

	Qt de	Sexo	Residência	Tipo de escola	Idade	Nível instrução	Graduação	Período Intercâmbio	Línguas	País de destino
Futuros intercambistas	8	7 F 1 M	Região metropolitana Recife	FUND particular e pública	não informado	Segundo ano EM	não se aplica	2019 (8)	Inglês (5) Espanhol (2) Alemão (1)	EUA (2) Canadá (3) Alemanha (1) Chile (1) Espanha (1)
Egressos	4	1 F 3 M	Região metropolitana Recife	FUND particular e ME pública	18 anos (3) não informado (1)	Superior incompleto	Gestão da informação fisioterapia zootecnia engenharia de produção	2017 (2) 2018 (2)	Inglês (2) Espanhol (2)	Nova Zelândia (1) Espanha (1) Colômbia (1) Canadá (1)
	1	1 F	Floresta (interior do sertão)	FUND e ME pública	21 anos	Superior incompleto	Letras - espanhol	2014	Espanhol	Argentina

Fonte: Elaboração própria.

Por incluírem menores de idade, em sua maioria, e para manter anonimato e maior segurança no compartilhamento dos relatos, optou-se por não divulgar os nomes dos entrevistados. Ao longo da pesquisa nos referiremos a cada um dos entrevistados por meio de letras, para manter a qualidade de análise da individualidade de cada um por meio do conjunto de seus relatos, sem a necessidade de identificação, fazendo apenas referência ao grupo que pertencem - se futuros intercambistas ou egressos.

2.4 Aplicação de questionários

Foi realizado um questionário, que consiste na aplicação de um questionário como base para uma pesquisa quantitativa. O questionário – estruturado – foi enviado a todos os alunos e alunas que participaram do intercâmbio, no formato online e sem mediação. O questionário pode ser encontrado no Apêndice IV.

Essa forma de coleta foi escolhida devido à possibilidade de chegar a um maior número de egressos/as do programa - sete mil quinhentos e noventa e seis ex-alunos entre 2012 e o primeiro semestre de 2019, almejando, assim, obter informações de todas as regiões do Estado e dos anos de participação no intercâmbio - de 2012 a 2019 - e construir, a partir das respostas, um panorama com as percepções dos beneficiários sobre o programa.

Para o questionário, utilizou-se uma ferramenta de coleta online de dados - o *Survey Monkey*, divulgada a partir de disparo eletrônico de comunicados, bem como por meio de outros canais de contato da Secretaria, a exemplo da rede social *Facebook* e do aplicativo *WhatsApp*. Portanto, a seleção de amostra se caracteriza como não probabilística, e por acessibilidade dependendo do interesse e comprometimento dos respondentes.

Considerando um universo de sete mil quinhentos e noventa e seis estudantes que participaram do intercâmbio entre o primeiro semestre de 2012 e o de 2019, obteve-se duzentos e sessenta e uma respostas correspondentes a 3,43% do total e ainda assim, com uma média de taxa de conclusão do questionário de 79%.

A princípio, esperava-se um número de respostas maior do que a obtida, mas algumas dificuldades encontradas ao longo do processo foram: (i) o número de perguntas do questionário era considerável – vinte e oito ao todo, com tempo médio de resposta de 10 minutos, o que foi, de qualquer forma, uma escolha das pesquisadoras por considerarem essencial captar informações sobre o perfil dos egressos, bem como percepções antes e após o intercâmbio; (ii) dificuldade de acesso aos ex-alunos, já que, após o programa, a equipe do PGM não mantém contato direto com os egressos, além de não ter seus dados atualizados - muitos acabam trocando de e-mail, mudam de cidade e/ou Estado, de telefone, entre outros desafios como o de acessibilidade à internet e; (iii) dificuldade de engajar os alunos para que compreendessem o valor dos dados fornecidos e assim, respondessem o questionário - desafio este também identificado nas tentativas de agendamento de entrevistas individuais.

A partir dessas constatações priorizou-se a divulgação pela Secretaria através de páginas e grupos no *Facebook*, bem como do *WhatsApp*. Como a Secretaria não podia passar dados de contato direto dos/as beneficiários/as do programa para além dos/as estudantes que participaram voluntariamente dos grupos focais, as pesquisadoras reforçaram o pedido a esses/as egressos/as para que auxiliassem no contato e divulgação para outros colegas participantes do programa. Isso propiciou um pequeno incremento na taxa de resposta do questionário.

Segue detalhamento sobre o perfil dos egressos respondentes do questionário.

Tabela 1 – Detalhamento dos egressos respondentes do questionário online.

Qtde	Sexo	Tipo de escola	Idade	Nível instrução	Graduação	Período Intercâmbio	Línguas	País de destino
261	F (64%) M (32%) PND* (0,77%)	FUND e ME pública (65%) FUND particular e ME pública (35%)	17 anos (51%) 18 anos (20,3%) 16 anos (12,6%) 19 anos (6,1%)	1o grau - 6,5% (erro) 2o grau - 67% Superior incompleto - 23% Superior completo - 3% Pós - 0%	Medicina - 14% Ainda não escolhi - 8% RI - 6% Letras - 6% Psicologia - 5,4% Direito - 5% Odontologia - 4,2%	2012 (1,8%) 2013 (2,2%) 2014 (1,7%) 2015 (2,6%) 2016 (4,4%) 2017 (9,6%) 2018 (28%) 2019 (50%)	Inglês (66%) Espanhol (33,5%) Alemão (0,4%)	Canadá (36%) Nova Zelândia (19%) Chile (13%) Argentina (9,5%) Espanha (7%) Austrália (6%) EUA (5%) Colômbia (3,5%) Alemanha (0,4%) Uruguai (0%)

* PND = prefiro não dizer

Fonte: Elaboração própria.

A maior parte dos respondentes é do sexo feminino – 64%, tem entre 16 e 19 anos e cursou o ensino fundamental em uma escola pública (65%). 63% participou do intercâmbio com 16 anos – todos no segundo ano do ensino médio, entre os anos de 2012 e 2019. Inclusive, uma parte expressiva dos egressos respondentes empreenderam a mobilidade estudantil em 2019 – 50% e em 2018 - 28%. No entanto, se levarmos em conta o número total de estudantes que

participaram do PGM entre 2012 e 2019, os dois últimos anos representam apenas 20,5% do total de alunos. Esse fato pode sugerir a maior facilidade no contato com e engajamento dos estudantes recém voltados do intercâmbio e a importância da contínua interação com esse público para manter seu engajamento em atividades após seu retorno ao Brasil pós-intercâmbio. A maior parte dos/as egressos/as estudou em países de língua inglesa (66%) – Canadá, Nova Zelândia, Austrália e Estados Unidos, seguido de países de língua espanhola (34%) – Chile, Espanha e Colômbia.

Considerando, assim, a amostra de estudantes do PGM - egressos e futuros intercambistas participantes no estudo, torna-se evidente o viés da amostra - amostra essa que não pode ser considerada representativa do universo dos estudantes que participaram do programa e que portanto, traz limitações às conclusões apresentadas no presente trabalho. De qualquer forma, é importante reforçar que as pesquisadoras trabalharam com a amostra possível, dado as dificuldades de acesso a informações sistematizadas sobre o universo de alunos/as participantes do PGM. Essa dificuldade por si só já é um ponto que será levado em consideração no capítulo cinco: Recomendações para o Programa, já que traz importantes *insights* para a melhoria do PGM, seja a partir da coleta e manutenção de dados dos egressos, bem como seu contínuo engajamento, principalmente dos que participaram do programa nas edições menos recentes, além da importância de aumentar esse engajamento com estudantes do interior do estado de Pernambuco.

A seguir um resumo das principais ferramentas de coleta de dados, com a caracterização de alguns de seus componentes:

Quadro 3 - Principais ferramentas de coleta de dados.

Tipo de dados	Classificação	Fonte	Objeto	Qtde	Identificação ²
Secundários	Investigação documental	Diversos (documentos oficiais do	Programa	Vários	Sem identificação

² Para o presente trabalho, optou-se por identificar nominalmente as gestoras do PGM, já que as informações transmitidas pelas entrevistadas são de cunho oficial ao programa. Por outro lado, optou-se por não identificar nominalmente os estudantes futuros intercambistas e egressos dos grupos focais e respondentes do questionário, para que se sentissem à vontade em compartilhar informações sobre sua experiência com o PGM.

		governo, sites, relatórios e outros)			
Secundários	Pesquisa bibliográfica	Diversos (livros, artigos, dentre outras publicações acadêmicas)	Outras políticas, programas	Vários	Sem identificação
Primários	Entrevista Semi Estruturada	Entrevista presencial individual	Gestoras do PGM	3	Renata Serpa Vieira, Daniella Nardon Gomes, Ângela Dolores Pinto de Melo
Primários	Pesquisa Estruturada	Entrevista online individual	Alunos/as egressos/as do programa	261	Sem identificação nominal
Primários	Grupo focal Semi Estruturado	Entrevista presencial e conversas telefônicas individuais	Alunos/as egressos/as do programa	5	Sem identificação nominal
Primários	Grupo focal Semi Estruturado	Entrevista online em grupo	Alunos /as futuros intercambistas	8	Sem identificação nominal

Fonte: Elaboração própria.

3. Contextualização: o programa Ganhe o Mundo Pernambuco

3.1. Pernambuco - panorama econômico

O Estado de Pernambuco (PE) possui uma população de 8.796.448 pessoas (IBGE, 2010). Em 2011, ano de criação do PGM, o referido Estado encontrava-se em um ciclo de expansão econômica, apresentando um ritmo de crescimento superior à economia nacional - a taxa de crescimento de PE em 2011 era de 4,5% do PIB, 1,8% acima da nacional - e representava, em 2009, aproximadamente 18% do PIB da região Nordeste, atrás apenas da Bahia. O principal componente do PIB do Estado era o setor de serviços com 73,2%, seguido pelo industrial com 22% do PIB. O emprego assalariado com carteira assinada também apresentou um crescimento em 2011 de 7,58% com o Estado obtendo o melhor desempenho da região Nordeste. Os programas de incentivos fiscais figuravam à época como essenciais para a instalação de diferentes empresas em Pernambuco, o que por sua vez, impulsionava a economia (PERNAMBUCO, 2011).

3.2. Pernambuco - panorama educacional

De acordo com os dados do Censo Escolar de 2018, o Estado de Pernambuco possui um total de 8.660 escolas de Educação Básica públicas e privadas, sendo 1.052 destas pertencentes à rede estadual de ensino. Para o ensino médio - atribuição dos governos estaduais e etapa em que os estudantes participam do PGM - há no primeiro, segundo e terceiro anos, respectivamente, 100.083, 88.251 e 77.120 matrículas na rede estadual, um total de 265.454 matrículas nesses três anos e correspondente a 4,3% das matrículas nesse nível de ensino no Brasil (QEDU, 2019).

Desde 2014, a Secretaria de Educação e Esportes conta em sua estrutura básica com Gerências Regionais de Educação - hoje são dezesseis - que abrangem todo o Estado e cujo papel é coordenar, avaliar e gerir as escolas de sua área. No mapa abaixo tem-se a divisão dessas regionais no Estado.

Figura 1 – Mapa de Pernambuco

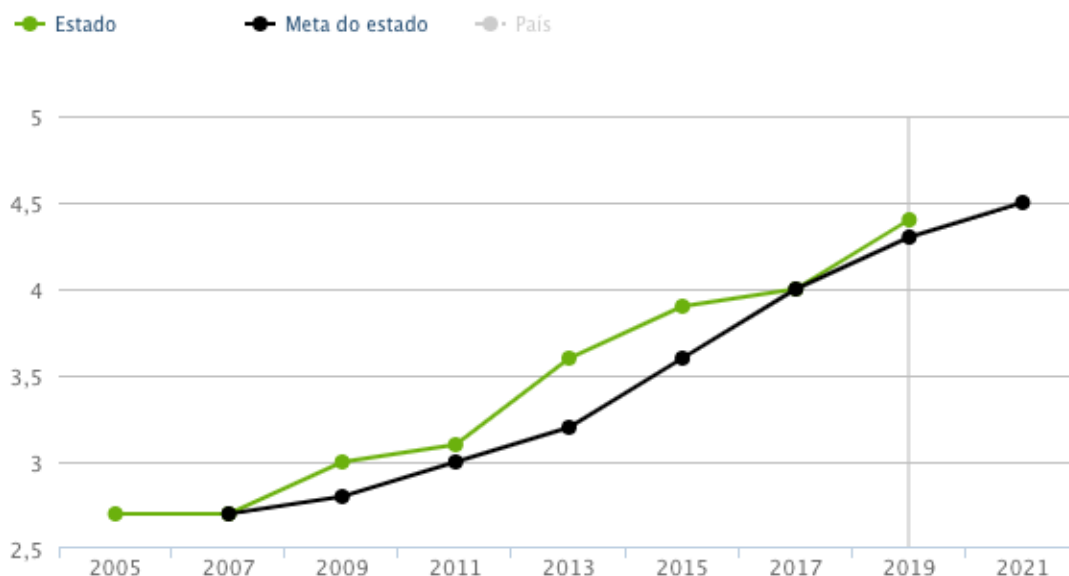


Fonte: PERNAMBUCO (s/d).

Essas gerências têm um papel essencial no PGM, pois em cada uma há ao menos um/a coordenador/a regional responsável pelo programa na ponta, mobilizando escolas e estudantes, além de organizar a oferta de cursos de idiomas e estabelecer um vínculo com os/as intercambistas, zelando pelo contato direto com esses/as alunos/as pré-, durante e pós-intercâmbio.

Com relação aos resultados educacionais do estado, verifica-se uma evolução na média do desempenho das escolas estaduais pernambucanas a partir de dados do último Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Segundo o Ministério da Educação (MEC), esse indicador nacional possibilita o monitoramento da qualidade da educação através do cálculo de dois componentes: a taxa de rendimento escolar, isto é, a aprovação, bem como as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (BRASIL, s/d). O gráfico abaixo ilustra a evolução de Pernambuco, considerando a média atingida pelo estado desde 2005 até 2019, ano do último IDEB, bem como sua meta para cada edição e dados da média do Brasil.

Gráfico 1 – Evolução do IDEB



Fonte: Extraído de QEDU (s/d).

Nota-se que o estado vem em um crescente, saindo de uma média menor que a nacional e superando suas metas de 2009 até 2019. Em 2017, a média do desempenho das escolas estaduais pernambucanas no ensino médio atingiu quatro pontos - meio ponto acima da média nacional (QEDU, 2019), e em 2019 atingiu 4,4, apenas um décimo acima da meta (QEDU, 2020). Ainda que com resultados acima da média nacional, o Estado encontra-se longe da meta do IDEB estabelecida para 2022 - média seis correspondente aos sistemas educacionais de países desenvolvidos.

Com relação ao ensino de línguas na rede pública estadual, há a oferta de aulas no ensino regular – uma a duas horas semanais a partir do ensino fundamental II até o fim do ensino médio. Além disso, há 34 Núcleos de Estudos de Línguas (NELs) – espaços dentro das próprias escolas públicas específicos para o aprendizado de inglês, espanhol, francês e alemão, onde os alunos podem aprender esses idiomas no contraturno escolar de acordo com seu interesse e disponibilidade de vagas (PERNAMBUCO, 2019).

3.3. Programa Ganhe o Mundo Pernambuco

Nesse cenário e no bojo de outro programa de intercâmbio estudantil - o Ciência sem Fronteiras, de âmbito federal - é que o PGM foi criado, ao fim de 2011 pelo então governador, Eduardo Henrique Accioly Campos (PSB). De acordo com a entrevistada Ângela Melo, ele nasceu como um projeto especial de seu gabinete e com a força de uma lei e, inicialmente, tinha

como objetivo central expandir o acesso de jovens pernambucanos do ensino médio da rede pública ao aprendizado de línguas adicionais - inglês e espanhol e mais tarde, o alemão - buscando atender, assim, à demanda do mercado de trabalho por mão-de-obra proficiente em um segundo idioma, como já visto, em uma época de crescimento econômico acelerado do Estado.

No primeiro edital do programa, mais especificamente, para os cursos de inglês e espanhol, publicado pela Secretaria de Educação de Pernambuco em 04 de novembro de 2011 está explícito que o foco dos cursos é a oralidade, ou seja, os/as estudantes devem desenvolver competências comunicativas que lhes permitam interagir na língua adicional de acordo com a situação apropriada (PERNAMBUCO, 2011a). Isso torna-se ainda mais relevante num contexto em que o Brasil já havia sido escolhido para sediar um grande evento, isto é, a Copa do Mundo em 2014. O grande jogo representava para o país, e inclusive para Pernambuco, uma maior exposição no cenário internacional bem como maiores oportunidades de interação com os mais diferentes países.

As justificativas para a criação dos cursos de inglês e espanhol são explicitadas nesse mesmo edital. Para além da realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil com Pernambuco como uma das sedes para os jogos, aparecem como justificativas adicionais: (i) a expansão da oferta na rede estadual de Pernambuco do ensino médio, do ensino médio integral e da educação profissional, fornecendo, assim, as condições para oferta complementar de ensino de idiomas para além da disponível na matriz curricular e; (ii) o conhecimento de idiomas como componente de destaque curricular na formação acadêmica e profissional da juventude do século XXI, e essencial em um mercado de trabalho que se mostra cada vez mais globalizado (PERNAMBUCO, 2011a).

É interessante ressaltar que nesse edital ainda não há menção explícita ao nome Ganhe o Mundo Pernambuco, sendo ele nomeado “Comunicado para cursos de inglês e espanhol”. De qualquer forma, durante a entrevista com as implementadoras do programa, uma das gestoras afirmou que em sua concepção, o PGM já havia sido pensado e desenvolvido com seus dois componentes - o primeiro de ensino de idiomas e o segundo de mobilidade estudantil. Segundo a Entrevistada C, o Ganhe o Mundo:

[...] já pensava na mobilidade, porém o principal [objetivo] da época era expandir o idioma para todo o Estado para que a gente pudesse ter essa mão-de-obra capacitada, porém, ele já foi criado com a questão dos melhores do curso irem para o intercâmbio, né? Ele foi criado, porém eram 25.000 vagas para 1.000 – Entrevistada Ângela Melo

Com aproximadamente um mês de diferença, em 7 de dezembro de 2011, é publicada a Lei 14.512 instituindo o então denominado projeto (não programa) Ganhe o Mundo, visando à oferta de um programa de intercâmbio internacional aos alunos e alunas do segundo ano do ensino médio, criando a bolsa-intercâmbio e definindo os critérios para a seleção de seus/suas beneficiários/as (PERNAMBUCO, 2011c).

Em uma entrevista dada por Aurélio Molina da Costa - à época Superintendente do PGM - para a revista Negócios PE, esse programa é descrito como uma marca de Eduardo Campos, que o via como um poderoso instrumento capaz de transformação tanto educacional como cultural e, ao mesmo tempo, de inclusão social. O superintendente também reforça a capacidade de gestão do então governador, que em um espaço de tempo recorde criou e garantiu a implementação do programa (MOLINA, s/d).

De fato, entre a publicação do já mencionado primeiro edital para os cursos de inglês e espanhol - 4 de novembro de 2011 e o início das aulas para 25.000 alunos do primeiro ano do ensino médio inscritos - 17 de novembro de 2011, decorreram-se apenas treze dias. Além disso, transcorreram-se apenas oito meses entre sua criação e a primeira leva de estudantes enviados para o intercâmbio - entre julho e setembro de 2012, 548 estudantes embarcaram para os Estados Unidos e o Canadá para cursar um semestre letivo em escolas de ensino médio.

Até o fim do primeiro semestre de 2019, mais de 82.000 alunos já haviam concluído os cursos de inglês, espanhol e alemão e mais de 7.500 já haviam participado do intercâmbio em países de língua inglesa, espanhola e alemã. De acordo com os implementadores, o programa como um todo tem objetivos conforme abaixo (PERNAMBUCO, s/d.b):

(i) acelerar nos jovens o nível de proficiência no idioma estrangeiro, tornando Pernambuco o primeiro estado bilíngue do país;

(ii) desenvolver nos jovens competência intercultural através do convívio com outras culturas, costumes e línguas e oferecendo meios para que desenvolvam habilidades, competências e conhecimentos que os diferenciem;

(iii) aumentar a empregabilidade desses jovens na medida em que promove a aplicação prática do conhecimento adquirido durante o intercâmbio (PERNAMBUCO, s/d.b).

Apesar de constar “idioma estrangeiro” no objetivo (i) do PGM, será adotado a partir de agora o termo “língua adicional” devido a nosso alinhamento teórico, metodológico e ideológico.

Conforme já mencionado na introdução do presente trabalho (p. 15), a língua adicional enfatiza o acréscimo à(s) língua(s) já falada(s) pelo estudante e não traz a dicotomia nativo x estrangeiro, não ressaltando a distância geográfica da língua materna (LEFFA, 2014).

3.3.1 Funcionamento do programa: o ensino de línguas

Como já mencionado, o aprendizado de uma língua adicional é considerado um diferencial no currículo do jovem pernambucano quando da sua busca por um espaço no mundo do trabalho. Com isso em mente, o PGM oferta anualmente 25.000 vagas³ para os cursos intensivos de inglês, espanhol e alemão exclusivamente para estudantes da rede pública matriculados no primeiro ano do ensino médio. Cerca de 32.000 estudantes de 1.049 escolas são inscritos anualmente nos cursos e a seleção se dá a partir de um ranqueamento de notas para o preenchimento das vagas. Os estudantes que apresentarem o maior resultado após somatório das médias dos dois primeiros bimestres em Português e Matemática preenchem as 25.000 vagas e poderão aprender a língua adicional escolhida no contraturno escolar por um ano, sendo este composto por dois módulos e seis estágios (iniciante, básico 1, básico 2, pré-intermediário 1, 2 e intermediário 1) e somando ao todo 324 horas/aula.

Há, portanto, dois filtros na seleção de alunos para os cursos, sendo o primeiro deles o interesse pessoal no aprendizado de uma língua adicional, o que os leva a se inscrever no curso, e o segundo o bom desempenho escolar em português e matemática.

Na tabela que segue encontram-se os dados gerais sobre os cursos intensivos de línguas como um todo ofertados de 2012 a 2018, considerando o número de escolas e municípios envolvidos, bem como o número de turmas e alunos/as inscritos/as.

³ A partir de uma conversa com a equipe do PGM no início de 2020, verificou-se que o número de vagas disponibilizadas para o curso de línguas foi reduzido a partir do referido ano em 10.000, perfazendo agora 15.000 vagas para as três línguas - inglês, espanhol e alemão. Como nos documentos oficiais analisados ainda consta 25.000 como o número de vagas totais ofertadas e a pesquisa empreendida refere-se ao período de 2011 a 2019, optou-se por manter a informação oficial de 25.000 vagas.

Tabela 2 – Números Gerais PGM Cursos

NÚMEROS GERAIS PGM CURSOS							
PGM / CURSOS	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Escolas	337	390	483	554	512	507	526
Turmas	1.007	1.010	916	963	981	1.153	669
Inscritos	25.000	25.000	25.000	25.000	25.000	25.000	15.000
Municípios	125	175	176	180	179	181	175
Concluintes	21.247	18.667	19.958	22.895	processo	processo	Em andamento

Fonte: Extraído de Pernambuco (s/d).

As turmas são compostas de cerca de 25 a 30 alunos/as cada, número menor de alunos por sala de aula quando comparado a uma turma de línguas no ensino regular. No entanto, como o foco do PGM é o desenvolvimento da oralidade dos estudantes nessas línguas adicionais, essa quantidade de alunos em sala somado ao tempo total de horas/aula disponível para esse aprendizado ainda representam um enorme desafio para que esse objetivo seja, de fato, atingido.

As aulas são oferecidas nas próprias escolas públicas, sendo que seu número aumentou consideravelmente de 2012 a 2018, passando de 337 escolas para 526, bem como o de municípios - de 125 em 2012 para 181 em 2017 e 175 em 2018. Isso significa que hoje 50% das escolas da rede estadual em 95% dos municípios participam do programa. Na primeira edição dos cursos de línguas - inglês e espanhol- as 337 escolas foram indicadas por suas regionais e então convidadas a participar do programa.

Nos anos de 2016 e 2017, o Tribunal de Contas do Estado (TCE) realizou uma auditoria especial devido a questionamentos sobre os valores pagos para a empresa contratada via licitação para oferta dos cursos de idiomas. Com isso houve mais de uma medida cautelar, o que acarretou paralisações dos cursos. Devido às constantes interrupções, de um total de 25.000 alunos iniciando o curso no segundo semestre de 2016, apenas 6.000 concluíram o curso em 2018, de acordo com a entrevistada Ângela Melo. Inclusive um dos egressos do grupo focal mencionou sua dificuldade com o idioma ao chegar na Nova Zelândia devido às poucas aulas realizadas ainda no Brasil, informação fornecida pelo entrevistado D (egresso PGM).

Apesar das dificuldades impostas ao programa, as entrevistadas ressaltaram a importância do aprendizado com auditorias, o que gerou a possibilidade de aprimorar determinados pontos nos termos de referência para licitação da empresa que oferta os cursos de idiomas, principalmente no que se refere à prestação de contas das aulas ministradas. Como exemplo, a entrevistada Ângela Melo cita a criação de um sistema que permitirá a validação da frequência,

agora eletrônica – até então a mesma era feita manualmente, isto é, olhando atas; a verificação do rodízio de professores ministrando os cursos, entendendo os motivos para tanto, a maior proximidade com os gestores das escolas etc.

Todos os alunos iniciam o curso no segundo semestre do ano no nível iniciante - não há um teste de nível inicial - e após um ano os estudantes terminam o curso tendo completado o nível intermediário 1. A maior parte das vagas é voltada para o aprendizado da língua inglesa. No edital de 2018, por exemplo, 75% das vagas era para esse idioma, enquanto 24% das vagas voltava-se para o espanhol e apenas 1% delas para o alemão.

As aulas de inglês, espanhol e alemão são realizadas por meio de aulas presenciais ministradas nas dependências das próprias escolas estaduais durante o contraturno escolar. De acordo com o tipo de jornada escolar - regular, semi-integral e integral – os/as estudantes são organizados/as em turmas pela manhã, à tarde ou ao fim do dia com um total de nove horas semanais de língua adicional. Para a oferta desse serviço, o governo de Pernambuco optou por contratar uma instituição privada via licitação. Sua vigência é de três anos e a empresa vencedora fica, então, responsável pelo desenvolvimento e fornecimento do material didático de acordo com o estipulado pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, bem como por ministrar as aulas dos três idiomas nas escolas da rede, além do acompanhamento dos alunos ao longo desse componente do programa. Até 2019, a empresa que realiza esse serviço é a Pearson, mas no segundo semestre do referido ano um novo edital foi lançado para uma nova licitação.

Ao longo do curso, mais precisamente ao fim do primeiro e segundo módulos, são realizadas provas testando as quatro habilidades - compreensão auditiva, fala, escrita e leitura. Essas avaliações não são, no entanto, eliminatórias e servem para acompanhar o aprendizado dos alunos e identificar necessidades de apoio específico por parte do professor. É importante ressaltar que a equipe do PGM tem acesso a esses dados.

Apesar de a participação no curso de idiomas não garantir automaticamente a seleção do aluno para o intercâmbio pelo programa - dos 25.000 apenas 1.000 são contemplados com o intercâmbio, completar o curso com uma frequência mínima de 85% e fazer todas as avaliações requeridas são pré-requisitos para os estudantes poderem candidatar-se ao programa de intercâmbio, o segundo e mais visado componente do PGM - “a cereja do bolo”. Todas essas informações foram coletadas através de entrevistas, mais especificamente a partir do contato com a entrevistada Ângela Melo.

3.3.2 Funcionamento do programa: mobilidade estudantil

Como já mencionado, 1.000 estudantes que participam do curso de idiomas, isto é, 4% dos/as participantes dos cursos de línguas são selecionados para estudar por um semestre letivo em escolas de ensino médio no exterior, podendo ir para os seguintes países: Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia (língua inglesa); Espanha, Argentina, Chile, Colômbia e Uruguai (língua espanhola) e Alemanha (língua alemã).

A partir de 2015 estabeleceu-se uma nova modalidade de intercâmbio dentro do programa - o PGM esportivo e em 2016, o PGM musical em parceria com o Conservatório Pernambucano de Música. Criadas pelo governador Paulo Câmara (PSB), a primeira modalidade é voltada a estudantes que já são atletas e participam de competições no estado e no país. Com a bolsa de estudos, eles/as estudam e treinam por três meses em centros de excelência esportiva no Canadá. Já o/a aluno/a com aptidão musical passa cinco meses no Canadá desenvolvendo e aprimorando suas habilidades musicais (PERNAMBUCO, 2018). Com isso, a modalidade de intercâmbio já existente passa a ser chamada de PGM tradicional.

Para participar do processo seletivo, os estudantes devem preencher os seguintes requisitos: (i) estar regularmente matriculados no segundo ano do ensino médio de uma escola da rede pública estadual e com cadastro atualizado no sistema escolar no ensino público estadual (SIEPE); (ii) ter média mínima de 7,0 em português e matemática, além de não ter sido reprovado no ano anterior; (iii) frequência mínima de 80% no ensino médio e no curso de línguas; (iv) ter no mínimo 14 anos no dia do embarque e no máximo 17 anos no dia de retorno ao Brasil. Esse limite de idade é estabelecido pelos países que recebem os estudantes e por isso entra como critério eliminatório (PERNAMBUCO, s/d.b).

Preenchendo esses requisitos, atestados pela verificação automática no sistema, a segunda etapa da seleção é uma prova do idioma escolhido no modelo múltipla-escolha, cuja nota mínima deve ser 7,0 e tem peso três. Os candidatos também prestam uma prova de múltipla-escolha de português e matemática, ambas com peso um. A terceira etapa da seleção é a classificação por média ponderada das notas de português, matemática e da prova de idiomas.

Nos primeiros editais do programa, os alunos eram classificados de acordo com seu mérito independente da escola onde estudavam. Com isso havia muitos estudantes das mesmas escolas de referência no Estado que eram contemplados com o intercâmbio e muitas vezes, outros

alunos que tinham notas excelentes em suas escolas - mas não tão altas quanto esses colegas, não eram contemplados, segundo a entrevistada Ângela Melo.

Ainda de acordo com a mesma entrevistada, com o tempo, o processo seletivo foi sendo aprimorado visando uma maior representatividade de estudantes de diferentes escolas e uma distribuição mais equilibrada pelas diferentes regiões do Estado e, hoje, a classificação é dada a partir da seleção de um candidato por idioma por escola, onde é ofertado o curso ou que tem um/a aluno/a participando do programa. As vagas que sobram são então distribuídas por idioma proporcionalmente ao número de estudantes participantes do curso de línguas por Gerência Regional (GRE), levando-se em conta a média dos resultados apresentados em cada uma das GREs em ordem decrescente.

Os estudantes selecionados comprometem-se a continuar o curso do idioma até o momento do embarque, bem como a tirar notas acima de 7,0 e manter a frequência de 80% na escola regular. Caso contrário, podem ser desclassificados e perdem a bolsa de estudos. Eles também devem obrigatoriamente participar de uma entrevista e de reuniões de orientação e de pré-embarque para seu preparo para o estudo no exterior, as quais são organizadas pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco.

A entrevista com os alunos tem como objetivo conhecer melhor e mais profundamente cada um dos intercambistas. Para tanto, além do preenchimento de formulários pelo próprio aluno, seus responsáveis legais e o gestor da escola onde estuda, um psicólogo faz uma entrevista presencial com o aluno, aprofundando questões no intuito de detectar potenciais problemas e fazer recomendações.

Esse é um componente que tem sido aprimorado ao longo dos anos - formulários e entrevistas com questões adaptadas ou adicionadas - a partir da experiência da equipe do PGM com o programa e os desafios encontrados ao longo do acompanhamento dos estudantes durante o intercâmbio. Esses dados são armazenados pela equipe e são as primeiras informações acessadas quando há alguma necessidade de suporte aos intercambistas, desde os casos mais simples de dificuldade inicial de adaptação dos alunos com o fuso horário até casos mais complexos em que há necessidade de mudança de família hospedeira ou problemas comportamentais. Apesar de continuarem armazenados, esses dados, no entanto, não são utilizados a posteriori como insumo para uma pesquisa sobre o perfil desses intercambistas e suas famílias.

Para efetivar o intercâmbio o governo do Estado contrata anualmente via licitação agências de viagens, cuja responsabilidade é a operacionalização do intercâmbio estudantil nos países no exterior. São elas que apoiam a escolha e efetuam o pagamento dos programas internacionais, realizando a matrícula do/a aluno/a na escola pública no exterior e fornecendo material didático de acordo com os requisitos do MEC para a validação do currículo; alocando o/a estudante na casa de uma família local (família hospedeira sem conhecimento de português) e repassando o valor de seis bolsas intercâmbio - hoje no valor total de R\$4.314,00 - ao longo da estadia do estudante no exterior para sua subsistência; acompanhando o desenvolvimento acadêmico dos intercambistas e enviando relatórios de rendimento escolar e frequência para a equipe do PGM, além de validar e fazer a tradução juramentada do histórico escolar dos estudantes a tempo para que retornem aos estudos no Brasil - com prazo máximo de 90 dias após o retorno desses estudantes.

Normalmente várias agências participam do pregão eletrônico, já que essas 1.000 bolsas de intercâmbio estudantil são organizadas a partir de lotes por países - um lote para Argentina, um para o Chile, um para a Espanha, um para a Alemanha, um para a Austrália, um para a Nova Zelândia e três lotes para o Canadá, pois o último recebe o maior número de estudantes do programa. Dependendo de sua capacidade técnica, a mesma agência pode ficar responsável por mais de um lote.

Essa solução foi escolhida pelo governo pernambucano devido não só à já consolidada expertise de agências de intercâmbio privadas no contato com programas internacionais e implementação de intercâmbios estudantis, mas também porque, de acordo com a entrevistada Renata Serpa Vieira, na lei de licitação brasileira consta que o Estado não pode fazer contratação e pagamentos em moeda estrangeira, precisando, assim, contratar um intermediário - a agência de viagens.

Os países e o número de estudantes enviados/as a cada um deles são definidos pela equipe do PGM a partir de critérios como a posição do país em rankings de avaliação de desempenho educacional; a capacidade desses países em ofertarem vagas em suas escolas públicas para alunos estrangeiros e em residências de famílias hospedeiras; além do histórico de bom relacionamento do governo Pernambucano com esses governos estrangeiros - o que pode facilitar tramitações e diminuição de despesas com vistos. Outro fator muito relevante é o custo do intercâmbio, que varia de acordo com o país. O Canadá recebe, por exemplo, um número maior de estudantes por agregar as características mencionadas acima, isto é, um menor custo do intercâmbio, a facilidade

ALEMANHA	-	-	-	-	-	-	10	-	10
GERAL	548	1264	1571	682	1015	959	901	656	7596

* atualizado em março/2019

Fonte: Pernambuco (s/d).

No primeiro ano do programa de intercâmbio, 2012, foram contemplados apenas países de língua inglesa, mais precisamente, o Canadá e os Estados Unidos. A partir de 2013, iniciou-se o intercâmbio para países de língua espanhola - Espanha, Chile e Argentina. Já o programa de intercâmbio no Uruguai foi realizado nos anos de 2015 e 2017, sendo descontinuado a partir de então e substituído pela Colômbia.

Por outro lado, a Alemanha como destino de estudo entrou no programa a partir do primeiro semestre de 2018 devido, por um lado, às boas relações já mantidas com o governo alemão através do Consulado em Recife e com o *Goethe-Institut* e, por outro, pela demanda presente em uma escola específica da rede - a Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano. De acordo com a equipe do Ganhe o Mundo, esta é uma escola bem atuante e com excelentes resultados educacionais e que já participava de uma iniciativa chamada Escolas: uma parceria para o futuro⁴, financiada pelo Ministério das Relações Exteriores Alemão e implementada pelo *Goethe-Institut* São Paulo. Através dessa iniciativa, o ensino de língua alemã já se fazia presente na matriz curricular da escola como matéria optativa e, desde 2009, alunos do idioma alemão tinham a oportunidade de participar de intercâmbios de curta duração para aprofundar o estudo da língua e conhecer mais de perto a cultura alemã. A demanda própria da escola e o interesse do corpo consular alemão em estimular o ensino da língua resultou na ampliação da oferta de aulas e do intercâmbio, agora através do PGM em cinco escolas da rede estadual na região metropolitana, conforme informou a entrevistada Renata Serpa Vieira.

Nos números gerais do PGM, nota-se que 2013 e 2014 foram anos em que mais se enviaram estudantes para o intercâmbio, 1.264 e 1.571 alunos/as respectivamente. Em 2015, há uma queda considerável com o envio de apenas 682 discentes e novo aumento em 2016, 1.015, e uma estabilização nos anos seguintes, com 959 alunos enviados em 2017 e 901 em 2018. É importante ressaltar que o número de alunos contemplados com a mobilidade em 2019 refere-se

⁴ A iniciativa Escolas: uma parceria para o futuro (PASCH) apoia o aprendizado do alemão em 1.500 escolas pelo mundo, visando despertar o entusiasmo dos jovens pelo aprendizado da língua e cultura alemã. No Brasil há 20 escolas públicas e privadas que integram a iniciativa, dentre elas a Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano (GOETHE-INSTITUT, 2020).

apenas ao primeiro semestre do ano, não sendo, portanto, o número total final de contemplados/as para 2019. Devido a dificuldades na licitação das agências de viagens responsáveis pelo intercâmbio no segundo semestre de 2019, houve atrasos no envio dos estudantes para o exterior com programas sendo postergados para janeiro de 2020.

No dia dez de dezembro de 2019, o governador Paulo Câmara lançou um novo destino para o PGM - o Reino Unido e uma nova modalidade do programa - o Ganhe o Mundo Técnico, que como o próprio nome já diz, tem o intercâmbio focado nos cursos técnicos. Para a edição de janeiro de 2020, quinze alunos foram contemplados com o intercâmbio em *Bournemouth & Poole College* na Inglaterra, onde cursaram as seguintes áreas: Administração, Desenvolvimento de Sistemas, Edificações, Jogos Digitais e Suporte e Manutenção de Rede (BRITO, 2019).

Em média, os/as alunos/as cursam um semestre acadêmico na escola pública de ensino médio no exterior. Semanalmente sua carga horária mínima é de 30 horas-aula, sendo que os intercambistas devem optar por ao menos cinco matérias eletivas entre (i) inglês, espanhol ou alemão; (ii) matemática; (iii) história, geografia, sociologia, filosofia; (iv) física, química, biologia; (v) artes; (vi) educação física, entre outras atividades culturais e acadêmicas.

Durante esse período no exterior, os estudantes ficam alocados em casas de famílias nativas para que tenham a oportunidade de experienciar a cultura e aprimorar o idioma do país estrangeiro. As agências de viagens ficam responsáveis pela seleção das famílias de acordo com o perfil dos alunos. De acordo com a equipe do PGM, a taxa de evasão do intercâmbio, isto é, de alunos que desistem e voltam ao Brasil ou nem chegam a ir para o exterior é mínima – aproximadamente um por ano. Isso porque os/as estudantes selecionados/as se empenham tanto para conseguirem o intercâmbio - focados no estudo na escola e fora da sala de aula para conseguirem um bom desempenho e serem os selecionados - que desistir não é considerada uma opção, apesar das dificuldades de adaptação relatadas. Nas entrevistas com a equipe do PGM, bem como nas dos grupos focais com os egressos e os futuros intercambistas do programa, é mencionado que os selecionados para o intercâmbio são considerados os 1.000 melhores alunos do Estado e, portanto, os representantes de Pernambuco no exterior;

Afinal, a gente é representante do estado de Pernambuco. Somos os mil melhores alunos do Estado. Somos, de fato, a materialização de Pernambuco no exterior. Antes de representar o Brasil representamos o nosso Estado (ENTREVISTADO D, egresso PGM).

Durante a preparação para o intercâmbio ainda no Brasil, os/as estudantes contam com o apoio do/a coordenador/a regional – integrante da equipe PGM alocado/a na Secretaria de

Educação e Esportes -, bem como do/a coordenador/a local – integrante da equipe da GRE onde o aluno estuda. Além dessas duas pontes de interlocução, uma regional e outra local, as quais os/as intercambistas têm acesso vinte quatro horas ao dia, sete vezes por semana, os/as discentes no exterior também contam com a agência de viagens e um/a coordenador/a local responsável por um grupo de alunos/as e a escola. A equipe do PGM está sempre disponível, mas fomenta nos/as alunos/as o desenvolvimento de sua independência e autonomia, para que eles/as busquem resolver seus problemas – se com a família hospedeira, dialogando com a mesma, se com a escola, com o coordenador local etc. – e sem muito contato direto com o Brasil, conforme nos informa a entrevistada Daniella Gomes.

Entre as dificuldades durante o intercâmbio, a equipe ressalta que a maior parte está relacionada à adaptação inicial, nada fora do usual e pela qual todo intercambista passa.

Muita coisa às vezes é dificuldade na comida, a timidez, né? Nessa chegada. É, essa casa não é o que eu esperava, né? E é que é aquele começo, aquele meio primeiro mês, tá? Que saiu é que saiu da expectativa né? Ele tinha uma expectativa e, assim, uma desilusão em relação a essa expectativa. Mas coisas bem normais do que a gente vê. Nada muito anormal do que um intercambista tem, né? (ENTREVISTADA Daniella Gomes)

Desde 2016, a equipe envia questionários em formato *Google Forms* aos/às intercambistas após um mês no exterior, bem como aos/às egressos/as, um mês após sua volta ao Brasil. O intuito é coletar, no caso do primeiro grupo, as impressões iniciais do estudante sobre o intercâmbio em si, a família, a escola, levantando possíveis dificuldades de adaptação. No caso do segundo grupo – os egressos, o objetivo é entender como o aluno está se sentindo durante a readaptação ao país, levantando possíveis dificuldades. A taxa de retorno desses questionários, no entanto, vem decrescendo ao longo dos anos e a equipe considera agora a necessidade de tornar esses itens obrigatórios para a participação do estudante no intercâmbio.

A entrevistada B ressalta que o “sonho de consumo” seria ter um sistema unificado em que se tenha acesso a todo o histórico do aluno, com informações que vão desde suas notas na seleção do curso de idiomas até dados sobre a continuidade de seu estudo pós-intercâmbio. Com isso, seria possível verificar de maneira integrada e de fácil acesso o resultado do programa, o que hoje não acontece devido ao grande volume de informações em diferentes formatos e locais de acesso e a quantidade reduzida de pessoal para efetuar esse diagnóstico.

Na volta ao Brasil, os estudantes têm assegurado o reconhecimento dos componentes cursados no exterior. Para viabilizar isso, foi inclusive publicado no Diário Oficial de

Pernambuco a instrução normativa número 1/2013 - em onze de janeiro de 2013, que orienta os procedimentos a serem tomados no retorno dos estudantes, assegurando o reconhecimento dos componentes curriculares cursados por eles no estrangeiro dentro de seu histórico escolar, bem como uma vaga em escola da rede pública estadual pernambucana quando de sua volta.

A instrução normativa também versa sobre o projeto interdisciplinar, individual ou em grupo, que os estudantes são obrigados a desenvolver e apresentar em até 90 dias após sua volta do intercâmbio. Os trabalhos podem ter como eixos temáticos (i) a cidadania; (ii) as diferenças e similaridades socioculturais; (iii) o meio ambiente; (iv) a inovação; (v) a globalização; (vi) a economia criativa; (vii) o empreendedorismo com responsabilidade social; (viii) convivência pacífica e cooperativa entre os povos e nações; e (ix) outros temas relevantes acordados com suas escolas, no intuito de disseminar sua experiência com a comunidade escolar (PERNAMBUCO, 2013).

Os projetos são desenvolvidos com o apoio de um/a professor/a coordenador/a da rede estadual pública e escolhido/a pelos/as próprios/as estudantes. Há inclusive um site do PGM na plataforma *wix.com* com *templates* e um tutorial, além de uma sessão de perguntas e respostas para elucidar como os alunos e alunas devem realizar o projeto interdisciplinar. Além de apresentar o mesmo em sua escola e/ou comunidade, pode-se apresentá-lo também em outros fóruns. Os/as alunos/as estão, no entanto, obrigados a apresentar seu trabalho para o/a coordenador/a do PGM em sua GRE. A partir disso, os melhores trabalhos são selecionados e apresentados em eventos organizados pela Secretaria de Educação e Esportes do Estado ao longo do ano letivo.

Os resultados desses projetos interdisciplinares, no entanto, não estão disponíveis, por exemplo, nessa mesma plataforma acima mencionada. Seria muito interessante caso os pós-intercambistas pudessem expor seus trabalhos nesse site após sua apresentação, servindo para consultas online e apoiando os intercambistas a pensarem temas pertinentes e verificarem outros trabalhos inspiradores. Além disso, seria uma oportunidade de interessados/as no geral terem conhecimento de uma gama de projetos desenvolvidos, seja em suas comunidades ou em todo o Estado. Os/as professores/as coordenadores/as dos projetos e/ou os coordenadores/as das GREs poderiam ficar responsáveis por incluir um resumo desses projetos e seus resultados, incluindo fotos de sua apresentação em eventos, entre outros.

Levando-se em conta o que foi exposto acerca do PGM a partir da entrevista com a equipe gestora do programa, bem como das informações levantadas a partir de documentos oficiais e outras fontes, compilamos a seguir os pontos fortes, bem como os pontos de atenção do programa.

Quadro 4 - Resumo dos pontos de destaque do PGM

Pontos fortes do PGM	Pontos de atenção
<u>Oferta complementar</u> : conhecimento de línguas e intercâmbio como um diferencial no currículo dos estudantes da rede pública.	<u>Articulação com outras iniciativas</u> : hoje não há conexão entre o ensino de línguas através dos NELs e o ofertado através do PGM. Seria importante verificar como essas iniciativas poderiam ser complementares, além de como ambas dialogam com a oferta na escola regular.
<u>Abrangência no Estado</u> : chega a 95% dos municípios - toda escola que oferta o curso tem ao menos um/a intercambista do programa.	<u>Democratização do ensino na rede pública estadual</u> : nos cursos de idiomas, o PGM atende apenas 13,5% da rede – considerando as matrículas para o 1º ano do EM; e na oportunidade de intercâmbio, apenas 0,82% da rede. Além disso, há um filtro para participação no curso de idiomas - interesse pelo aprendizado e desempenho escolar.
<u>Alcance social</u> : programa traz a oportunidade de intercâmbio para alunos de famílias mais humildes e transforma a vida através da educação.	<u>Diversidade e inclusão no programa</u> : até o momento, não há coleta nem análise de dados acerca do perfil dos estudantes abarcados pelo PGM. Dados como sexo, raça/etnia, dados socioeconômicos, entre outros, são essenciais para serem capturados e fontes de informação para almejar a diversidade e inclusão no programa.
<u>Desempenho dos alunos</u> : diminuição da evasão escolar, maior engajamento dos alunos interessados no intercâmbio. Para participar do mesmo, os estudantes devem ter alta presença na escola e bom desempenho escolar.	<u>Monitoramento e avaliação dos prestadores de serviços</u> : a princípio, não há mecanismos claros para acompanhar e avaliar o trabalho realizado pela empresa licitada para a entrega dos cursos de idiomas, bem como das agências de viagens.

<p><u>Resultado do intercâmbio:</u> Projeto interdisciplinar individual ou em grupo como trabalho de conclusão para o intercâmbio e com intuito de disseminar sua experiência e aprendizado com a comunidade escolar.</p>	<p><u>Engajamento dos estudantes:</u> intercambistas engajam com a equipe quando enfrentam problemas no exterior e egressos, com alguma exceção, não mantém vínculo algum com o programa. Egressos relatam esse senso de pertencimento. Portanto há uma oportunidade única de manter esse vínculo para que estudantes não só apoiem a equipe do PGM na coleta de dados antes, durante e após o intercâmbio, mas também, se possível, desenvolvam uma rede de ex-alunos do programa.</p>
<p>-</p>	<p><u>Resultado do intercâmbio:</u> se há mais de 7.000 egressos do programa, com certeza há um número considerável de projetos interdisciplinares interessantes e que podem ter beneficiado a comunidade escolar dos estudantes. De qualquer maneira, eles não são sistematizados e disponibilizados, por ex., online.</p>
<p>-</p>	<p><u>Uso de dados coletados:</u> há coleta significativa de dados dos/as estudantes (maior parte em papel) - seu perfil, desempenho escolar antes, durante e após o intercâmbio, mas esses não são utilizados posteriormente como insumo para análise do programa. Esse uso fica restrito a situações limites.</p>

-	<p><u>Sustentabilidade do programa:</u> os/as estudantes beneficiários/as de ambas as fases do programa deixam a rede após a conclusão dos estudos. Seria importante envolver mais os/as professores/as de línguas da própria rede pública - da escola regular e dos NELs, já que esses profissionais permanecem nas escolas e podem levar adiante o programa. Para tanto, poder-se-ia aproveitar o conhecimento dos/as professores/as dos NELs, pois eles e elas têm conhecimento suficiente dos idiomas ensinados, e apoiar a formação dos/as professores/as da rede, para que, a médio prazo, os/as últimos/as estejam preparados/as para assumir essas aulas de línguas - considerando o inglês e o espanhol.</p>
---	---

Fonte: Elaboração própria.

4. Análise do programa Ganhe o Mundo Pernambuco

Nesta seção, são explorados em maiores detalhes os objetivos do PGM delineados pela Secretaria de Educação e Esportes. O intuito é verificar a partir dos dados qualitativos – entrevistas semi-estruturadas com futuros/as intercambistas e egressos/as, bem como dos dados do questionário online preenchido por egressos – em que medida esses objetivos são, de fato, atingidos na visão do público-alvo beneficiário do programa.

Ao longo da análise são também levantados outros pontos fortes e os de atenção sobre o programa, com os últimos fornecendo subsídios para o capítulo cinco - a proposta de recomendações ao PGM. Como já mencionado no capítulo sobre metodologia, a amostra com a qual se trabalhou não representa o universo dos/as estudantes do programa, já que houve maiores dificuldades em acessar informações sistematizadas sobre os/as beneficiários/as e conseguir um maior engajamento desse público para a realização da pesquisa. Dentre os participantes dos grupos focais, a maior parte é de mulheres, da região metropolitana de Recife, intercambistas do PGM entre 2017 e 2019. Já no questionário, 64% dos respondentes egressos também é de mulheres e 78% efetuou o intercâmbio entre 2018 e 2019. No questionário não foi, no entanto, perguntada a região do Estado dos/as egressos/as – algo que apoiaria uma melhor compreensão do perfil desse público, bem como um item sobre a raça dos/as mesmos/as.

Conforme explicitado no capítulo anterior, os três objetivos do programa são:

- (i) Acelerar nos jovens o nível de proficiência na língua adicional escolhida, tornando Pernambuco o primeiro estado bilíngue do país;
- (ii) Desenvolver nos jovens competência intercultural através do convívio com outras culturas, costumes e línguas e oferecendo meios para que desenvolvam habilidades, competências e conhecimentos que os diferenciem;
- (iii) Aumentar a empregabilidade desses jovens na medida em que promove a aplicação prática do conhecimento adquirido durante o intercâmbio.

4.1. Proficiência linguística

Para a análise do objetivo (i) relacionado à proficiência linguística, deve-se olhar para ambos os componentes do programa, já que o curso intensivo da língua adicional – inglês,

espanhol ou alemão - e o intercâmbio são complementares e contribuem para que os/as jovens aprendam esse outro idioma, seja em um ano – considerando os 24.000 estudantes que cursam as aulas de língua adicional no contraturno escolar, seja em um ano e meio – considerando os/as 1.000 discentes que são contemplados com o curso de idiomas mais o intercâmbio.

Conforme explicitado no capítulo anterior, os/as alunos/as iniciam o curso de idiomas no nível iniciante e passam por outros cinco estágios ao longo desse um ano de aprendizado, isto é, do básico 1, básico 2, pré-intermediário 1, 2 e intermediário 1, totalizando 324 horas/aula. A partir da classificação utilizada pela Secretaria, isso significa que o/a estudante, teoricamente, termina o curso de idiomas no estágio intermediário.

Tomando como base o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação (QECR) – escala global desenvolvida pelo Conselho da Europa com descritores de competências numa língua adicional e aceita mundialmente (CONSELHO DA EUROPA, 2001) - há três níveis gerais A, B e C. Pode-se dizer que o nível A (composto pelos níveis A1 e A2) compreende o usuário elementar da língua, enquanto o B (composto pelos níveis B1 e B2) compreende o usuário independente, e o C (composto pelos níveis C1 e C2) compreende o usuário proficiente.

Caso fosse possível fazer uma aproximação bem superficial⁵ entre a classificação utilizada pelo PGM e a do QECR, poder-se-ia assumir que no primeiro, após um ano de curso intensivo de idiomas, em teoria, os até então 25.000 estudantes por ano do programa poderiam ser considerados ou estar em vias de se tornarem usuários/as independentes da língua – B1, sendo:

[...] capaz de compreender as questões principais, quando é usada uma linguagem clara e estandardizada e os assuntos lhe são familiares (temas abordados no trabalho, na escola e nos momentos de lazer, etc.). É capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal. Pode descrever experiências e eventos, sonhos, esperanças e ambições, bem como expor brevemente razões e justificações para uma opinião ou um projecto (CONSELHO DA EUROPA, 2001).

Como o foco do curso de idiomas apresentado no primeiro edital do curso é a oralidade (PERNAMBUCO, 2011a) e portanto, os estudantes seriam intencionalmente provocados a

⁵ Para que se possa fazer, de fato, essa tentativa de comparação entre a escala de proficiência utilizada pelo PGM e a do QECR seria preciso compreender as bases para a construção da primeira escala, isto é, quais são as competências e habilidades esperadas que o aluno desenvolva para cada nível – do básico 1 ao intermediário 1 - o que não esteve disponível.

desenvolverem mais a fala e a compreensão auditiva, talvez fosse possível que os/as alunos/as atingissem o nível B1 para essas duas habilidades mais específicas. De qualquer maneira, seria muito difícil eles atingirem o nível B1 para as quatro habilidades – escrita, fala, compreensão auditiva e leitura, já que, entre outros fatores, o número de horas/aula total do curso (324) não é suficiente para que os estudantes possam ir do nível A0 a B1, além do quantitativo de alunos por sala (25 a 30) que ainda é relativamente alto e dificulta o trabalho mais detido do professor com os/as alunos/as.

Um questionamento anterior ainda é essencial para que seja possível definir o nível de proficiência que os estudantes devem atingir e que está presente no objetivo (i) do PGM está relacionado ao significado do conceito de proficiência que orienta (ou não) o desenvolvimento e operacionalização dos componentes do PGM.

De acordo com Scaramucci (2000), proficiência é um conceito abrangente com muitas definições e sinônimos e que, portanto, necessita de uma definição precisa, podendo o termo ser utilizado de maneira técnica ou não-técnica. Na perspectiva não-técnica ou leiga, ser proficiente, por exemplo, em uma língua adicional está associado ao conhecimento, ao domínio normalmente oral desse idioma e está presente em nosso dia-a-dia quando dizemos que alguém “é proficiente em Alemão” para deixar claro que alguém tem um ótimo comando de um idioma que não sua língua materna. Aqui, para avaliar o desempenho do aprendiz da língua adicional toma-se como referência o falante nativo ideal e seu comando da língua materna, sendo essa referência muitas vezes a meta estabelecida para o aprendizado e uso de idiomas, ou seja, o falar como um “nativo”. Nesse caso, proficiência poderia ser tomada mais abrangentemente como sinônimo de fluência. “Ela é proficiente em Alemão” seria, assim, equivalente a “Ela é fluente em Alemão”, não havendo meio termo entre ser proficiente/fluente em uma língua adicional ou não - ou se é ou não é; não há meio-termo. Esse conceito subjacente de proficiência e fluência utilizado comumente em nossa sociedade, inclusive em contextos de ensino-aprendizagem nos passa a impressão que adquirir proficiência/fluência em uma língua adicional é uma tarefa simples e sem necessário esforço, o que não é, de fato, verdade.

Com isso em mente, é vital compreender como o construto proficiência em línguas adicionais evoluiu nos últimos 100 anos - seu uso técnico e independente de como ela tem sido denominada durante essa trajetória, como a proficiência “foi gradativamente expandindo seu escopo e incorporando aspectos que vão muito além de saber gramática ou vocabulário” (QUEVEDO, 2019).

Diferentemente do conceito absoluto no uso leigo de proficiência, em seu uso técnico, principalmente utilizado no âmbito da avaliação de línguas adicionais, há uma gradação dessa proficiência a partir da situação de uso da língua no futuro. O conceito de proficiência torna-se, assim, relativo e portanto, a situação de uso deve complementar afirmações como “Ela é proficiente em Alemão”, incluindo, no caso do PGM, por exemplo, “Ela é proficiente em Alemão para estudar na Alemanha” (SCARAMUCCI, 2000).

A equipe do programa deve, portanto, refletir sobre o propósito de desenvolver/acelerar essa proficiência nos/nas alunos/as, ou seja, eles/elas devem adquirir proficiência em quê? para quê? e em que contexto? Tomando como ponto de partida o intercâmbio, ou melhor, o que os estudantes deverão desempenhar no país-destino e o uso que eles/elas farão da língua adicional em situações reais, pode-se identificar quais competências e habilidades são necessárias para atingir esse objetivo e então customizar o curso de idiomas para ofertar o desenvolvimento dessas competências e habilidades específicas.

A partir das entrevistas com egressos e futuros intercambistas dos grupos focais, buscamos indícios sobre a qualidade do curso de idiomas e seu papel na aceleração da proficiência dos estudantes, ainda que baseado apenas na percepção dos mesmos. Tanto os/as futuros/as intercambistas como os/as egressos/as relataram que o curso foi muito útil e motivante, ajudando-os/as a se preparar para o intercâmbio;

E no PGM, sei lá, desde a primeira aula, desde o começo a gente é sempre incentivado a ficar mais em contato com o idioma e trazer ele mais pro nosso dia a dia, por exemplo e incentivado a sempre estar dialogando, a sempre estar falando. Aí acho que isso porque o PGM é melhor, tem uma didática diferente (ENTREVISTADA J, futura intercambista).

Então, cheguei lá, claro que um curso não vai dar cem por cento de um segundo idioma pra pessoa. Por mais que durou um ano, é difícil você chegar lá sabendo de tudo. Mas me ajudou bastante. Bastante o curso (ENTREVISTADA H, egressa).

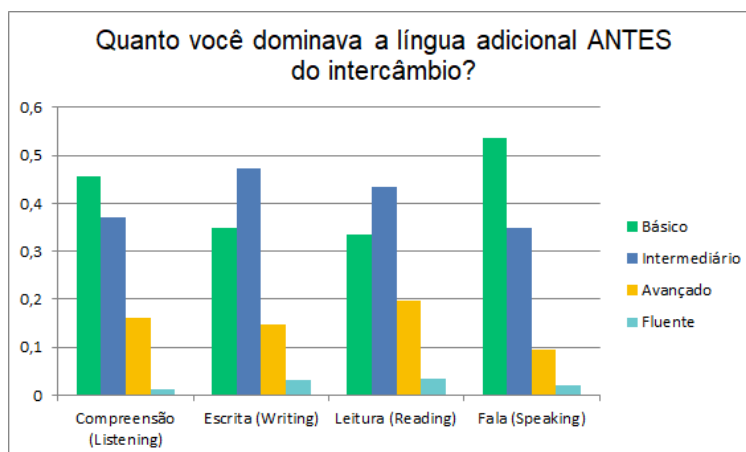
Eu não tinha tido contato de fato com a língua inglesa antes do PGM. Quando eu comecei a fazer o curso pelo PGM eu me encantei pela língua inglesa e continuei o curso (ENTREVISTADO D, egresso).

Por outro lado, egressos/as e futuros/as intercambistas mencionaram terem estudado nas horas livres, introduzindo a língua em seu dia a dia, seja ouvindo música, vendo filmes e tentando se expor ao idioma o máximo possível no intuito de complementar o aprendizado, conscientes de que só o curso não seria o suficiente para levá-los/as à fluência.

Interessante notar que os/as participantes de ambos os grupos focais já tinham ouvido falar do PGM seja através da mídia ou de amigos e egressos/as de suas escolas e entraram no curso de idiomas almejando o intercâmbio. Inclusive a maior parte dos/as egressos/as entrevistados/as (três de cinco) estudou no ensino fundamental em escola particular e entrou na escola pública porque sonhava participar do intercâmbio, sendo que suas famílias não teriam condições de arcar com uma mobilidade estudantil no exterior durante o ensino médio. Dos respondentes do questionário online, por outro lado, a maior parte estudou no ensino fundamental em escola pública (65,1%), enquanto 34,9% em escola particular – ainda assim um percentual considerável. Vários/as futuros/as intercambistas também fizeram esse percurso de uma escola particular no ensino fundamental para uma escola pública no ensino médio, já no intuito de angariarem o intercâmbio. Somente uma das egressas do interior do estado não tinha conhecimento prévio do programa, nem sequer cogitava a possibilidade de fazer um intercâmbio, e resolveu se inscrever no curso de espanhol porque as amigas haviam se inscrito, dado extraído do relato da entrevistada H (egressa).

No questionário online, 230 egressos/as do PGM que participaram do intercâmbio e, portanto, também do curso de idiomas responderam à pergunta “Quanto você dominava a língua adicional antes do intercâmbio?” considerando as quatro habilidades trabalhadas durante o aprendizado de um idioma, isto é, a compreensão, a fala, a leitura e a escrita. A maior parte dos egressos considerou-se no nível intermediário para as habilidades de leitura (43,48%) e escrita (47,39%), enquanto 33,48% e 34,78% consideraram-se no nível básico para essas respectivas habilidades. Já nas habilidades ligadas à oralidade, isto é, à fala e à compreensão, ocorreu o contrário. A maior parte dos egressos considerou-se no nível básico: 53,48% para a fala e 45,65% para a compreensão, enquanto 34,78% e 36,96% percebeu-se no nível intermediário para as respectivas habilidades. O gráfico que segue traz maiores detalhes.

Gráfico 2 - Percepção dos alunos sobre o domínio da língua antes do intercâmbio



Fonte: Elaboração própria.

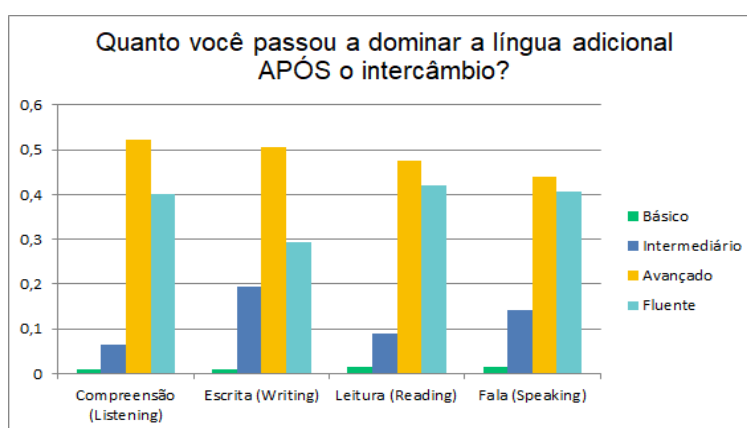
Em resumo, na percepção dos/as egressos/as e futuros/as intercambistas, o curso de idiomas tem um papel essencial e, portanto, contribui para a aceleração da proficiência linguística do idioma estudado. Apesar do curso de idiomas, em teoria, se propor a levar os/as estudantes do nível iniciante ao nível intermediário da língua adicional, após um ano de estudo no contraturno escolar a maior parte dos egressos se considera nível básico para as habilidades de compreensão e fala e nível intermediário para as habilidades de escrita e leitura.

É importante ressaltar que essa é uma percepção dos estudantes. Essa avaliação só seria, de fato, precisa, a partir de um teste de nível em que essas habilidades fossem testadas, por exemplo, antes e depois do curso de idiomas e, adicionalmente, depois do intercâmbio.

Para exemplificar essa questão da percepção *versus* realidade no que tange a proficiência em uma língua adicional, pode-se mencionar uma iniciativa de formação de professores da rede pública dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais em 2016. À época, a *Pearson* aplicou um teste de nível para aproximadamente 2.000 professores/as dessas redes. Enquanto 22,3% estimou seu nível de proficiência como avançado, apenas 5,9% atingiu os níveis considerados avançados na escala QEER – B2, C1 e C2. 36,6% estimou-se no nível intermediário, mas apenas 24,5% atingiu, de fato, o nível B1 após o teste de nível (CRONQUIST; FISZBEIN, 2017). Pode-se dizer que, nesse caso específico, os/as professores/as tenderam a superestimar seu conhecimento da língua adicional, enquanto os egressos do PGM poderiam ter subestimado esse conhecimento para as habilidades ligadas à oralidade.

O segundo componente que contribui para a aceleração da proficiência linguística, mesmo que em menor proporção, por atingir um número reduzido de alunos/as, é o intercâmbio. Os 230 egressos/as que responderam à pergunta sobre o domínio do idioma antes do intercâmbio, responderam novamente a essa pergunta, mas agora com foco no “após o intercâmbio”. A maior parte deles considerou-se no nível avançado para as habilidades de escrita (50,47%), leitura (47,64%), compreensão (52,36%) e fala (43,87%), e em menor proporção no nível fluente para a escrita (29,25%), leitura (41,98%), compreensão (40,09%) e fala (40,57%).

Gráfico 3 – Percepção dos alunos sobre o domínio da língua depois do intercâmbio



Fonte: Elaboração própria.

Os egressos do grupo focal reconhecem a importância do intercâmbio para o desenvolvimento de sua proficiência linguística, sendo que uma das egressas inclusive tornou-se professora do PGM após sua volta ao Brasil, servindo de inspiração a outros/as estudantes do curso de idiomas. Entre os/as 211 egressos/as que responderam sobre os ganhos pessoais de ter participado do intercâmbio, 97,63% identificaram o aumento do conhecimento da língua adicional como o maior ganho da mobilidade, deixando claro, assim, o papel do PGM na aceleração da proficiência dos beneficiários nessa língua – ao menos no que tange à percepção dos estudantes quanto a esse aspecto.

Um outro ponto complementar à aceleração da proficiência e que deve ser levado em consideração para a obtenção ou não do objetivo sendo analisado é o quantitativo de estudantes abarcado pelo projeto nesses mais de oito anos de sua vigência. Isso porque, de acordo com o objetivo, o aumento da proficiência dos estudantes na língua adicional deveria levar Pernambuco a se tornar o primeiro estado bilíngue no Brasil.

O termo ‘bilinguismo’ tornou-se na última década uma tendência na educação brasileira e mais escolas, em sua maioria particulares, afirmam ofertar uma educação bilíngue de qualidade, o que é muito associado à preparação dos/as estudantes desde a mais tenra idade para as exigências do mundo do trabalho e de uma sociedade globalizada (UNIVERSIA, 2019). Essa oferta, no entanto, varia muito e abrange desde a oferta de horários estendidos para além da carga horária regular, possibilidade na qual os/as estudantes têm uma maior exposição à língua adicional através de aulas e projetos na escola, até a oferta do ensino nessa língua, ou seja, as aulas do conteúdo do currículo brasileiro são ministradas na língua adicional. As mais diferentes ofertas do que é chamado de ‘educação bilíngue’ no Brasil deixam claro que há hoje pouca clareza sobre o que significa o termo ‘bilinguismo’. No primeiro semestre de 2020, uma regulamentação sobre esse tipo de educação no país começou a ser discutida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), culminando na aprovação ainda neste mesmo ano das Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue (BRASIL, s/d).

De acordo com Flory e Souza (2009), até os dias atuais não há consenso entre os estudiosos sobre o que significa ser uma pessoa bilíngue. Para uma tentativa, é necessário primeiramente estipular os critérios específicos norteadores da definição de bilinguismo, para então definir como esse conceito será aplicado à educação de crianças e jovens. Pode-se, por exemplo, ter a proficiência das línguas em questão como critério (critério linguístico), a idade de aquisição da língua (critério desenvolvimental), a maneira como o indivíduo organiza seus códigos linguísticos (critério cognitivo) ou até mesmo o status das línguas em questão (critério social). A partir desse entendimento, poder-se-ia estipular a abordagem a ser utilizada, mas ainda assim, há muitos questionamentos que mostram a complexidade relacionada à definição de bilinguismo e que não está no escopo do presente trabalho.

Para confirmar ou refutar a afirmação de que Pernambuco se tornará o primeiro estado bilíngue no Brasil, não será, no entanto, preciso adentrar a discussão sobre a definição do termo pensado pelo governo de Pernambuco ao formular esse objetivo, até porque essa informação não está disponível, além de acreditarmos que também não há uma clareza em sua utilização como ocorre nos demais contextos educacionais brasileiros. Será preciso, assim, olhar apenas para o quantitativo de alunos abarcados ou não pelo PGM e compará-los ao universo de estudantes do ensino médio na rede pública estadual.

Verificando o número de estudantes que participaram do curso de idiomas, é importante ressaltar que nem todos que começaram, concluíram o curso. Com exceção de 2018, em que um

número menor de alunos/alunas foi inscrito no curso de idiomas - 15.000, de 2012 a 2017, 25.000 alunos/alunas foram inscritos nos cursos a cada ano. O percentual de concluintes dos cursos nesse período – intercambistas inclusos - variou entre 75% até 92% conforme tabela que segue.

Tabela 4 – Estudantes concluintes do PGM

Ano	Inscritos	Concluintes (Qtde)	Concluintes (%)
2012	25.000	21.247	85%
2013	25.000	18.667	75%
2014	25.000	19.958	80%
2015	25.000	22.895	92%
2016	25.000	6.000	24%
2017	25.000	12.959	52%
2018	15.000	12.000	80%
TOTAL	165.000	113.726	69%

Fonte: Elaboração própria.

Como já visto, 2016 e 2017 foram anos atípicos devido à auditoria especial do TCE. As diversas paralisações nos cursos afetaram a motivação dos estudantes – que, de acordo com a entrevistada Ângela Melo, levaram quase dois anos para concluírem as aulas, acarretando com isso uma baixa taxa de conclusão. Para os cursos iniciados em 2016, por exemplo, a taxa de conclusão foi de apenas 24%, enquanto em 2017 foi de 52%. Inclusive, quando questionados sobre dificuldades no intercâmbio, um dos egressos que viajou para a Nova Zelândia em janeiro de 2017 e, portanto, participou do curso de língua inglesa ao longo de 2016, relatou sua dificuldade inicial com o idioma devido à paralisação do curso e, consequentemente, o menor tempo disponível para o aprendizado do inglês ainda no Brasil – apenas 8 meses;

No começo foi difícil pra mim porque no meu edital, no período em que eu fiz o curso antes de fazer a prova do intercâmbio, o projeto parou um pouco, depois voltou e a gente passou um tempo sem curso e foi bem caótico (ENTREVISTADO D, egresso).

Mesmo diante dessas dificuldades, de um total de 165.000 inscritos/as no PGM de 2012 a 2018, 113.726 concluíram os cursos de idiomas, perfazendo uma taxa de conclusão de 69% - um percentual significativo. Importante reforçar que desses/as 113.726 estudantes, 6.940 foram contemplados/as com o intercâmbio. Isso significa que 6.940 estudantes (6% do total) tinham um incentivo adicional para concluírem as aulas para além de querer aprender uma língua adicional. Ao mesmo tempo que o curso de idiomas poderia ajudá-los a aprimorar seu conhecimento linguístico, a sua frequência no curso mesmo após a seleção era um pré-requisito para participação no intercâmbio. Isso significa que se os futuros intercambistas não assistissem às aulas e concluíssem o curso, eles poderiam perder a bolsa de intercâmbio.

Para verificar o quão abrangente é o PGM frente o total de matrículas da rede pública estadual de Pernambuco, restringiremos essa análise apenas ao primeiro ano do ensino médio, pois é nesse ano que os estudantes pernambucanos podem inscrever-se no PGM e assim, acessar ao menos uma das duas modalidades, o curso de idiomas.

Tabela 5 - Alunos concluintes do PGM e Alunos da Rede estadual

Ano	Concluintes PGM	Matrículas rede estadual PE (1º ano EM)	Concluintes x matrículas rede (%)
2012	21.247	140.795	15,1%
2013	18.667	129.402	14,4%
2014	19.958	132.368	15,1%
2015	22.895	120.105	19,1%
2016	6.000	112.987	5,3%
2017	12.959	107.348	12,1%
2018	12.000	100.083	12,0%
TOTAL	113.726	843.088	13,5%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponíveis em Pernambuco (s/d) e Qedu (s/d).

Para cada ano do programa, com exceção de 2019, tem-se o número de discentes concluintes do PGM, o número de matrículas na rede estadual para o primeiro ano do ensino médio e o quanto esse número de concluintes representa desse universo, ou seja, a cobertura do PGM. Percebe-se que apesar de todos os atributos do programa, de 2012 a 2018 este atingiu

apenas 13,5% dos potenciais beneficiários da rede estadual de Pernambuco, atingindo seu pico em 2015 com 19,1% da rede. Depreende-se, assim, que somente através do programa Ganhe o Mundo Pernambuco, Pernambuco não atingirá o objetivo de se tornar o primeiro estado bilíngue do país, já que ainda há 86,5% de estudantes sem acesso a essa oportunidade.

Com isso em mente, é imprescindível que o governo reflita como democratizar o acesso ao ensino de línguas no Estado – seja através do PGM como também de outras iniciativas como os NELs - além de garantir que essa oferta chegue principalmente aos/às estudantes em maior situação de vulnerabilidade e em desvantagem, pois eles e elas são os/as que, de fato, mais precisam desse incentivo.

4.2. Competência intercultural

O segundo objetivo delineado para o programa está relacionado ao desenvolvimento de competências interculturais nos jovens, conforme exposto em documento interno ao programa: (ii) Desenvolver nos jovens competência intercultural através do convívio com outras culturas, costumes e línguas e oferecendo meios para que desenvolvam habilidades, competências e conhecimentos que os diferenciem (PERNAMBUCO, s/d.b).

Embora seja possível estimular nos jovens esse desenvolvimento ainda no Brasil através do curso de idiomas, motivando-os e possibilitando o contato com outras culturas, costumes e línguas dentro e fora da sala de aula, esse segundo objetivo do PGM está arraigado à experiência do intercâmbio, já que permite a imersão total e prática na língua e cultura de outro país. Com isso em mente, pode-se inferir que esse objetivo esteve acessível a um percentual pequeno da rede estadual pernambucana, especificamente a 0,82% da rede (considerando-se o 1º ano do ensino médio) ou, em números absolutos, a 6.940 estudantes do PGM entre os anos de 2012 a 2018.

No entanto, vale notar que esse objetivo é vago, pois não deixa claro quais são as habilidades, competências e conhecimentos que possibilitariam diferenciar esses jovens de outros que não passaram pelo PGM. Talvez esses componentes possam ser explicitados a partir da compreensão do conceito de competência intercultural, que - assim como os termos “proficiência” e “bilinguismo” presentes no objetivo (i) - é muitas vezes utilizado de maneira indiscriminada e, portanto, sem uma definição clara e concreta pautada na literatura (DEARDOFF, 2011).

No caso específico de instituições de ensino, sejam de ensino superior ou de ensino básico, espera-se que possam apoiar seus/suas estudantes a obterem sucesso em uma sociedade global e, para tanto, devem produzir estudantes competentes interculturalmente, ou seja, não só com conhecimento de línguas adicionais, mas também com vivência em outras culturas, desenvolvendo concomitantemente uma consciência sobre a cultura de outros, bem como a da sua própria.

Segundo Meyer (1991, p.137), competência intercultural no âmbito do ensino de línguas adicionais tem sido definida como “a habilidade de uma pessoa se comportar adequadamente de maneira flexível quando confrontada com ações, atitudes e expectativas de representantes de culturas estrangeiras” (1999, apud CORTAZZI; JIN, 199, p.198, tradução das autoras). De fato, língua e cultura são elementos indissociáveis e como tal, aprender uma língua adicional significa mais que dominar um conteúdo. É aprender um meio de comunicação em situações reais dentro de um contexto que raramente é isento de cultura. (CORTAZZI; JIN, 1999)

Em uma entrevista à revista *Época* em 2011, o interculturalista Milton J. Bennett ressalta a necessidade de desenvolvermos a chamada “inteligência contextual”, termo criado pela Faculdade de Negócios de Harvard e que no campo intercultural é a denominada “competência intercultural”. Essa inteligência é a capacidade de entender o contexto cultural de determinadas situações - para além do entendimento da língua, e mover-se por diferentes contextos, aprendendo com isso e facilitando, assim, a comunicação entre os indivíduos. Um desses aprendizados é o convívio com o diferente, aprendizado essencial a cada vez mais pessoas, já que em um mundo cada vez mais interconectado essa habilidade pode gerar a tolerância ao diverso, por exemplo, como base das relações sociais (HACKRADT, 2011).

Sinicrope, Norris e Watanabe (2007) afirmam que, assim como os objetivos e propostas para a pesquisa sobre competências interculturais se expandiram nas últimas décadas, persistem atualmente uma multiplicidade de enquadramentos e abordagens possíveis com vistas a definir e avaliar a competência intercultural. Não há, assim, um consenso entre estudiosos sobre a definição do que são competências interculturais e, conseqüentemente, de como essas podem ser avaliadas. Para citar um exemplo, na discussão sobre o tema há ao menos dezenove termos alternativos utilizados de maneira intercambiável, mas que apresentam nuances em sua significação e são normalmente abordados apenas de maneira implícita nas pesquisas. Alguns desses termos são: competência global, competência cultural, competência comunicativa, comunicação internacional, biculturalismo, multiculturalismo, entre outros.

Nesse sentido, como há diferentes abordagens possíveis para avaliar e definir essas competências interculturais, os autores reforçam que as instituições de ensino precisam ter clareza do porquê desejam incorrer nesse tipo de avaliação, bem como do que pretendem avaliar quanto à competência intercultural (SINICROPE; NORRIS; WATANABE, 2007). Após a clara definição e enquadramento a partir da literatura existente, os próximos passos seriam a priorização dos vários aspectos de competência intercultural – já que as próprias definições utilizam termos mais genéricos - seguido de sua tradução em objetivos de aprendizagem dos/das alunos/as que sejam concretos, específicos e mensuráveis. Esses últimos poderão então ser avaliados através de medidas diretas e indiretas (DEARDOFF, 2011). Em programas de intercâmbio, a autora ainda menciona que normalmente são utilizados para a avaliação testes antes e depois do intercâmbio, além de pesquisas de satisfação.

No entanto, muitas vezes os/as discentes não são preparados/as adequadamente para esse aprendizado intercultural. Normalmente, os/as estudantes são expostos/as apenas a um conhecimento superficial sobre a cultura estrangeira, envolvendo hábitos destacados pela indústria do turismo, além de conhecimento histórico e geográfico, também superficial em geral (HACKRADT, 2011). De acordo com Deardoff (2011), os/as alunos/as deveriam entender os conceitos, o vocabulário, bem como os possíveis enquadramentos de competência intercultural, para que possam aplicá-los ao aprendizado antes, durante e após a mobilidade. Bennett (HACKRADT, 2011) também reforça a importância dessa preparação pré-, durante e pós-intercâmbio. Na preparação para a mobilidade, apoia-se o desenvolvimento de estratégias que levem o/a estudante a reconhecer as diferenças culturais e a aprender com elas. Já durante a estadia no exterior, deve-se facilitar esse ensino, acompanhando o/a estudante ao longo do processo; enquanto na volta a seu país de origem, há a necessidade de apoiar o processo de retorno para que o/a estudante possa não só se readaptar, mas também colocar em prática seu aprendizado.

Retomaremos isso mais adiante, mas, levando-se em consideração que um dos três objetivos do programa é voltado ao desenvolvimento de competências interculturais, é recomendável que haja uma definição clara de competência intercultural a partir da literatura existente, desdobrando-a em, no máximo, um ou dois objetivos de aprendizagem concretos, específicos e mensuráveis (DEARDOFF, 2011). Dessa forma, torna-se possível a avaliação antes, durante e pós-intercâmbio.

No intuito de obter indícios do desenvolvimento de competências interculturais através do intercâmbio pelo PGM – ainda que de modo bem incipiente, pediu-se que os egressos do programa avaliassem no questionário o impacto do PGM associado a um grupo de afirmações. Na tabela que segue, as afirmações estão relacionadas ao contato com e aprendizado da língua e da cultura do país de intercâmbio.

Tabela 6 - Percepção dos alunos sobre o impacto do intercâmbio

Avalie o impacto do intercâmbio a partir das afirmações abaixo:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1. Eu mantenho contato com cidadãos do país estrangeiro e com a família hospedeira.	3,3%	5,2%	6,6%	26,9%	58,0%
2. Eu ainda mantenho contato com amigos que fiz no exterior.	5,2%	2,4%	8,5%	30,2%	53,8%
3. Eu adquiri maior interesse por outras línguas e/ou culturas.	0%	0,9%	1,4%	15,1%	82,6%
4. Eu passei a querer conhecer outras culturas.	0,5%	1,4%	1,4%	8,5%	88,2%
5. Eu adquiri hábitos no meu dia a dia que me permitem ter mais contato com a língua, como ouvir músicas, assistir filmes e séries, ler notícias, e outros.	0,5%	0,5%	4,7%	14,6%	79,7%
6. Eu adquiri maior habilidade em conhecer, conversar e me conectar com pessoas diferentes e que não conheço.	0%	1,9%	7,6%	19,8%	70,8%

Fonte: Elaboração própria.

Entre os/as 212 egressos/as respondentes, mais da metade concordou parcialmente ou totalmente com as afirmações de um a seis, reiterando seu maior interesse por outras línguas e culturas, 82,6% concordam totalmente com a afirmação três (sua vontade de conhecer outras culturas), 88,2% concordam totalmente com a afirmação quatro (a aquisição de hábitos relacionados ao contato com a língua adicional), 79,7% concordam totalmente com a afirmação cinco, bem como o aumento de sua habilidade em conhecer, conversar e se conectar com pessoas diferentes e que não conhecem - 70,8% concordam totalmente com a afirmação seis. Já com relação ao contínuo contato com habitantes estrangeiros – família hospedeira, cidadãos estrangeiros e amigos feitos no exterior - um pouco mais da metade dos respondentes concorda totalmente com as afirmações um e dois e entre 27% e 30% concordam parcialmente com elas. Isso pode indicar que muitos egressos não mantêm um vínculo com as pessoas com as quais se relacionaram no país de intercâmbio.

Conforme relato de um dos egressos do grupo focal, estudar no exterior oportunizou seu contato com a diversidade de povos e de acordo com o estudante, seu maior aprendizado foi a tolerância:

Viver na Nova Zelândia pra mim foi uma experiência única. Aprendi muita coisa, muita coisa com os kiwis, principalmente a tolerância. Que apesar de eu ter ficado com dez brasileiros dentro da... na mesma escola que eu, mas a gente tinha uma diversidade muito grande. Eu conheci, fiz amigos da China, do Japão, da Tailândia, da Turquia, da Arábia Saudita (ENTREVISTADO D, egresso).

Como há vários aspectos convergentes nas habilidades que apoiam o desenvolvimento de estudantes interculturalmente competentes e ao mesmo tempo com maior potencial de empregabilidade, abordaremos mais adiante outros achados relacionados à competência intercultural.

4.3. Empregabilidade

O terceiro objetivo do PGM traz o aumento da empregabilidade como o último, mas não menos importante objetivo do programa: (iii) aumentar a empregabilidade desses jovens na medida em que promove a aplicação prática do conhecimento adquirido durante o intercâmbio.

As perguntas que poderiam ser feitas a partir desse objetivo aliado ao anterior são: quais os conhecimentos, as competências e habilidades que os estudantes do PGM podem desenvolver a partir da experiência do intercâmbio? Como um todo, será que elas lhes permitem obter maior sucesso em nossa sociedade global após seu retorno ao Brasil, por exemplo, aumentando suas

chances profissionais – leia-se acadêmicas também - e uma maior consciência de si mesmo e do outro? Seria possível destrinchar essas competências e habilidades relacionadas à interculturalidade e à empregabilidade dos/as jovens?

Em uma busca refinada de estudos que analisam a relação entre a mobilidade estudantil internacional e possíveis ganhos para a carreira desses estudantes, achou-se apenas aqueles referidos à mobilidade especificamente durante o ensino superior, mas não na educação básica. Apesar de os estudantes estarem em estágios de vida diferentes, talvez possamos aprender com a experiência do intercâmbio no ensino superior e verificar o que poderia ser válido também para a experiência do intercâmbio no ensino básico ou ao menos levantar as perguntas pertinentes para reflexão e uma possível futura investigação.

O programa de mobilidade temporária⁶ para estudantes, professores/as e instituições do ensino superior, chamado ERASMUS, é o que possui uma quantidade considerável de avaliações e dados comparativos para análise. Mesmo abarcando um público bem menor que outros programas de intercâmbio temporário na Europa, o ERASMUS é o que possui a maior base de informações, trazendo não só as perspectivas de pós-intercambistas a partir de questionários como também de professores/as, administradores/as e empregadores/as (TEICHLER, 2004).

De acordo com a própria Comissão Europeia, o programa é considerado o mais bem-sucedido no mundo (COMISSÃO EUROPEIA, 2015) e um exemplo de estratégia de internacionalização para o ensino superior. Sua criação pela União Europeia (UE) data de 1987 e tem como propósito facilitar o trânsito de estudantes e professores/as das universidades pertencentes aos Estados-membro da UE, ao mesmo tempo em que promove o engajamento dos cidadãos com a comunidade e a comissão europeia, bem como seu comprometimento com a cultura e valores europeus (ROBERTSON, 2009).

Desde 2014 conhecido como ERASMUS +, o programa já beneficiou - considerando apenas as três últimas décadas - mais de 10 milhões de pessoas (COMISSÃO EUROPEIA, 2020) e em 2018, 153 países parceiros ao redor do mundo participaram de projetos de mobilidade e cooperação (COMISSÃO EUROPEIA, 2018). Em seus mais de 40 anos de existência, o programa aumentou consideravelmente seu escopo, agregando, por exemplo, a mobilidade de funcionários/as de universidades para além de acadêmicos e parcerias estratégicas.

⁶ Na mobilidade temporária, o intercambista cursa apenas parte do ensino superior na instituição no exterior.

A mobilidade estudantil temporária continua a ser, no entanto, a principal frente do programa que busca, entre outros objetivos, aumentar a empregabilidade de jovens na Europa, combatendo o alto índice de desemprego desse público. Através dessa modalidade, estudantes universitários podem passar entre três a doze meses em uma universidade ou empresa no exterior, apoiando, assim, o aumento das competências e habilidades desses jovens e sua transição para o mercado de trabalho, além de fortalecer os links entre as instituições parceiras (BRITISH COUNCIL, 2014).

Com vistas a investigar o impacto do intercâmbio para a carreira dos/as jovens egressos/as do programa, há dois estudos cujos resultados são muito relevantes à temática e que valem ser abordados em maiores detalhes.

O primeiro foi publicado em 2009 e trata-se de um relatório com os resultados do projeto VALERA (VALERA = *value of ERASMUS mobility*). Em um dos componentes desse estudo, comparou-se a percepção de pós-intercambistas do ERASMUS de diferentes edições, mais precisamente, de estudantes do ERASMUS de 2000/2001, que preencheram o questionário em 2005, com as respostas dos estudantes de 1988/1989, que preencheram o questionário em 1993, e com os estudantes de 1994/1995, que preencheram o questionário em 2000 (BRACHT *et al.*, 2006).

De forma geral, em comparação com estudantes que não participaram de um programa de mobilidade no ensino superior, os/as egressos/as do ERASMUS; (i) apresentaram maior interesse na continuidade dos estudos a partir da experiência com a mobilidade internacional; (ii) perceberam-se muito mais competentes quanto à proficiência na língua adicional, ao conhecimento da cultura e sociedade do país visitado, bem como ao convívio com pessoas de diferentes origens; (iii) se mostraram moderadamente mais fortes no que tange ao trabalho independente, a adaptação e habilidades de comunicação em geral (TEICHLER, 2004).

De acordo com Teichler (2004), isso poderia significar que os/as egressos/as são mais confiantes e poderiam ter exagerado na avaliação de suas próprias competências e habilidades pessoais. De qualquer forma, professores/as universitários/as avaliaram melhor o conhecimento acadêmico dos/as egressos/as em comparação com estudantes que não participaram da mobilidade. Já empregadores/as avaliaram melhor os/as graduados/as com experiência internacional quanto à sua habilidade de organização, adaptação, iniciativa e assertividade. Conhecimento acadêmico e personalidade foram considerados os critérios mais importantes para

a contratação, mas conhecimento da língua adicional e trabalho e/ou estudo no exterior também foram pontuados como critérios importantes.

Na passagem do estudo para o emprego, o intercâmbio torna, assim, um currículo mais atrativo, principalmente na obtenção do primeiro emprego. Nos três questionários, mais de 60% dos estudantes consideraram que a proficiência na língua adicional e mais de 50% que o intercâmbio foi distintivo na decisão de sua contratação por parte do empregador.

Comparativamente, no entanto, esse valor do intercâmbio vem decrescendo, já que 71% dos/as estudantes do ERASMUS de 1988/1989 acreditavam que o intercâmbio os ajudou a conseguir o primeiro emprego, enquanto esse percentual caiu para 66% considerando os/as estudantes de 1994/1995 e para 54% considerando os/as estudantes 2000/2001 (TEICHLER, 2004).

Muitos/as dos/as egressos/as do ERASMUS respondentes dos três questionários – variando de 18% a 20% - conseguiram um emprego no exterior ou num ambiente internacional. De acordo com Teichler (2004), o intercâmbio temporário aparentemente ajuda a preparar estudantes para um mundo cada vez mais internacional e a desenvolver competências relevantes para a profissão como competências acadêmicas mais gerais, características pessoais, habilidades de comunicação e conhecimento profissional. Não houve, no entanto, um impacto relevante no salário de estudantes que participaram ou não da mobilidade.

O autor reforça que a mobilidade internacional temporária não pode ser vista como um trampolim para o sucesso profissional e não se pode afirmar que ela é a única responsável pela superioridade de egressos/as do ERASMUS quanto aos pontos acima mencionados e em comparação com os/as que não participaram da mobilidade internacional. Embora haja uma crescente preocupação da Comissão Europeia em aumentar a participação de estudantes em maior situação de vulnerabilidade no programa, ainda assim muitos dos/as egressos/as vêm de famílias mais abastadas e com histórico de valorização da educação, além de muitos/as terem tido outras experiências internacionais antes e/ou depois do ERASMUS.

Somado a isso, talvez a maior facilidade de estudantes do ensino superior no mundo participarem de programas de intercâmbio esteja levando a uma diminuição dessa importância, afinal a mobilidade estudantil passa a se tornar cada vez menos exclusiva e mais acessível ao público em geral e, talvez por isso, vista menos como um diferencial no currículo. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2015),

entre 1975 a 2013 houve um aumento de 3,3 milhões de estudantes no mundo cursando o ensino superior no exterior.

O segundo estudo relacionado ao ERASMUS, e sem sombra de dúvidas o mais abrangente e inovador na sua abordagem, é o ERASMUS Impact Study (EIS) - Estudo de Impacto do ERASMUS, publicado em 2014. Segundo a Comissão Europeia, o EIS é o mais abrangente estudo dessa natureza, tendo sido desenvolvido por um consórcio independente de *experts* e recebido *feedback* de em torno de 80.000 respondentes, entre eles/as estudantes, empregadores/as e instituições de ensino superior (COMISSÃO EUROPEIA, 2014). Seu objetivo é mostrar o papel da mobilidade no desenvolvimento de competências e habilidades requisitadas pelo mundo do trabalho, como ela pode contribuir para o aumento da empregabilidade e a consequente diminuição da taxa de desemprego entre jovens europeus. Para tanto, o próprio estudo traz uma revisão bibliográfica sobre essa temática (UWE, 2014).

De acordo com o autor Uwe (2014), nos estudos e pesquisas sobre mobilidade estudantil e de pessoal da universidade há um consenso sobre a oportunidade que a experiência internacional traz para o desenvolvimento pessoal. Diferentemente do EIS, o foco da maior parte desses estudos e pesquisas está no desenvolvimento das competências sociais e interculturais com um grande número de ferramentas e escalas utilizadas para sua aferição - altamente dependente da autoavaliação e percepção desses públicos, além de muitas trabalharem com amostras pequenas, não serem longitudinais e não abrangerem diferentes públicos complementares (estudantes, acadêmicos/as, empregadores/as e instituições de ensino superior). Importante ressaltar que a maior parte dos estudos não aborda as diferenças entre estudantes que foram e os que não foram para a mobilidade. De qualquer forma, os achados disponíveis sugerem que existem não só diferenças socioeconômicas importantes a serem consideradas entre esses públicos, como também de atitude – já identificadas mesmo antes do intercâmbio.

Com relação à mobilidade internacional temporária como propícia ao desenvolvimento de competências e habilidades nos/as estudantes de ensino superior e que são necessárias para fazer frente aos desafios presentes e futuros do mundo do trabalho, esse é um objetivo de peso do ERASMUS e hoje uma preocupação central de governos nacionais. Os últimos veem uma importância cada vez maior na avaliação e aprimoramento de suas instituições de ensino superior com vistas a produzir graduados/as de alta performance e empregáveis (UWE, 2014). De acordo com o autor, há diversos estudos que focam a empregabilidade desses/as jovens a partir do intercâmbio. No entanto, um ponto de partida essencial a ser delimitado e para o qual não há

necessariamente um consenso é o que se entende por empregabilidade, ou seja, qual é sua definição. Há diversas definições possíveis e, em geral, ela é vista a partir das habilidades necessárias para se atingir esse objetivo (o de conseguir um emprego). Mesmo assim, não há consenso sobre quais seriam essas habilidades e como, de fato, medi-las.

Em um documento de 2012, o Conselho da Europa traz a seguinte definição para empregabilidade, problematizando o conceito.

Empregabilidade, isto é, a combinação de fatores que propiciam aos indivíduos progredirem para ou entrarem no emprego – é um conceito complexo, que envolve não só as características de cada indivíduo, habilidades, atitudes e motivação, mas também outros fatores externos que estão além do escopo das políticas educacionais e de formação, como as regulações do mercado de trabalho, a demografia, a estrutura da economia e a situação econômica mais abrangente. (CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA, 2012. Tradução da autora).

A experiência internacional pode sim oportunizar a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes nos estudantes que são muito valorizadas pelos empregadores - a partir da revisão bibliográfica de UWE:

[...] conhecimento de conteúdos acadêmicos, línguas adicionais, maior consciência intercultural, adaptabilidade, flexibilidade, resiliência, habilidade para avaliar suas forças e fraquezas, tomar decisões e resolver problemas. (UWE, 2014, p. 72)

Esse desenvolvimento pessoal por si só, no entanto, não pode ser visto como responsável direto pelo aumento da empregabilidade dos/as jovens em sua transição do estudo para o mundo do trabalho, já que há fatores externos essenciais a serem considerados, como mencionado no excerto acima.

Buscando medir como a mobilidade dos/as estudantes afeta as habilidades voltadas para a empregabilidade, além de coletar a percepção dos/as estudantes a esse respeito e poder compará-las às respostas de outras pesquisas como do projeto VALERA, método mais tradicional, o EIS inovou ao propor a mensuração do desenvolvimento real dessas habilidades nos/as estudantes a partir de cinco fatores “memo” - apresentados como traços de personalidade e que podem ser influenciados pela experiência, no caso, da mobilidade internacional (UWE, 2014; COUNCIL, 2014). Esses fatores “memo” foram medidos antes e após o intercâmbio, tanto com grupos de estudantes que participaram da mobilidade, como com grupos que não participaram da mobilidade.

O quadro que segue traz as habilidades voltadas para a empregabilidade medidas no EIS a partir da combinação das habilidades baseadas no *Flash Eurobarometer*⁷ e nos fatores “memo”.

Quadro 5 – Habilidades voltadas à empregabilidade baseadas no *Flash Eurobarometer*

Habilidades voltadas à empregabilidade baseadas no <i>Flash Eurobarometer</i>					
<i>Trabalho em equipe</i>	<i>Específicas do setor</i>	<i>Comunicação</i>	<i>Decisão</i>	<i>Línguas adicionais</i>	<i>Leitura/ Escrita</i>
<i>Capacidade analítica e de resolução de problemas</i>	<i>De planejamento e organizacional</i>	<i>Habilidade para se adaptar e agir em novas situações</i>	<i>Bom com números</i>	<i>Conhecimento computacional</i>	
Habilidades voltadas à empregabilidade baseadas nos fatores "memo"					
<i>Confiança (confiar em sua própria capacidade)</i>	<i>Curiosidade (abertura a novas experiências)</i>	<i>Decisão (habilidade para tomar decisões)</i>	<i>Serenidade (consciência de suas próprias forças e fraquezas)</i>	<i>Tolerância para ambiguidade (aceitar a cultura e atitude de outras pessoas e se adaptar)</i>	<i>Vigor (habilidade para resolver problemas)</i>

Fonte: Adaptado de Estudo de impacto ERASMUS (2014). Tradução das autoras.

Entre os principais achados estão: (i) estudantes do ERASMUS têm uma maior predisposição para morar no exterior e ter uma vida internacional; (ii) 85% dos/as estudantes indicaram como uma das maiores motivações para estudar e fazer estágio no exterior o aumento de sua empregabilidade; (iii) após o intercâmbio, estudantes do ERASMUS têm em média melhores habilidades voltadas à empregabilidade que 70% de todos/as os/as estudantes. Antes mesmo de ir para o intercâmbio, estudantes que participaram de programas de mobilidade, bem

⁷ O Flash Eurobarometer foi uma pesquisa telefônica feita com 7.036 empresas nos 27 países membros da União Europeia, bem como na Noruega, Islândia, Croácia e Turquia em 2010, trazendo insights relacionados às percepções e necessidades de recrutadores de graduados, incluindo a importância de diferentes habilidades voltadas à empregabilidade (GALLUP, 2010).

como do ERASMUS, apresentaram valores mais altos de fatores “memo” (traços de personalidade) do que estudantes que não fizeram intercâmbio - após a volta, essa vantagem aumentou para 42%; (iv) a partir de autoavaliação, 81% dos/as estudantes do ERASMUS percebem uma melhora nas suas habilidades após o intercâmbio - quando contraposto a seu real desenvolvimento, 52% desses estudantes mostraram, de fato, fatores “memo” mais altos; (v) a taxa de desemprego de estudantes do ERASMUS é 23% mais baixa considerando cinco anos após sua conclusão no ensino superior e eles tem metade das chances de ficar desempregado por um longo período em comparação com estudantes que não participaram de intercâmbio; (vi) 64% dos/as empregadores/as consideram a experiência internacional importante para o recrutamento de jovens e 92% confirmaram a importância dos traços de personalidade representados pelos fatores “memo” – confiança, curiosidade, decisão, serenidade, tolerância para a ambiguidade e vigor - para a empregabilidade (UWE, 2014).

Interessante que em uma pesquisa com mais de 280 empregadores/as finlandeses/as e 1.700 estudantes – de ensino técnico e vocacional, aprendizes e de ensino superior - realizada pelo Centro de Mobilidade Internacional na Finlândia (CIMO) e a *think thank* Demos Helsinki entre 2012 e 2013, 90% das empresas veem a experiência internacional com bons olhos. No entanto, apenas um pouco mais da metade das empresas internacionais e somente 10% das empresas sem operação internacional consideraram a experiência internacional importante para o recrutamento (CIMO, 2014).

De acordo com o estudo realizado pelo CIMO (2014), em processos de seleção, os/as empregadores/as procuram nos/as candidatos/as muitas competências e habilidades semelhantes às desenvolvidas durante a mobilidade internacional, mas o fato é que os/as empregadores/as não têm a consciência de que muitas dessas competências e habilidades podem e são desenvolvidas durante o intercâmbio. Assim como já comprovado por muitos estudos, os/as empregadores/as normalmente associam a mobilidade internacional com o desenvolvimento de habilidades na língua adicional e da competência intercultural por parte dos estudantes, que também se tornam mais tolerantes e com a mente aberta – as denominadas no estudo como “competências conhecidas”. Somado a essas competências mais tradicionais, o estudo traz outras três consideradas “competências escondidas” - produtividade, resiliência e curiosidade.

Figura 2 - Competências “escondidas”



Fonte: Extraído de CIMO (2014)

Esses três componentes formam, assim, um quadro mais amplo do que é compreendido por experiência internacional. Elas são essenciais para fazer frente aos desafios futuros do mundo do trabalho, principalmente a curiosidade, mas ao mesmo tempo são mais difíceis de serem identificadas. Por esse motivo, é imprescindível tornar essas competências e habilidades visíveis e para tanto, deve-se pensar com mais cuidado quais são os objetivos de aprendizagem de uma mobilidade internacional para além do desenvolvimento de competências tradicionais e incluindo a produtividade, a resiliência e a curiosidade. A seguir, consta um quadro com maiores detalhes sobre a composição de cada uma das três competências e seu significado (CIMO, 2014).

Quadro 6 - Composição das principais competências desenvolvidas em experiências internacionais

Competência	Componentes	O que significa
Produtividade	Eficiência	É a competência que possui uma conexão mais aparente com a experiência internacional.
	Capacidade analítica	
	Resolução de problemas	
	Credibilidade	
Resiliência	Adaptação	

Curiosidade	Confiança	Esses são atributos associados a bons funcionários e reconhecidos pelos empregadores finlandeses como tal.
	Persistência	
	Limites e forças	
	Tolerância	Competência essencial para o século XXI. Indivíduos curiosos são interessados pelo mundo e buscam entender como isso afeta as diferentes áreas, bem como soluções para os desafios globais.
	Interesse por novas questões/problemas	
	Conhecimento intercultural	
	Cooperação	
	Habilidade para networking	

Fonte: Elaboração própria a partir de informações obtidas em CIMO (2014).

De acordo com o estudo (CIMO, 2014), se a experiência internacional fosse visivelmente percebida a partir desse quadro estendido, com certeza um maior número de empregadores/as consideraria a produtividade, a resiliência e a curiosidade como critérios para o recrutamento de jovens.

A partir do exposto, pode-se resumir, a partir de um quadro, os principais achados em estudos que relacionam a empregabilidade com a mobilidade estudantil internacional temporária.

Quadro 7 - Resumo das principais descobertas da bibliografia que relaciona empregabilidade e mobilidade estudantil internacional

Estudos e pesquisas	Principais achados
Revisão bibliográfica a partir do EIS (2014)	Em sua maioria, os estudos atuais voltam-se ao desenvolvimento de habilidades linguísticas e interculturais, analisam amostras limitadas, inferem o desenvolvimento real de habilidades a partir da autoavaliação, trabalham normalmente com um público-alvo - ou estudantes ou empregadores/as, ou instituições de ensino superior - e focam-se em uma ocorrência de mobilidade, isto é, durante o estudo no exterior ou após o retorno.
	Não há consenso sobre a definição de empregabilidade, em geral, vista a partir de habilidades. Não há, no entanto,

	consenso sobre quais seriam essas habilidades e como medi-las.
	Além do conhecimento de conteúdos acadêmicos, línguas adicionais e maior consciência intercultural, o intercâmbio estudantil também pode oportunizar o desenvolvimento da adaptabilidade, flexibilidade, resiliência, habilidade para avaliar forças e fraquezas, tomar decisões e resolver problemas.
	O desenvolvimento pessoal sozinho não resulta no aumento da empregabilidade de jovens. Há fatores externos a serem considerados.
Projeto Valera (2009)	O intercâmbio torna o currículo mais atrativo para a obtenção do primeiro emprego, mas não é um trampolim para o sucesso profissional.
	O intercâmbio ajuda a preparar estudantes para um mundo internacional e desenvolver competências acadêmicas mais gerais, características pessoais, habilidades de comunicação e conhecimento profissional.
	Egressos/as consideram a proficiência na língua adicional e o intercâmbio distintivos para a sua contratação. Mas o valor do intercâmbio vem decrescendo, ao menos na Europa.
	Egressos/as são mais confiantes ao se autoavaliarem quanto ao impacto do intercâmbio.
	O intercâmbio internacional pode oportunizar o desenvolvimento de habilidades valorizadas pelos empregadores como a organização, adaptação, iniciativa e assertividade.
	Segundo empregadores/as, personalidade e conhecimento acadêmico são os critérios mais importantes para contratação. Por outro lado, conhecimento linguístico e estudo ou trabalho no exterior são considerados importantes.
	Não há significativa diferença salarial entre estudantes que participaram e não participaram da mobilidade.
EIS (2014)	Estudantes que participaram da mobilidade internacional apresentam traços de personalidade - confiança, curiosidade, decisão, serenidade, tolerância para ambiguidade e vigor - mais elevados do que os/as que não participaram da mobilidade, antes e após o intercâmbio. Esse achado está em linha com a percepção dos/as estudantes quanto ao desenvolvimento dessas habilidades.
	Estudantes que participaram da mobilidade tem menos chance de ficarem desempregados.

	Empregadores/as confirmam a importância dos traços de personalidade para a empregabilidade, bem como da experiência internacional para o recrutamento.
	Um dos motivos para estudantes participarem do intercâmbio é o aumento da empregabilidade.
Competências escondidas (CIMO - 2014)	A experiência internacional não é vista como essencial para o recrutamento no mercado de trabalho.
	Empregadores/as associam a mobilidade internacional ao desenvolvimento de habilidades na língua adicional, da competência intercultural, tornando jovens mais tolerantes e com a mente aberta.
	Produtividade, resiliência e curiosidade são competências "escondidas" também desenvolvidas na mobilidade internacional, mas não fáceis de identificar.
	A experiência internacional seria mais valorizada no recrutamento se empregadores/as reconhecessem que por meio do intercâmbio pode-se desenvolver também essas competências escondidas. São essas competências que empregadores/as buscam ao recrutarem jovens, mas que na maior parte das vezes não reconhecem como produtos possíveis da mobilidade internacional.

Fonte: Elaboração própria.

Essas pesquisas e estudos aqui abordados trazem importantes *insights* para o PGM, bem como possíveis caminhos para efetuar uma análise longitudinal do programa, além, claro, de dar subsídios para futuras pesquisas sobre a mobilidade estudantil não só no ensino superior como também na educação básica.

É preciso investigar a validade ou não desses achados para (i) o público-alvo direto do PGM – estudantes do ensino médio que fazem a transição da escola para o mundo do trabalho e/ou para o ensino superior - em contraste com aqueles que não participaram do intercâmbio; (ii) para o tempo de intercâmbio do programa, apenas 4 meses e, portanto, menor que em comparação com a mobilidade estudantil no ensino superior, e (iii) para o contexto brasileiro – que não é o mesmo que o europeu. Além disso, é preciso entender melhor as expectativas do mercado de trabalho brasileiro nacional e as particularidades do estado de Pernambuco quanto à formação dessa mão-de-obra qualificada e, também, como a experiência internacional poderia ou não agregar a essa formação.

Outros dois públicos que deveriam ser abarcados nessa investigação são os/as professores/as das escolas públicas brasileiras – já que eles/as são aqueles que têm contato direto

com estudantes antes e após o intercâmbio - bem como as próprias escolas públicas. Seria muito interessante entender o quanto e como as escolas e sua comunidade escolar estão ou não colhendo os frutos da experiência internacional individual dos/as discentes. Para tanto, um caminho seria olhar para o resultado dos projetos interdisciplinares que os/as estudantes desenvolvem após o intercâmbio e que constituem parte integrante de suas notas para o período no exterior. Um último ponto não menos importante de ser explorado é buscar compreender mais sobre a trajetória desses/as estudantes ainda antes do intercâmbio, incluindo suas condições socioeconômicas. Com isso, pode-se não só traçar o perfil desses estudantes que buscam a oportunidade trazida pelo PGM como um todo, mas, principalmente, pensar em como tornar o programa mais diverso e inclusivo, propondo ações de atração de estudantes em situação de vulnerabilidade social e de desvantagem e de apoio para que esses/as mesmos/as estudantes sigam em sua trajetória formativa através do PGM.

Com vistas a mapear a experiência profissional dos egressos do programa, foi feita a seguinte pergunta no questionário: “Após o intercâmbio, você já teve alguma experiência profissional?” Dos 212 egressos que responderam à questão, 74% afirmaram que nunca tiveram uma experiência profissional, enquanto apenas 25,9% afirmaram que já tiveram uma. Ao cruzar essas respostas “sim” ou “não” com o período em que os alunos realizaram o intercâmbio, constata-se que 82% dos que responderam “sim – já tive uma experiência profissional” realizaram o intercâmbio entre 2012 e 2018. Ainda assim, 18% dos egressos que realizaram o intercâmbio em 2019 já possuem alguma experiência profissional. De qualquer maneira, como dentre todos os respondentes do questionário um grande contingente é de intercambistas do ano de 2019 – 50%, a questão sobre experiência profissional prévia deve ser analisada com cautela.

Diferentemente dos estudantes que participaram da mobilidade estudantil durante o ensino superior, é importante lembrar que os estudantes do PGM realizam o intercâmbio no 2º ano do ensino médio e no ano que segue, após o término do 3º ano, podem, em teoria, focar-se totalmente na busca de oportunidades profissionais e/ou em seu contínuo desenvolvimento acadêmico a partir da entrada no ensino superior. Isso não impede, no entanto, que os jovens tenham durante o ensino médio experiências profissionais, mas eles não têm a experiência e maturidade daqueles que já concluíram o ensino superior e fazem a transição para o mercado de trabalho.

No questionário, caso o egresso respondesse “sim” à questão acima, ele deveria avaliar o intercâmbio a partir das afirmações ligadas ao impacto em sua vida profissional conforme tabela que segue.

Tabela 7 – Percepção dos alunos sobre o impacto do intercâmbio no âmbito profissional

Avalie o impacto do intercâmbio a partir das afirmações abaixo:	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1. O intercâmbio influenciou nas minhas escolhas profissionais.	7,7%	0,0%	13,5%	34,6%	44,2%
2. O intercâmbio ajudou-me a me comunicar na língua adicional utilizada no ambiente de trabalho.	3,9%	0,0%	26,9%	5,8%	63,5%
3. O intercâmbio ajudou-me a desenvolver habilidades importantes no mercado de trabalho.	0%	3,9%	3,9%	25,0%	67,3%

Fonte: Elaboração própria.

Apesar da amostra muito pequena – apenas 52 respostas, nota-se que a maior parte dos egressos com experiência profissional acredita em parte – 34,6% ou totalmente – 44,2%, que o intercâmbio influenciou suas escolhas profissionais. Interessante notar que apesar da maior parte concordar totalmente com a afirmação dois relacionada à língua adicional necessária no ambiente de trabalho – 67,3%, ainda assim 26,9% nem concordam nem discordam da afirmação. Vale ressaltar que o idioma utilizado no ambiente de trabalho tem características específicas particulares à área de atuação, isto é, o inglês, por exemplo, que um engenheiro utilizará em seu trabalho não é o mesmo que um médico utilizará. Tanto que há cursos de línguas voltados especificamente para uma determinada área de trabalho – inglês para engenharia, inglês para médicos etc. Sendo assim, apesar desse conhecimento linguístico ser útil independente da área de atuação, talvez alguns egressos não façam essa associação.

Já para a afirmação três que conecta o intercâmbio com o desenvolvimento de habilidades importantes no mercado de trabalho, 67,3% concordou totalmente com a afirmação,

enquanto 25% concordou parcialmente com essa afirmação. Ainda assim, deve-se ter em mente que a afirmação é, de fato, um tanto genérica e não específica que habilidades seriam essas necessárias ao melhor desenvolvimento das atividades profissionais dos egressos. Considerando esse um objetivo do PGM, talvez fosse importante conscientizar os estudantes de quais habilidades espera-se que desenvolvam e como isso poderá ajudá-los futuramente ao buscarem seu primeiro emprego.

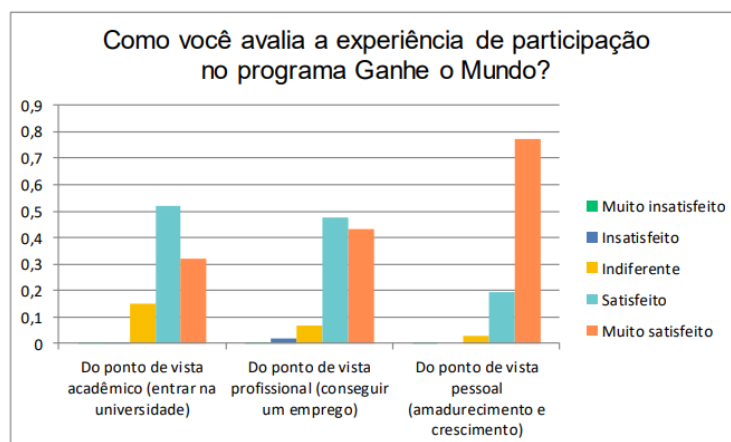
Dentre os egressos do grupo focal, apenas duas estudantes já possuíam experiência profissional, uma em uma empresa familiar e a outra como professora de línguas em sua cidade natal contratada pela empresa licitada pelo PGM para oferta de curso de idiomas. Após o intercâmbio, ela lecionou espanhol para estudantes do PGM por quatro anos e relata a importância de seu papel de professora no estímulo aos alunos, principalmente por estar no interior do Estado - onde muitos, assim como ela à época, sequer vislumbram a possibilidade de uma oportunidade no exterior.

Minha primeira aula era sobre a minha experiência, isso motivava eles (os alunos), saber que realmente é possível, não é propaganda enganosa. Por ser uma cidade muito do interior, os pais às vezes acham que é perda do tempo. Dizer que eu realmente fui serve de exemplo, e motivava eles a não desistirem (ENTREVISTADA H, egressa).

De acordo com a egressa, o baixo salário e a vontade de enfrentar novos desafios, a fez buscar outras oportunidades. Atualmente, os cinco egressos entrevistados fizeram a transição para o ensino superior, continuando seus estudos em diferentes áreas de atuação que vão de Letras, a Engenharia de Produção, Zootecnia, Fisioterapia e Gestão da Informação.

Em uma pergunta mais geral no questionário para avaliar sua experiência no PGM, o aproveitamento do ponto de vista profissional – considerando conseguir um emprego foi majoritariamente positivo. 47,64% dos egressos responderam estar “satisfeitos”, ao passo que outros 43,4% responderam estar “muito satisfeitos” com o programa.

Gráfico 4 – Percepção dos alunos sobre sua experiência no PGM



Fonte: Elaboração própria.

Como a maior parte dos alunos respondentes do questionário ainda não possui uma experiência profissional, podem não perceber ou considerar ganhos profissionais como resultado do programa. Ainda assim, esse percentual de satisfeitos e muito satisfeitos representa mais de 90% dos respondentes, talvez podendo indicar mais uma expectativa do que uma realidade ou como mencionado pelos futuros intercambistas, a inclusão do intercâmbio como componente no currículo que os diferenciam de outros possíveis candidatos a vagas de emprego. Desta forma, novas oportunidades profissionais e de estudo no Brasil e no exterior são potencialmente trazidas pelo intercâmbio.

Acho que novas chances de emprego também, é oportunidade de trabalho, é de conhecimento, de palestras, vai ajudar até de estudo mesmo. É porque assim, eu não penso em fazer faculdade aqui no Brasil, penso em fazer faculdade fora. Então eu acho que fazendo o intercâmbio, acho que já me ajudaria a conseguir vagas e fazer provas pra outras faculdades fora do Brasil. Acho que vagas de estudo mesmo, oportunidade de estudo também (ENTREVISTADA I, futura intercambista).

Quando você faz o programa Ganhe o Mundo, quando você faz o currículo, normalmente tem lá que você fez uma experiência, um intercâmbio. E eu acho que por você fazer uma experiência (de) intercâmbio, as chances de você conseguir um trabalho bom, é...com maior desenvoltura, seria melhor (ENTREVISTADA J, futura intercambista).

No questionário, há alguns poucos relatos espontâneos sobre o impacto do intercâmbio no futuro profissional e perspectivas dos egressos para essa área.

Me aprimorei bastante na língua inglesa, me tornei uma pessoa mais decidida e aprendi a trabalhar com a minha timidez, mudei minha perspectiva de carreira profissional. – Entrevistado/a 164 (questionário, egresso/a)

O meu intercâmbio foi de suma importância para minha vida pessoal e profissional, acredito que com ele eu terei um ponto positivo no meu currículo. – Entrevistado/a 160 (questionário, egresso/a)

Melhor experiência da minha vida, abriu várias portas e me deu várias ofertas de emprego. – Entrevistado/a 82 (questionário, egresso/a)

Um ponto a ser investigado é se o intercâmbio no currículo, de fato, contribui para os/as egressos/as do PGM conseguirem o primeiro emprego e se há uma mudança nessa percepção ao longo dos anos. Já vimos que isso é válido para egressos/as do ERASMUS, mas esses são estudantes que terminaram a graduação e ingressam no mercado de trabalho. Não se pode, assim, afirmar categoricamente que isso também é válido para os egressos do PGM, que terminam o ensino médio. Para poder afirmar isto, seria preciso uma pesquisa com uma amostra representativa de egressos, de diferentes períodos do PGM, focalizando sua trajetória após a volta do intercâmbio e a finalização do ensino médio.

Já ao olharmos para o aproveitamento do ponto de vista acadêmico – considerando entrar na universidade - a maior parte dos/as egressos/as (52%) consideram estar “satisfeitos” com o programa, enquanto 32% estão “muito satisfeitos”. Como no Brasil o acesso ao ensino superior ainda é restrito – de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2018, apenas 32,7% dos jovens entre 18 e 24 anos estão cursando esse nível de ensino - e alguém com ensino superior completo ganha em média 2,5 vezes mais que alguém com ensino médio completo ou superior incompleto (IBGE, 2019), a entrada e conclusão do ensino superior torna-se um componente essencial para o aumento da empregabilidade desses/as jovens. Nesse sentido, é importante considerar a escolha por cursar a universidade como um dos critérios que apoiam a empregabilidade dos/as egressos/as do programa, e portanto, buscando entender a porcentagem de estudantes do PGM que pretende cursar a universidade e quantos/as, dentre os/as pesquisados/as, haviam concluído o ensino médio e, dentre estes, quantos/as foram para a universidade.

A esfera em que os/as egressos/as do PGM estão aparentemente mais satisfeitos/as é a de seu desenvolvimento pessoal - considerando seu amadurecimento e crescimento, 77,36% dos 212 egressos respondentes consideraram-se “muito satisfeitos” com o programa, enquanto outros 19,34% consideraram-se “satisfeitos”. Talvez esse seja o âmbito de mudança mais perceptível para os/as intercambistas.

Em uma questão de múltipla-escolha sobre os ganhos pessoais de terem participado do intercâmbio, com a resposta de 211 egressos/as (era possível escolher mais de uma opção e,

portanto, a soma é maior que o total de respondentes), os ganhos do intercâmbio internacional considerados pela literatura como mais tradicionais, isto é, o aumento do conhecimento da língua adicional (proficiência linguística) por um lado e a compreensão e interesse pela cultura de outros povos, “aprendi a lidar com culturas diferentes da minha” (competência intercultural), por outro, aparecem com 98% e 90% das escolhas, respectivamente. Características mais voltadas ao desenvolvimento pessoal também são consideradas ganhos como o autoconhecimento (maturidade), que aparece com 97%, a habilidade de se comunicar com mais confiança, com 86%, e de se conectar e relacionar com outras pessoas, com 85%. A melhoria da qualificação profissional aparece bem acima da qualificação acadêmica, a primeira com 80% e a última com 62% das escolhas, ou seja, aparentemente os/as estudantes relacionam a participação no PGM mais com oportunidades no âmbito profissional do que no acadêmico.

Tabela 8 - Percepção dos alunos sobre ganhos pessoais de ter participado do intercâmbio

Quais você considera ganhos pessoais de ter participado do intercâmbio?	Respondentes
Aumento do conhecimento da língua adicional	98%
Autoconhecimento (maturidade)	97%
Compreensão e interesse pela cultura de outros povos e aprendi a lidar com culturas diferentes da minha	90%
Habilidade de se comunicar com mais confiança	86%
Habilidade de se conectar e relacionar com outras pessoas	85%
Melhoria da qualificação profissional (para arranjar emprego)	80%
Capacidade de liderança (mais confiança em tomar decisões e fazer escolhas)	66%
Equilíbrio emocional (inteligência emocional)	66%
Melhoria da qualificação acadêmica (para entrar na faculdade)	62%
Outro (especifique)	3%

Fonte: Elaboração própria.

Na conversa com os futuros intercambistas, fica claro que eles reconhecem a importância do PGM para o aprendizado de línguas, bem como a vivência internacional como oportunidade única de conhecer outras culturas e de amadurecimento através da experiência com o desconhecido – ainda que, nesse estágio, como expectativa. Ao serem indagados/as sobre as características mais importantes em um/a intercambista, os/as estudantes do grupo focal mencionam disciplina, mente aberta, independência, capacidade de adaptação e maturidade, características que consideram possuir em parte, mas também a desenvolver e aprimorar durante o intercâmbio. A entrevistada I (futura intercambista) relata: “Eu acho que vai desenvolver. Uma parte tem e outra parte que vai desenvolver, que já tá desenvolvendo, tá em desenvolvimento”.

Já os/as egressos/as do grupo focal reforçam os ganhos pessoais do intercâmbio a partir de seu desenvolvimento pessoal, seja através do aumento da confiança, sua autoestima, uma maior autonomia, independência e resiliência para superar situações adversas, além claro da tolerância com outras culturas;

Eu acredito que na parte pessoal eu acho que a... A questão da confiança em mim mesmo. A confiança... Até mesmo antes de viajar (ENTREVISTADA E, egresso).

Quando eu viajei, aqui eu já me sentia assim né? Muito adulta, já me sentia muito independente, assim né? Muito madura... Na primeira semana eu chorei, chorei, chorei [...] E também quando eu voltei, assim, a gente vai achando que é maduro, mas quando você chega lá e você vê que que você é tipo uma criança e você volta outra coisa, assim. É coisa de outro mundo realmente... Eu realmente cresci, amadureci, que eu não sou mais aquela criança de antes (ENTREVISTADA G, egressa).

Não devemos temer o desconhecido, foi a coisa que mais aprendi, tanto na comida, na viagem. O medo às vezes de provar o que não se conhece, você acaba deixando de viver tudo na sua vida que possa melhorar. Hoje eu não tenho medo de ir pra qualquer lugar. Não tenho medo de experimentar, provar (ENTREVISTADA H, egressa).

Eu tenho ansiedade, faço terapia já há algum tempo, sou um pouco desequilibrado, às vezes eu fazia um bicho de sete cabeças com qualquer coisa. Quando você está distante da sua família você não pode fazer o bicho de sete cabeças, você tem que respirar fundo e falar bonitinho com o coordenador da sua escola [...]. Você começa a olhar pras coisas de outra forma, você deixa de se preocupar com trivialidades, e começa se preocupar com coisas mais importantes (ENTREVISTADO D, egresso).

Em uma pergunta aberta do questionário, ao serem indagados/as sobre os aspectos positivos e negativos do PGM, a maior parte dos/as egressos/as (81%) relatou ganhos principalmente em seu desenvolvimento pessoal mesmo em face a dificuldades, adquirindo uma percepção mais ampla do mundo, tornando-se mais confiantes, independentes, responsáveis, ajudando-os/as na timidez e amadurecendo a partir do contato com outras pessoas e culturas.

O intercâmbio me deu uma percepção do mundo muito mais ampla. Eu amadureci muito ao conhecer pessoas de diferentes países, com costumes diferentes e também com certos

choques culturais. O Intercâmbio foi incrível pelo fato de ter me dado a oportunidade de viver em pouco tempo um crescimento pessoal demasiado. – ENTREVISTADO 4 (questionário, egresso/a)

Em aspectos positivos, posso citar o contato com a língua, o qual foi essencial para a construção do conhecimento que adquiri até hoje. Também, o intercâmbio me fez crescer como pessoa, hoje percebo que sou uma pessoa mais confiante em relação aos meus objetivos. Com relação aos pontos negativos, pode-se dizer o choque de realidade e primeiras impressões, de início a adaptação se torna complicada, mas não impossível; ainda assim, essa contribui para o crescimento pessoal do ser. – ENTREVISTADO 17 (questionário, egresso/a)

Muitas das habilidades mencionadas pelos/as estudantes do PGM são apontadas por estudos que analisam a mobilidade internacional temporária e o desenvolvimento de habilidades voltadas à empregabilidade, como sumarizado no quadro a seguir.

Quadro 8 - Principais competências e habilidades citadas em bibliografias sobre mobilidade internacional

CIMO		ERASMUS	PGM
Competência	Componentes	Habilidades que apareceram nos estudos relacionados ao ERASMUS	Habilidades mencionadas pelos futuros intercambistas e egressos
Produtividade	Eficiência	Planejamento e organização	Maturidade
	Capacidade analítica	Iniciativa	Independência
	Resolução de problemas	Vigor - habilidade para resolver problemas	Resolução de problemas
	Credibilidade	Assertividade	-
Resiliência	Adaptação	Habilidade para se adaptar e agir em novas situações	Adaptação
	Confiança	Decisão - habilidade para tomar decisões	Confiança
	Persistência	Comunicação	Comunicação
	Limites e forças	Serenidade - consciência de suas próprias forças e fraquezas	Responsabilidade
Criatividade	Tolerância	Tolerância para ambiguidade - aceitar a cultura e atitude de outras pessoas e se adaptar	Tolerância

	Interesse por novas questões/problemas	Curiosidade - abertura a novas experiências	-
	Conhecimento intercultural	Competência intercultural	Competência intercultural
	Cooperação	Flexibilidade	Flexibilidade
	Habilidade para networking	-	-

Fonte: Elaboração própria.

É importante deixar claro que nem todas as habilidades no quadro têm correspondência horizontal como é o caso de comunicação e persistência, bem como de capacidade analítica, iniciativa e independência. E que esse quadro é uma aproximação muito incipiente a partir da percepção dos estudantes do PGM sobre o desenvolvimento de características relacionadas à sua personalidade e a partir da experiência do intercâmbio. Para que se possa ter dados estruturados acerca dessas habilidades, seria importante que a equipe do PGM, primeiramente, buscasse entender quais são as habilidades valorizadas pelos/as empregadores/as brasileiros/as e pernambucanos/as e quais delas poderiam ser desenvolvidas através da experiência internacional. Será que os/as discentes do ensino médio podem desenvolver as mesmas habilidades que os/as discentes do ensino superior durante a mobilidade? Em caso afirmativo, em que grau isso poderia ocorrer? Um outro ponto é: será que os/as empregadores/as enxergam a experiência internacional como propícia ao desenvolvimento dessas habilidades? E os/as estudantes? Talvez um ponto de partida poderia ser testar os fatores “memo” (traços de personalidade) já confirmados pelo ERASMUS no estudo de impacto ou as competências escondidas no estudo do CIMO.

A partir da definição do que é empregabilidade para o PGM e o estabelecimento das habilidades que a compõe, poder-se-ia aplicar um questionário a estudantes antes de e após participarem do intercâmbio e se possível, fazer o mesmo com um grupo controle com estudantes que não participarão da mobilidade.

4.4. Pontos de atenção

Entre os pontos de atenção relacionados ao intercâmbio, 19% dos/as egressos/as mencionam dificuldades com a família hospedeira, problemas de comunicação com a agência,

com a escola, com os gestores do PGM, a quantidade de brasileiros/as nas mesmas turmas e escolas, além de problemas no recebimento da bolsa. A maior parte, no entanto, não entra em detalhes sobre o ocorrido.

Entre as dificuldades com a família hospedeira houve relatos de necessidade de troca de família por incompatibilidade, diferenças culturais – com famílias muito rigorosas e que não deixavam os/as intercambistas saírem, quantidade de tarefas domésticas que precisavam ser divididas e dificuldade de conexão com membros da família, o que impossibilitou um bom relacionamento. Houve também o relato de uma egressa que diz conhecer um(a) intercambista que sofreu assédio por parte do pai da família hospedeira. Pela delicadeza do tema, a entrevistada não se sentiu à vontade para fornecer muitos detalhes ou mesmo comentar, o que parece inclusive ser um dos motivos para não haver denúncias oficiais, mas destacou a importância de se repensar a forma como as agências selecionam as famílias que receberão os/as estudantes: "o processo de seleção das famílias não deve ser apenas a parte financeira, mas também o caráter".

O quantitativo de problemas com as famílias é muito grande, porque dizem que tem condições de receber, mas acabam traumatizando o jovem [...] e me preocupa disso acontecer com qualquer outra jovem depois de nós – ENTREVISTADO 48 (questionário, egresso/a)

Nesse sentido, pode-se e recomenda-se que a equipe investigue mais a fundo esses aspectos para identificar quais tipos de problemas são recorrentes e buscar soluções para mitigar a chance que eles continuem ocorrendo. É claro que imprevistos e dificuldades de adaptação são normais e fazem os/as estudantes amadurecerem a partir do momento que precisam se empenhar para resolver seus próprios problemas. No entanto, há casos como esse de assédio, que, independentemente do número de casos, devem ser investigados e acima de tudo, é essencial que a equipe do PGM oriente os/as intercambistas em como proceder nesses casos, reforçando sua atenção e apoio aos/as estudantes para que ocorrências como essas sejam, de fato, relatadas e as devidas providências sejam tomadas.

A seguir alguns outros exemplos de relatos sobre aspectos negativos do intercâmbio.

Ótimo (pois conheci pessoas maravilhosas) e a divisão de família deixou a desejar. - ENTREVISTADO 46 (questionário, egresso/a)

No geral, foi muito bom, uma experiência ótima, apesar de a XXX [nome da agência de viagens] ser irresponsável e não procurar famílias que devidamente vão cumprir o papel que assumem fazer. – ENTREVISTADO 44 (questionário, egresso/a)

Foi uma excelente oportunidade que trouxe aprimoramento tanto nos meus conhecimentos no geral como de forma pessoal, partindo para o lado negativo foi um pouco de desorganização da parte da agência e do grupo de educação que ficou responsável pelos estudantes do país de acolhida. – ENTREVISTADO 85 (questionário, egresso/a)

A experiência foi incrível em todos os aspectos, aprendi muito sobre a língua e cultura do país, porém a grande quantidade de brasileiros no mesmo local dificultou a aprendizagem da língua para algumas pessoas. – ENTREVISTADO 127 (questionário, egresso/a)

Melhoramento tanto da compreensão e da fala da língua inglesa, problemas com recebimentos de bolsas. - ENTREVISTADO 50 (questionário, egresso/a)

A partir da análise das entrevistas com futuros/as intercambistas e egressos/as, incluindo o questionário pode-se resumir os aspectos positivos e os pontos de atenção do PGM conforme quadros que seguem.

Com relação aos/às futuros/as intercambistas:

Quadro 9 - Resumo da percepção dos alunos futuros intercambistas sobre o PGM

Pontos fortes do PGM	Pontos de atenção
<u>Oportunidade única</u> : reconhecem a importância do PGM para o aprendizado de línguas e vivência internacional como oportunidade para conhecer outras culturas e de amadurecimento.	<u>Demanda do ensino público</u> : migração de estudantes da rede particular para a pública, visando o intercâmbio.
<u>Contato com egressos/as</u> : valorizado pelo aprendizado com experiências prévias e modelos referência para conseguir o intercâmbio.	<u>Resistência de responsáveis</u> : famílias muito protetoras e/ou que não enxergam a importância do intercâmbio.
<u>Novas oportunidades</u> : o intercâmbio contribuirá para novas chances de emprego e de estudo, como também para o desenvolvimento pessoal - ex. amadurecimento e independência.	<u>Processo seletivo para cursos</u> : menção a falhas na seleção com estudantes com médias suficientes não sendo escolhidos/as para os cursos de idiomas e vice-versa.
-	<u>Material didático</u> : crítica ao material de alemão considerado descontextualizado e focado mais na tradução.

-	<u>Fluência no idioma</u> : discentes consideram difícil se tornar fluente na língua apenas com a participação no curso de idiomas ⁸ .
---	---

Fonte: Elaboração própria.

Com relação aos egressos:

Quadro 10 - Resumo da percepção dos alunos egressos sobre o PGM

Pontos fortes do PGM	Pontos de atenção
<u>Avanços no programa (geral)</u> : alunos/as reconhecem os aprimoramentos nos editais ao longo dos anos do programa.	<u>Demanda do ensino público (geral)</u> : migração de estudantes da rede particular para a pública visando o intercâmbio.
<u>Apoio aos estudantes (geral)</u> : equipe PGM considerada referência em suporte aos estudantes na chegada ao país estrangeiro, ao longo do e pós-intercâmbio com adaptação e problemas/dificuldades.	<u>Problemas no andamento do curso (pré-intercâmbio)</u> : descontinuidade devido a questões judiciais que afetaram o programa de línguas, que, por sua vez, prejudicou o aprendizado dos estudantes e, por conseguinte, trouxe maiores dificuldades de comunicação para os intercambistas no exterior.
<u>Apoio no exterior (geral)</u> : importância e reconhecimento do bom trabalho feito pela rede de apoio – coordenador/a local, agência responsável pelo programa e contato com equipe PGM.	<u>Apoio no exterior (geral)</u> : há relatos de problemas no apoio aos/as estudantes durante o intercâmbio relacionados à rede de apoio, mas sem muito detalhamento.
<u>Rigor na seleção (pré-intercâmbio)</u> : como alunos/as devem ter bom desempenho na escola, frequência e bom comportamento, isso gera maior engajamento dos alunos no estudo e consciência da importância de aproveitarem a oportunidade.	<u>Mão de obra qualificada (pré-intercâmbio)</u> : dificuldade da empresa licitada em achar professores/as para ministrar cursos de línguas, principalmente no interior. De acordo com uma egressa, muitas aulas foram perdidas por falta de professor/a. Por esse motivo, a empresa busca contratar ex-estudantes do PGM.
<u>Contato com egressos (pré-intercâmbio)</u> : valorizado pelo aprendizado com experiências prévias e egressos como	<u>Medo/receio do novo/desconhecido (intercâmbio)</u> : desconhecimento sobre a realidade de outro país e sobre a experiência de intercâmbio pode gerar desistências.

⁸ É importante reforçar que não é esperado que os estudantes saiam fluentes na língua adicional a partir de um ano de estudo da língua no curso de idiomas. Nesse sentido, faz-se necessário alinhar as expectativas dos estudantes quando do início do curso para que tenham clareza do que devem atingir após a conclusão do mesmo.

referência para conseguir o intercâmbio.	
<u>Alcance social (intercâmbio)</u> : O programa traz a oportunidade de intercâmbio para classes mais baixas e transforma a vida através da educação.	<u>Dificuldade de adaptação (intercâmbio)</u> : entender e se acostumar a novos hábitos – alimentação, fuso, vivência com família de outro país, maior liberdade, mas maior responsabilidade, lidar com regras.
<u>Desenvolvimento pessoal (intercâmbio)</u> : aumento da confiança, autoestima, maior autonomia, independência e resiliência para superar situações adversas, bem como tolerância com outras culturas.	<u>Contato com brasileiros (intercâmbio)</u> : em algumas escolas havia muitos brasileiros, o que dificultava a prática na língua adicional.
<u>Desenvolvimento acadêmico (intercâmbio)</u> : reconhecimento de que a educação modifica a vida das pessoas. O intercâmbio incide na vontade de os/as estudantes continuarem os estudos, principalmente de ingressar na universidade.	<u>Problemas com família hospedeira (intercâmbio)</u> : necessidade de troca de família por dificuldades no relacionamento e adaptação às diferenças culturais.
<u>Aprendendo a lidar com o novo/desconhecido (intercâmbio)</u> : considerado um dos maiores aprendizados, não ter medo de experimentar e enfrentar o desconhecido. Abertura para o mundo.	<u>Assédio (intercâmbio)</u> : relatos de assédio cometidos por parte dos pais de famílias de outro país e que não são reportados oficialmente pelos/as jovens.
<u>Contato com as famílias hospedeiras (intercâmbio)</u> : os alunos relatam a importância da convivência com as famílias para o aprendizado e adaptação ao idioma e à cultura; muitos relatam manter o vínculo com as famílias após volta e oportunidade de contínuo aprimoramento do idioma.	<u>Aproveitando a experiência (pós-intercâmbio)</u> : como aproveitar melhor a experiência dos egressos após sua volta - oportunidade de maior engajamento com comunidade escolar, futuros intercambistas etc.
<u>Currículo escolar (intercâmbio)</u> : maior flexibilidade na escolha das matérias de natureza diversa (práticas, técnicas e teóricas) despertou o interesse e engajamento dos alunos nas aulas.	<u>Currículo escolar (intercâmbio)</u> : apenas um estudante relatou que não pôde escolher as matérias.
<u>Fluência no idioma (intercâmbio)</u> : desenvolver a	<u>Remuneração deficiente de egressos pela empresa licitada para a entrega de cursos de idiomas (pós-</u>

habilidade de se comunicar com nativos, fazendo-se entender verbal e não-verbalmente.	<u>intercâmbio</u>): relato de não cumprimento de direitos trabalhistas e remuneração muito baixa. Os profissionais contratados para dar aulas de idiomas são instrutores/as e não professores/as e por esse motivo, a remuneração é mais baixa. Também não é preciso estar cursando ou ter ensino superior completo.
<u>Fomento da responsabilidade e autonomia (intercâmbio)</u> : liberdade para gerir seu tempo e dinheiro no exterior e responsabilidade para voltarem sozinhos ao Brasil.	-
<u>Reconhecimento pelo aprendizado (intercâmbio)</u> : estudantes reconhecem-se como modelo para demais estudantes e desenvolvem um senso de pertencimento à Pernambuco.	-
<u>Novas perspectivas (pós-intercâmbio)</u> : maior abertura ao mundo – busca de novas possibilidades de intercâmbio, busca pela continuidade do estudo, almejando e ingressando no ensino superior, além de percepção de maior preparo profissional.	-
	<u>Oportunidade de trabalho (pós-intercâmbio)</u> : pós-intercambistas se tornam professores/as de idiomas do PGM, sem a devida preparação e formação para exercer tal função. Talvez eles/as pudessem ser contratados como monitores, apoiando o trabalho do professor (devidamente habilitado) em sala.

Fonte: Elaboração própria.

A partir do que foi exposto no capítulo, depreende-se que a maior parte dos estudantes egressos do PGM valorizam e reconhecem a importância do programa em sua vida, principalmente no que tange ao seu desenvolvimento pessoal, mas também acadêmico e profissional – por mais que os últimos talvez sejam mais percebidos como expectativas do que realidades. Os pontos de atenção levantados ao longo do capítulo não devem, no entanto, ser ignorados, mas sim aproveitados como insumo para melhoria da experiência dos/as estudantes com o programa como um todo.

5. Recomendações para o Programa Ganhe o Mundo Pernambuco

A contextualização do PGM e sua análise no capítulo anterior trouxeram à luz muitos dos desafios enfrentados pelo programa. No presente capítulo, exploramos em maiores detalhes os principais desafios e pontos de atenção levantados, a fim de provocar reflexões sobre essas questões e trazer sugestões e recomendações que visem o aprimoramento do PGM e sua utilidade para possíveis outros programas.

Iniciamos este capítulo recapitulando os objetivos do PGM com seus desafios e pontos de atenção explicitados no capítulo quatro e trazendo recomendações para o aprimoramento desses objetivos. Na sequência, apresentamos outras considerações sobre as diferentes etapas de implementação e execução do programa atualmente, explorando os desafios e pontos de atenção levantados ao longo dos capítulos três e quatro com suas respectivas recomendações.

5.1 Objetivos do PGM

Conforme explorado no presente trabalho, os objetivos definidos para o PGM são de suma importância tanto para compreensão dos motivadores que nortearam a estruturação do programa como está hoje, quanto para a análise do desenvolvimento e de resultados do programa, base para a proposição de recomendações de melhoria. Com isso em mente, recuperamos perguntas-chave que devem ser respondidas pela equipe do programa com vistas a melhor organizar os objetivos do PGM, tecendo também recomendações mais detalhadas de forma a contribuir para sua eventual operacionalização.

A primeira recomendação que permeou a análise dos três objetivos no capítulo quatro é a necessidade de uma melhor explicitação dos próprios objetivos do programa, dando preferência pela utilização de conceitos menos abstratos e que facilitem sua compreensão. “Proficiência” e “bilíngue” (objetivo i), “competência intercultural” (objetivo ii) e “competências e habilidades voltadas à empregabilidade” (objetivo iii) são conceitos que precisam vir acompanhados de uma definição clara e concreta, pautada na literatura, já que há diferentes possíveis maneiras de interpretar esses conceitos e como vimos, há uma vasta gama de estudos a esse respeito – o que deve, portanto, ser aproveitado como acúmulo de conhecimento sobre esses temas. Como sugestão de um segundo passo, poder-se-ia desdobrar esses objetivos mais macro em um ou, no máximo, em outros dois objetivos de aprendizagem que sejam não só claros, mas também

tangíveis e mensuráveis – talvez um pensado para o primeiro componente (curso de idiomas) e outro para o segundo (intercâmbio).

Essa recomendação é fundamental para o aprimoramento do programa. Uma das presentes pesquisadoras coordenou um estudo desenvolvido pela consultoria *Move Social* a pedido do *British Council* sobre o ensino da língua inglesa nas Unidades Federativas brasileiras (UFs) e que pode trazer luz à essa questão. O objetivo era compreender o quão estruturadas e/ou consolidadas estão essas políticas nas UF's considerando cinco principais dimensões – o currículo, o perfil docente e o regime de trabalho, a formação de professores, os programas de apoio e parcerias, e o monitoramento e a avaliação dessas políticas. Essa última dimensão foi a mais desafiadora quanto ao levantamento de dados – sejam primários e secundários, sendo a avaliação uma área ainda em sua infância e que não colabora para o estabelecimento de metas e objetivos claros para o ensino da língua inglesa como um todo, assim como para outras línguas adicionais (BRITISH COUNCIL, 2019). Sem metas e objetivos claros para esse ensino, isto é, se não sabemos ao certo onde queremos chegar – e infelizmente essa é hoje a situação atual para o ensino de línguas adicionais nas redes estaduais brasileiras - não é possível saber se, de fato, chegamos lá e, nesse sentido, torna-se ainda mais desafiador monitorar e avaliar essas políticas. Percebe-se assim, que esse desafio é evidente para as políticas de ensino de línguas adicionais nos estados brasileiros, incluindo também para o PGM.

No caso do objetivo (i) do PGM voltado ao uso da língua, deve-se estipular os critérios específicos norteadores da definição de bilinguismo. Estamos aqui falando do critério de proficiência linguística ou não? Em caso afirmativo, proficiência linguística em quais habilidades? Em todas ou nas habilidades mais voltadas à oralidade, isto é, a fala e a compreensão – como aparentemente o edital do PGM voltado ao curso de idiomas parece sugerir (PERNAMBUCO, 2011a)?

Já vimos que tornar o estado de Pernambuco bilíngue não é um objetivo factível considerando o universo de estudantes abarcados/as pelo programa em comparação ao tamanho da rede – levando-se em conta as matrículas para o 1º ano do EM, nos cursos de idiomas, o PGM atende apenas 13,5% da rede, e na oportunidade de intercâmbio, apenas 0,82% da rede. Por isso, deve-se repensar esse objetivo, talvez não fazendo uso do termo “bilíngue” e focando mais nas oportunidades de participação em um mundo global e interconectado e que são abertas a estudantes com o conhecimento de uma língua adicional.

Uma outra pergunta-chave para delimitar o significado de “acelerar nos jovens a proficiência na língua adicional” refere-se ao nível de proficiência que se espera que os/as discentes atinjam através do curso de idiomas e do intercâmbio. Pressupõe-se que os/as alunos/as

atingam o nível intermediário ao fim de um ano de curso de idiomas e potencialmente avançado após o intercâmbio. De qualquer forma, além de isso não estar explicitamente claro nos documentos do programa, termos como básico, intermediário e avançado são muito genéricos. É preciso compreender o que se espera que os alunos consigam desenvolver quanto ao uso significativo da língua ao longo desse aprendizado e exatamente por isso é necessário uma clareza quanto ao significado do construto “proficiência”, em seu uso técnico e pensando a mesma como algo que será adquirido gradativamente e com o trabalho em diferentes frentes. Em sua acepção técnica, proficiência em uma língua adicional não é sinônimo de fluência, não sendo uma tarefa fácil e que se dá sem esforço. Como levantado no capítulo quatro, deve-se refletir sobre o propósito de desenvolver/acelerar essa proficiência nos/nas alunos/as e para tanto responder aos seguintes questionamentos: Em que os/as estudantes devem adquirir proficiência? para quê? e em que contexto?

A partir dessas respostas será possível definir, por exemplo, qual a escala que deve ser utilizada para aferir essa proficiência linguística. Esse ponto é extremamente importante, pois essa definição orientará todo o desenho do curso de idiomas, incluindo materiais a serem utilizados nesse processo, com repercussões no monitoramento e avaliação desse objetivo. Uma sugestão seria a utilização do QECR, uma escala global já reconhecida internacionalmente e que está voltada ao uso significativo da língua a partir da realidade do/a aluno/a, das habilidades que ele/a precisa desenvolver na língua adicional para agir no mundo, isto é, se comunicar. De acordo com o Conselho da Europa, o QECR é resultado de mais de 20 anos de pesquisas e através da descrição de seis níveis de proficiência no ensino de línguas adicionais, ele permite estabelecer objetivos para o ensino e a aprendizagem, revisar o currículo e desenvolver materiais didáticos além de oferecer uma base para o reconhecimento do nível de conhecimento de idiomas através da certificação (CONSELHO DA EUROPA, 2020).

No questionário preenchido por egressos/as, buscou-se aferir de maneira muito preliminar – também usando os termos genéricos básico, intermediário, avançado e fluente - e baseada na percepção dos/as estudantes de o quanto o conhecimento da língua adicional foi desenvolvido antes e após o intercâmbio. Enquanto a maior parte dos egressos consideram-se entre básico e intermediário nas quatro habilidades antes do intercâmbio, após a experiência internacional, os/as estudantes percebem-se entre avançado e fluente nessas mesmas quatro habilidades. A percepção desse avanço é um dado muito importante, mas, para ser, de fato, confirmado precisaria vir acompanhado de um teste de proficiência, por exemplo, para uma amostra representativa do universo de estudantes do PGM – com uma prova sendo aplicada antes do intercâmbio e outra após o retorno. Com isso, seria possível comparar a percepção dos/as estudantes com seu real

desenvolvimento linguístico tanto ao fim do curso de idiomas como após a mobilidade estudantil, fornecendo, assim, subsídios para a equipe do PGM sobre se e o quanto esse objetivo está sendo ou não atingido.

Por fim, uma última recomendação quanto a esse objetivo é o uso do termo língua adicional ao invés de língua estrangeira, sendo essa convenção tematizada, por exemplo, pelo/a professor/a no início do curso de idiomas. Como já mencionado no início e ao longo do presente trabalho, o conceito de língua adicional é mais adequado e abrangente, já que parte da premissa que o/a aprendiz já possui ao menos uma língua e portanto, essa nova língua que está sendo aprendida vem como adição, não trazendo em seu bojo as características individuais do aluno - caso do termo “segunda língua”, ou o contexto geográfico - caso de língua do país vizinho, língua internacional e franca - ou até mesmo a distância geográfica entre a língua materna e a outra língua - no caso de língua estrangeira (LEFFA, 2014).

Já no objetivo (ii) do PGM voltado ao desenvolvimento da competência intercultural, deve-se também repensar esse objetivo, definindo clara e concretamente esse conceito a partir da literatura existente, priorizando seus diferentes aspectos mais específicos e traduzindo-os, assim como no objetivo (i) em um ou dois objetivos de aprendizagem concretos, específicos e mensuráveis. Lembrando que a competência intercultural está relacionada ao aprendizado dos estudantes em transitar por diferentes contextos, em facilitar a comunicação entre indivíduos, em conviver com o diferente, facilitando a tolerância ao diverso e dando a oportunidade aos indivíduos desenvolverem consciência tanto do outro como de si mesmos.

Talvez uma pergunta-chave para a equipe do PGM refletir e que pode ajudar nessa delimitação é “como o programa pode apoiar seus/suas estudantes a obterem sucesso em uma sociedade global?”. O objetivo faz menção a habilidades, competências e conhecimentos que potencialmente diferenciariam os estudantes do PGM dos demais, mas não há detalhes sobre esses componentes e em que esfera isso poderia ser desenvolvido. Estamos falando do desenvolvimento da competência intercultural através do intercâmbio? Ou também durante o curso de idiomas? Isso precisa estar claro e talvez seja possível diferenciar esses dois componentes do programa através de um objetivo específico para a fase do curso de idiomas – focando, por exemplo, mais em uma sensibilização para a temática e preparação para a imersão, que se dará ou não a partir do intercâmbio estudantil – e outro para o intercâmbio no exterior, no qual há uma imersão na cultura e língua de outro país e, conseqüentemente, uma maior oportunidade para desenvolver esses aspectos. Assim como reforça Bennett (HACKRADT, 2011), deve-se apoiar os/as estudantes no desenvolvimento de estratégias que os/as levem não só a reconhecer as diferenças culturais, mas também como aprender com elas. Isso ainda prévio ao

intercâmbio. Já durante o período no exterior, deve-se acompanhar o/a estudante nesse processo, facilitando esse aprendizado. Por fim, deve-se também apoiar o/a estudante em sua volta ao Brasil, ajudando-o/a a se readaptar e a colocar esse aprendizado em prática.

Com o objetivo macro e seus desdobramentos desenhados, pode-se definir como será feita a avaliação direta ou indireta desse objetivo. Pode-se, por exemplo, fazer questionários antes do curso de idiomas, após o curso/antes do intercâmbio e após o intercâmbio, além de pesquisas de satisfação. O PGM poderia incluir essa atribuição - ao menos a aplicação e retorno dessas pesquisas com sua consequente análise, em parte para a empresa licitada que entrega o curso de idiomas e em outra, à(s) agência(s) de viagens. Atingir esse objetivo está incluso no sucesso de ambas as fases do programa e, portanto, essa deve ser uma responsabilidade compartilhada por quem planeja e entrega esses componentes.

A mesma recomendação vale para o objetivo (iii), voltado à empregabilidade e que é complemento do objetivo (ii). Como não há consenso sobre quais são as habilidades que levam a uma maior empregabilidade, uma recomendação para que o PGM chegue a uma definição clara desse objetivo é primeiramente fazer uma pesquisa – seja online ou com grupos focais - com vistas a responder às seguintes perguntas-chave: quais são as habilidades voltadas à empregabilidade valorizadas pelos/as empregadores/as brasileiros/as e pernambucanos/as?; como eles/as veem o intercâmbio internacional no desenvolvimento desses/as jovens? Já que um dos objetivos do PGM é aumentar a empregabilidade desses/as jovens, torna-se essencial compreender melhor as expectativas do mercado de trabalho brasileiro nacional e das particularidades do estado de Pernambuco quanto à formação desses/as jovens e se, e como a experiência internacional poderia ou não agregar a essa formação. Assim como empregadores/as internacionais não necessariamente associam as habilidades desenvolvidas durante o intercâmbio com habilidades que eles buscam ao recrutar jovens para suas empresas, isso muito provavelmente acontece também aqui no Brasil.

Talvez poder-se-ia tomar como ponto de partida as pesquisas do ERASMUS e do CIMO para captar a percepção desses/as empregadores/as, utilizando as habilidades já mencionadas em um dos estudos e validando-as com os/as empregadores/as.

Uma outra pergunta-chave que a equipe do PGM deve buscar responder a partir desse estudo é se o desenvolvimento dessas habilidades é válido também para estudantes mais jovens como os/as do PGM, e se isso é reconhecido pelos/as empregadores/as ou não. Lembrando que os estudos acima mencionados são válidos para estudantes que passaram pela mobilidade temporária internacional – seja estudando ou fazendo estágio no exterior durante o ensino superior – e, sendo assim, não podemos afirmar categoricamente que isso é válido também para

os/as estudantes do PGM. Alunos/as do ensino médio que ficam menos tempo no intercâmbio, são menos maduros/as e após a estadia no exterior fazem a transição da escola para o mundo do trabalho e/ou para o ensino superior.

A partir disso, a equipe do PGM pode construir essa definição do que é empregabilidade e quais habilidades poderão ser desenvolvidas a partir da mobilidade estudantil. Assim como nos demais objetivos, uma sugestão é quebrar esse objetivo mais macro em outros dois objetivos de aprendizagem – talvez um relacionado ao curso de idiomas e um à mobilidade. Com essa clareza, pode-se então pensar em estratégias para conscientizar e preparar os/as estudantes do PGM para esse desenvolvimento, incluindo os relacionados às competências interculturais.

Tematizar esses objetivos de modo a conscientizar os atores envolvidos no programa, principalmente os/as alunos/as é extremamente importante para seu sucesso. A maior parte dos/as egressos/as participantes na presente pesquisa consideram o programa uma oportunidade única em sua trajetória, principalmente para o seu desenvolvimento pessoal – considerando seu amadurecimento e crescimento, 77,36% dos egressos consideraram-se “muito satisfeitos” e 19,34% “satisfeitos” com o programa. As potenciais habilidades desenvolvidas através do intercâmbio e que foram mais mencionadas no questionário pelos/as egressos/as foram maturidade, independência, resolução de problemas, adaptabilidade, confiança, comunicação, responsabilidade, tolerância e flexibilidade.

Mesmo sem necessariamente possuírem uma experiência profissional, os/as futuros/as intercambistas e egressos/as acreditam que o PGM contribuirá para seu futuro profissional, mesmo que ainda apenas como percepção. No levantamento de dados primários realizado pelas pesquisadoras identificou-se que 74,06% da amostra dos/as alunos/as não estão empregados/as, sendo que 50% participaram do programa em 2019, e estão recém egressos do intercâmbio. Essa análise é ainda muito superficial, e é necessário explorar mais informações sobre se de fato esses/as estudantes buscaram emprego, se possuem interesse, e dificuldades de conseguir um, por exemplo, além do papel essencial do ingresso no ensino superior como uma ponte para o aumento da empregabilidade desses/as jovens - conforme visto anteriormente.

A tabela 9 indica exemplos de perguntas e respectivos formatos para que sejam feitas aos egressos do programa, explorando duas grandes vertentes: empenho e resultado. Considerando-se que os alunos podem demorar tempos diferentes para buscar emprego - por fatores familiares, socioeconômicos e até mesmo acadêmicos, já que o aluno pode não precisar ou querer um emprego no momento, optar por focar no término do ensino médio ou superior,- é importante estabelecer momentos diferentes de coleta, que permitirão também, uma posterior análise longitudinal dos dados para melhor comparação e avaliação. As pesquisas poderiam ser

realizadas idealmente pelo 6 meses, 1 ano, 2 anos, 4 e 6 anos após o término do programa, para que seja possível avaliar as oportunidades mais imediatas até, durante e após possível experiência no ensino superior.

Tabela 9 - Exemplos de perguntas para egressos

	Sugestão de Pergunta	Formato e Alternativas
Empenho	Caso não esteja exercendo alguma atividade profissional, em qual situação você se encontra?	Não estou procurando no momento; Estou em busca de uma oportunidade.
Resultado	Você exerce alguma atividade profissional remunerada no momento?	Sim; Não
Resultado	Caso esteja exercendo alguma atividade profissional, qual a natureza da mesma?	Autônomo; Bolsista; CLT; Cargo Comissionado; Concursado; Estágio; Empreendedor; Temporário; Outros.
Resultado	Se sim, em qual segmento?	1º setor (governo); 2º setor (mercado privado); 3º setor (organizações da sociedade civil); outros
Resultado	Se sim, em qual área?	Sugerimos utilizar as classificações padrões no Estado.

Fonte: Elaboração própria.

As avaliações posteriores ao término do programa podem ser realizadas por qualquer ferramenta online de coleta de informações e, como já dito, podem ser adicionadas aos editais de licitação das empresas que realizarão serviços para o programa. A Secretaria de Educação e Esportes poderia contribuir com a divulgação, por meio de sua base de contatos e canais de comunicação, adicionar no edital dos/as alunos/as a obrigatoriedade da resposta aos formulários, além de reforçar, nos encontros e comunicados ao longo do programa, quando o engajamento é maior, a importância da coleta de dados para maior compreensão do programa e portanto, do papel dos estudantes nesse processo.

Outra importante ferramenta para coleta de dados, e especialmente, com potencial para incidir positivamente na taxa de empregabilidade dos egressos, é um projeto complementar que busque parcerias com empresas e organizações para contratação desse público e o consequente

aumento nas taxas de participação destes no mercado de trabalho. Isto poderia ocorrer por meio de cinco principais eixos de atuação:

- Comunicação adequada à potenciais contratantes para destacar os diferenciais dos/as participantes do programa;
- Ajudar as empresas a entender os tipos de vagas nas quais esses futuros/as profissionais poderiam se destacar;
- Receber as vagas de emprego das organizações interessadas em receber egressos/as e divulgar as vagas para a base de egressos do Programa;
- Oferecer aos/as alunos/as orientação sobre como construir um currículo, como participar de entrevistas, e como se preparar para o mundo do trabalho – talvez através de *webinars online* com participação de profissionais de diferentes áreas;
- Processo facilitado para que egressos/as tirem a carteira de trabalho ao terminarem o programa.

Recomenda-se que sejam avaliadas as alternativas de implementação das etapas acima juntamente com a Secretaria do Trabalho Emprego e Qualificação, para que possam utilizar processos e incentivos já existentes em outros programas de empregabilidade, ou mesmo, criar novos que apoiem o PGM e possam servir à outras futuras demandas, e especialmente, para estruturar o processo facilitado que estimule estudantes egressos/as a tirarem a Carteira de Trabalho, e conteúdos assíncronos, por exemplo, para sua preparação para processos seletivos. Uma outra sugestão é a busca e análise de projetos com esse foco, mas em outros estados, a exemplo do programa Meu Emprego Trabalho Inclusivo do Estado de São Paulo⁹.

Recomenda-se ainda que sejam estabelecidos indicadores sobre o mercado de trabalho, a começar pelo de Pernambuco, para que se possa comparar as respostas dos/as alunos/as às principais tendências do mercado, a fim de ter mais indícios sobre o quanto a jornada profissional dos/as egressos/as acompanha a tendência do mercado ou não. Por exemplo, se o mercado sofreu forte aumento do número de desempregados/as é mais natural de se esperar que possivelmente haja maior taxa também entre os egressos/as, e se por outro lado a tendência for contrária, poderia haver um indício maior do diferencial dos/as alunos/as mesmo em meio à crise. O quadro a seguir apresenta sugestões de indicadores a serem acompanhados.

⁹ Para mais informações acesse: < <http://www.trabalhoinclusivo.com.br/> > Último acesso em 12/11/2020.

Quadro 11 - Sugestões de indicadores a serem acompanhados para apoiar na avaliação de empregabilidade.

Indicadores
Taxa de desemprego
Novos postos de trabalho
Porcentagem de empregos que exigem cada tipo de escolaridade
Porcentagem de empregos que exigem conhecimento em línguas adicionais

Fonte: Elaboração própria.

Todos estes fatores e variáveis fogem ao controle da Secretaria de Educação e Esporte e do governo como um todo, a maior parte dificilmente pode ser prevista com tanta antecedência, e definitivamente não se pode aferir a correlação exata, dado que as variáveis não podem ser isoladas. Ressalta-se, pois, que esses indicadores servem apenas de *proxies* para que se possa cruzar com os dados dos/as egressos/as do programa e buscar possíveis correlações, tendências ou outros pontos de atenção que ajudem a reavaliar os próprios objetivos, indicadores e o programa em si. Ademais, há muitas outras variáveis que podem impactar no desempenho do mercado de trabalho, desde seu crescimento até às características dos/as profissionais demandados/as, e especialmente, no desempenho e carreira dos egressos. De toda forma, se trata de um passo importante para ter mais insumos para análises e construção de hipóteses sobre o PGM.

A partir dos diferentes objetivos do programa, seguem quadros resumindo as perguntas chave levantadas ao longo deste capítulo, bem como os principais achados e recomendações.

Quadro 12 - Resumo de perguntas, aprendizados e recomendações

Objetivo PGM
(i) Acelerar nos/as jovens o nível de proficiência na língua adicional escolhida, tornando Pernambuco o primeiro estado bilíngue do país.
Perguntas chave sobre objetivos/problematizações

1. Qual é a definição de proficiência e bilinguismo utilizada na construção desse objetivo? Essas definições devem ser claras e concretas, além de pautadas na literatura.
2. Qual é a escala de proficiência utilizada no PGM considerando as metas e objetivos do programa, bem como os materiais desenvolvidos para o curso?
3. Como essa proficiência será avaliada, considerando o foco do programa na oralidade?

Principais achados e recomendações

- > Objetivo PGM: fazer uso do termo “língua adicional” ao invés de “língua estrangeira”.
- > Objetivo PGM: tornar o Estado bilíngue não é factível dado o universo de beneficiários do programa.
- > Objetivo PGM: deve-se repensar esse objetivo, estabelecendo metas claras de proficiência para os estudantes no curso de línguas e no intercâmbio. Como o programa prioriza a oralidade, talvez focar mais em algumas habilidades do que em outras.
- > Objetivo PGM: potencialmente utilizar o QECR como quadro referência para o ensino de línguas.
- > Curso de idiomas: Empresa licitada e, portanto, material do curso deve estar em linha com essa definição.
- > Acompanhamento e avaliação do aprendizado: incluir o desenvolvimento e aplicação de um teste de proficiência para estudantes ao início e ao fim do curso de idiomas e um na volta dos estudantes de intercâmbio.

Objetivo PGM

- (ii) Desenvolver nos/as jovens **competência intercultural** através do convívio com outras culturas, costumes e línguas e oferecendo meios para que desenvolvam habilidades, competências e conhecimentos que os diferenciem.

Perguntas chave sobre objetivos/problematizações

1. Qual é a definição de competência intercultural utilizada na construção desse objetivo? Como o programa pode apoiar seus estudantes a obterem sucesso em uma sociedade global?
2. Como esse desenvolvimento será avaliado?
3. Como apoiar o estudante no processo de desenvolvimento dessa competência - antes, durante e após o intercâmbio?

Principais achados e recomendações

- > Objetivo PGM: deve-se repensar esse objetivo, definindo clara e concretamente o conceito de competência intercultural, priorizando seus diferentes aspectos mais

específicos e traduzindo-os em um ou dois objetivos de aprendizagem concretos, específicos e mensuráveis.

> Apoio ao processo: deve-se trabalhar com os/as estudantes os conceitos, o vocabulário, bem como os possíveis enquadramentos de competência intercultural, para que possam entender os mesmos e aplicá-los ao aprendizado antes, durante e após a mobilidade.

> Acompanhamento e avaliação: a partir disso, definir como isso será avaliado direta ou indiretamente. Pode-se, por exemplo, fazer questionários antes e após o intercâmbio, além de pesquisas de satisfação. O PGM poderia incluir essa atribuição - ao menos a aplicação e retorno dessas pesquisas para as empresas licitadas - responsáveis pelos cursos de idiomas e as agências de viagens, já que atingir esse objetivo está incluso no sucesso do intercâmbio e consequentemente no desempenho das empresas.

Objetivo PGM
(iii) Aumentar a empregabilidade desses/as jovens na medida em que promove a aplicação prática do conhecimento adquirido durante o intercâmbio.
Perguntas chave sobre objetivos/problematizações
<p>1. Quais são as habilidades voltadas à empregabilidade valorizadas pelos/as empregadores/as brasileiros/as e pernambucanos/as? Como eles/as veem o intercâmbio internacional no desenvolvimento desses/as jovens? O que torna um currículo mais atrativo para a obtenção do primeiro emprego?</p> <p>2. Qual é a definição de empregabilidade utilizada na construção desse objetivo? Essa definição deve ser clara e concreta, além de pautada na literatura, já que não há consenso acerca de sua definição e também não sobre como deve ser avaliada.</p> <p>3. O desenvolvimento dessas habilidades é válido também para estudantes mais jovens como os do PGM? E isso é reconhecido pelos/as empregadores/as ou não?</p>
Principais achados e recomendações

- > **Objetivo PGM:** ao repensar esse objetivo, pode-se idealmente fazer um pequeno questionário online com diferentes públicos – empregadores/as, gestores/as e professores/as das escolas públicas, estudantes do ensino médio e egressos/as do programa. Talvez utilizando o ERASMUS como *benchmark*, verificar a percepção desses públicos quanto a habilidades voltadas à empregabilidade que poderiam ser desenvolvidas através do intercâmbio.
- > **Apoio no processo:** conscientizar os/as estudantes sobre quais habilidades eles/as podem desenvolver a partir do aprendizado de uma língua adicional e do intercâmbio e que podem apoiar o seu preparo para o mundo do trabalho.
- > **Acompanhamento e avaliação:** a partir disso, definir como isso será avaliado direta ou indiretamente. Pode-se, por exemplo, fazer questionários antes e após o intercâmbio, se possível, com os diferentes públicos. Assim como para competência intercultural, seria importante fazer uma pesquisa longitudinal com egressos/as do programa para buscar indícios do impacto do intercâmbio no seu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.
- > **Acompanhamento e avaliação:** verificar o resultado dos projetos interdisciplinares que os estudantes desenvolvem após o intercâmbio e que constituem parte integrante de suas notas para o período no exterior. Como a Secretaria já possui uma página na internet com informações sobre o desenvolvimento do projeto, seria interessante disponibilizar os já desenvolvidos, fazendo um acompanhamento dos resultados na comunidade escolar.
- > **Projeto complementar:** parceria com a Secretaria do Trabalho Emprego e Qualificação para preparar os jovens para processos seletivos e apoiá-los na busca do primeiro emprego.

Fonte: Elaboração própria.

5.2 Etapas de implementação do PGM

Para facilitar a visualização e o diálogo com a gestão do programa, optou-se por dividir as demais observações e recomendações entre as diferentes etapas de implementação e operacionalização do programa, conforme fluxograma a seguir, elaborado pelas autoras.

Figura 2 - Principais etapas do PGM



Fonte: Elaboração própria.

5.2.1 Atração – em busca da equidade no PGM

Um primeiro passo importante consiste na divulgação adequada que permita atrair alunos/as e conseguir inscrições, viabilizando assim a etapa seguinte de seleção, e consequentemente o programa. A partir dos dados coletados no questionário e nas entrevistas,

não identificamos grandes pontos de atenção, visto que quase todos/as os/as estudantes relataram conhecer o programa anteriormente. Houve a exceção de uma egressa, que apesar de não o conhecer, se inscreveu para acompanhar outras amigas que demonstraram interesse na oportunidade e a incentivaram a também participar. A maior parte dos/as entrevistados/as disse conhecê-lo de divulgações anteriores na escola, e até mesmo, de veiculações na televisão. Inclusive, antes mesmo de poder participar, sendo que os/as estudantes já se preparavam e esperavam pelo momento da inscrição no PGM, o que mostra a consolidação e difusão do programa ao longo desses mais de oito anos de sua existência.

Por outro lado, não tivemos acesso a dados mais detalhados sobre os canais de comunicação utilizados e do orçamento investido em cada um, como rádio, televisão e impressão de materiais, por exemplo. Recomendamos que – caso isso ainda não seja feito - que se documente com clareza as ações e custos dessa disseminação para que se possa posteriormente analisar os resultados e buscar futuros investimentos com maior custo eficiência. Para realizar essa análise, além da documentação dos gastos e ações seria necessário acrescentar também uma pergunta na ficha de inscrição do/a estudante no programa, para que indiquem como o conheceram, e assim, buscar maior priorização de canais que permitam mais visibilidade aos/às alunos/as e com um menor custo.

Além de custo-benefício, essa análise pode também ser utilizada para entender o tipo de perfil de estudante que cada estratégia de comunicação atinge. Com isto, será possível também analisar se a atração está trazendo volume adequado de jovens, não só para que haja um número de candidatos/as por vaga proporcional aos tamanhos das regionais, atingindo, portanto, um percentual de discentes interessados/as semelhante nas diferentes escolas, como também um perfil diverso.

Por exemplo, se a estratégia de comunicação que mais atrai alunos estiver centralizando em um determinado perfil, supondo 90% de alunos/as brancos/as, o que diverge da média do estado, ela não está sendo eficiente em atrair os/as alunos/as, pelo contrário, determinado canal ou estratégia pode estar aumentando o viés de raça dos/as alunos/as interessados/as. Portanto, é importante escolher canais que não aumentem o viés, ou que a partir da consciência de possíveis vieses, seja possível equilibrar para garantir que haja diversidade adequada na etapa de inscrição - que a todos os/as alunos/as, dentre as mais diversas raças, gêneros e perfis socioeconômicos, está sendo fornecida igual oportunidade, e todos/as estão cientes e sendo estimulados/as a participar, de forma isonômica.

Outra reflexão importante refere-se à adequação da comunicação para que ela seja capaz de dialogar com os diferentes perfis de estudantes, se esta consegue transmitir mensagens claras e os/as alunos/as conseguem compreender o que precisa ser feito para se inscreverem. Por exemplo, se a comunicação foca apenas em comunicar a possibilidade de participar de um curso de línguas, sem aprofundar a importância desse aprendizado para a participação dos/as alunos/as em um mundo global e interconectado, mas que ao mesmo tempo faça sentido e seja relevante para a vida desses/as estudantes/as, enfatizando oportunidades que podem se abrir a partir desse aprendizado, possivelmente muitos/as estudantes não se inscreverão no PGM.

Além disso, os materiais de comunicação precisam comunicar que todos/as são bem-vindos/as, e com isto, as pessoas precisam também se reconhecer como sendo capazes ou pertencentes. Nesse sentido, recomendamos que as comunicações tenham representação diversa e que dialoguem com a realidade dos/as estudantes da rede pública do Estado. Se elas, por exemplo, tiverem a maior parte de imagens de alunos homens é possível que haja menos inscrição de m+uhers, já que elas não necessariamente se veem representadas nessa comunicação e consequentemente, não se veem como público potencial do PGM. É importante, assim, que diferentes perfis sejam estimulados a participar, abrangendo uma diversidade maior de discentes e que seja representativa à realidade populacional do estado e da rede pública de ensino.

5.2.2 Seleção para ambos os componentes – cursos de língua e intercâmbio

Após garantir que os/as alunos/as foram atraídos/as e conscientizados/as sobre o programa de forma adequada, faz-se importante garantir que os/as futuros/as cursistas do idioma e intercambistas também sejam selecionados/as de forma justa e equânime.

Como apresentado no capítulo quatro, a seleção do programa já passou por consideráveis alterações, com destaque especial para a mudança na seleção do intercâmbio – em que os/as estudantes dentre todas as escolas não são mais apenas ranqueados, e sim, um número de vagas por GRE é reservada para garantir que haja representatividade de todo o Estado, e que os/as discentes das escolas melhores avaliadas (pelo IDEB, por exemplo) não fossem os/as mais privilegiados/as e dominassem as vagas do programa.

Apesar de um avanço importante, a seleção ainda pode ser muito aprimorada, objetivando garantir diversidade e inclusão proporcional e coerente aos/as dos/as alunos/as do estado. As próprias gestoras do programa reconhecem essa necessidade e mostram-se abertas a pensar novas

formas de ação para atingir esse objetivo. Se olharmos, por exemplo, para a distribuição de raça/etnia na população brasileira e pernambucana, como observa-se na tabela a seguir, depreende-se que a maior parte do Brasil é composto por negros/as (pretos/as e pardos/as), mais precisamente 56%, enquanto um percentual menor é de brancos/as (43%). Pernambuco não só segue essa tendência como tem um contingente ainda maior de população negra – ao todo são 68%, enquanto há 31% de brancos/as (IBGE, 2018).

Tabela 10 - Distribuição racial da população

Tabela 1.1 (UF) - Distribuição da população, por cor ou raça, segundo Unidades da Federação – 2018					
Grandes Regiões Unidades da Federação	Total ¹⁰ (1.000 pessoas)	Distribuição percentual por cor ou raça			
		Branca	Preta	Parda	Amarela ou indígena
Brasil	207 853	43,1	9,3	46,5	1,1
Pernambuco	9 439	31,2	6,5	61,2	1,1

Fonte: Extraído de IBGE (2018).

Uma outra base a ser explorada e que poderia fornecer mais subsídios para essa análise é o Censo Escolar, já que é um levantamento anual com dados sobre sexo e raça especificamente de estudantes da rede pública do ensino nacional e de acordo com as UFs. Considerando a representação populacional das diferentes raças no estado, seria esperado que sua distribuição no PGM também seguisse essa proporção – o que hoje não é possível verificar, já que esse dado sobre o perfil estudantil não é coletado.

Com isso em mente, recomendamos que os/as discentes tenham que preencher, ao menos, sexo e raça em sua ficha de inscrição no programa e/ou na entrevista pela qual passam, mas se possível que outros dados sejam incluídos para preenchimento como, por exemplo, dados socioeconômicos. A partir disso, pode-se entender o perfil dos/as estudantes que estão participando do programa em seus dois componentes, cruzar esses dados com os do IBGE e do Censo Escolar, por exemplo, no intuito de verificar o quão diverso e incluso o programa está ou não sendo e pensando em possíveis ações de mitigação.

¹⁰ Pessoas sem declaração de cor ou raça constam no total.

Especialmente a partir do século XXI muito se tem discutido sobre melhorar as oportunidades para todos/as, mas principalmente para os/as em maior desvantagem e em situação de vulnerabilidade social. A pauta sobre cotas tem ganho cada vez mais destaque em instituições de ensino superior públicas e desde meados dos anos 2000, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) se consagrou como a primeira universidade pública a oficializar as cotas, sendo essa política afirmativa hoje já difundida pelo país por meio da Lei 12.711/2012 (CAETANO, s/d).

A referida lei garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a discentes oriundos/as integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Além disso, dentro desses 50%, estudantes de famílias com renda mensal igual ou menor a 1,5 salário mínimo *per capita* devem ficar com metade dessas vagas. Somado a isso, para candidatos/as cotistas em cada faixa de renda são separadas vagas para pretos/as, pardos/as, indígenas e pessoas com deficiência, levando-se em conta a proporção da distribuição dessas raças no estado da instituição e a partir dos dados do IBGE (BRASIL, 2012).

A partir da análise a ser empreendida pelo PGM, deve-se estudar e planejar ações afirmativas, a exemplo da política de cotas. Elas funcionariam como reserva de determinado número de vagas para grupos sub-representados atualmente no programa. Dessa forma, se alocaria as pessoas com melhores pontuações, respeitando a reserva de vagas para os grupos cotistas, garantindo assim representatividade.

Outra alternativa às cotas seria a equiparação de notas, isto é, a partir da análise dos perfis dos/as inscritos/as e da média de notas agrupadas de acordo com a raça, será possível verificar se algum grupo sub-representado possui média de desempenho inferior às premissas do programa. A nota de corte seria calculada, assim, com base no desempenho de cada grupo naquele ano, podendo ser diferente para brancos/as, negros/as e indígenas, por exemplo. Desse modo, seriam selecionados/as os/as melhores/as de acordo com a média de desempenho dessa parcela. Por exemplo, se a média das notas de matemática de estudantes negros/as é 6,8 e a de estudantes brancos/as é 8,4, caso não haja essa distinção, com certeza mais alunos/as brancos/as são selecionados para o programa. A equiparação de notas traria, assim, uma oportunidade mais justa para os/as estudantes participarem do PGM.

Em conversas complementares com as gestoras entrevistadas, uma das medidas já pensadas para aumentar a diversidade é a de atrelar a participação no programa ao recebimento

do Bolsa Família. Isto poderia ocorrer também com relação a outros programas ou cadastros do governo ligados ao apoio socioeconômico e à redução de desigualdades, que facilitem, assim, o filtro e o acompanhamento dos/as jovens que deveriam ser priorizados/as. Estes/as alunos/as poderiam receber uma pontuação adicional por fazerem parte desses programas, ou mesmo, terem cotas, para assim, aumentar sua participação no PGM.

Uma outra alternativa seria a criação de um indicador socioeconômico específico para o PGM, caso se considere que o Bolsa Família ou outros programas federais e estaduais não sejam capazes de cobrir as discrepâncias das realidades dos/as alunos/as. Esses indicadores poderiam ser calculados a partir de perguntas feitas na ficha de inscrição também, e além de raça e renda familiar, poderia envolver perguntas sobre grau de escolaridade e empregabilidade dos pais e responsáveis, condições de moradia, saneamento, água, transporte, energia elétrica, acesso à internet, asfaltamento de ruas de acesso, zona urbana ou rural, entre outros.

A cada pergunta e alternativa se atribuiria uma nota, com pesos diferentes ou não para cada pergunta, e ao final, se teria uma nota geral para cada estudante, que indicaria se ele ou ela teve mais ou menos oportunidades e privilégios em sua jornada estudantil. Quanto maior a nota menos oportunidades obteve, ou seja, mais dificuldades - exemplo, falta de água e energia elétrica dificultam o estudo e aprendizagem - e com isso, deveriam ter ações afirmativas que os/as auxiliem frente a discentes de melhor desempenho que tiverem mais privilégios que facilitassem seu estudo.

Vale ressaltar que o esforço individual e a responsabilidade de cada aluno/a por seu desempenho não deve ser menosprezado, afinal são fatores fundamentais, entretanto, as medidas em questão visam reduzir os impactos e consequências negativas da desigualdade social, que, se não realizados, irão apenas acentuar as desigualdades em um efeito bola de neve. Ao fornecer melhores oportunidades aos que tiverem menos, objetiva-se romper ou diminuir o ciclo de desigualdade que acompanha famílias por muitas gerações. Além da seleção, esse índice poderia ajudar a priorizar o acompanhamento dos/as alunos/as, antevendo possíveis desafios da experiência ao longo do PGM.

A partir das entrevistas foi possível conhecer um outro potencial fenômeno a ser mais investigado, isto é, o de estudantes que frequentam a escola particular ao longo do ensino fundamental e que migram para a escola pública no ensino médio exatamente em razão do PGM. 80% dos/as entrevistados/as nos grupos focais disseram que estudavam em escola particular e, justamente, mudaram para a escola pública para poderem participar do programa. Já no

questionário, apesar de não termos coletado os motivos para a mudança, 36% dos/as egressos/as estudaram em escola particular no ensino fundamental e em uma pública no ensino médio.

Outra consequência deste fenômeno é a concorrência para participar no PGM, entre jovens que estudaram a vida toda, ou a maior parte dela, em escola pública, e jovens que estudaram na escola particular. Reconhece-se aqui a discrepância existente entre a qualidade de ensino em diferentes escolas particulares, mas faz-se importante essa análise para garantir que o objetivo do programa seja cumprido. Destaca-se ainda, as disparidades da qualidade de ensino entre as próprias escolas públicas, que diferem, inclusive, na infraestrutura e outros recursos disponíveis que interferem positiva ou negativamente no estudo, a exemplo de acesso via transporte público, computadores, merenda, biblioteca, entre outros.

Provoca-se, portanto, a reflexão sobre o quanto o modelo atual de seleção permite o cumprimento dos objetivos do programa, e o quanto de fato há justiça e equidade na seleção de estudantes. Todos/as serem tratados da mesma forma não pode ser necessariamente considerado uma política eficaz para impactar a população, que recebe diferentes oportunidades e recursos.

Sugere-se, por exemplo, a consideração do IDEB da escola anterior dos/as alunos/as como possível peso para as notas. Outra possível alternativa seria exigir que o/a estudante que mudou para a rede pública no último ano tenha que autodeclarar a renda familiar na inscrição. Neste caso, uma outra possibilidade seria a de utilização de uma variável que considere as condições socioeconômicas como um filtro, mesmo que seja autodeclaração em um primeiro momento, a existência de perguntas para fomentar a reflexão e consciência dos cidadãos e cidadãs que utilizarão esse recurso do Estado, sabendo que sua inscrição pode fazer com que outros/as alunos/as sem recursos percam a oportunidade dessa experiência. Isso já poderia ser um grande passo.

Seria possível ainda utilizar um índice socioeconômico criado especificamente pelo PGM, como explicado neste capítulo. Com isto, seria possível cruzar as variáveis para que discentes com as notas mais altas e com menos condições socioeconômicas fossem priorizados/as na seleção para o programa.

5.2.3 Curso de línguas

A partir dos pontos de atenção levantados ao longo do presente trabalho e que ainda não foram explorados na seção sobre recomendações relacionadas aos objetivos do programa, têm-se para o curso de línguas as seguintes recomendações.

Hoje o critério utilizado para a seleção de estudantes para o intercâmbio é, além da conclusão e frequência no curso de idiomas, uma prova de múltipla escolha para a língua adicional. Primeiramente, é importante ter clareza sobre o que essa prova está medindo, além de ser essencial que a prova de seleção esteja alinhada com o conteúdo do curso - material didático incluso, as avaliações ao longo e ao fim do curso e os objetivos de aprendizagem almejados ao fim do mesmo. Sugerimos que para além da prova de múltipla escolha, que as informações sobre o desempenho do/a aluno/a captado/a pela empresa licitada ao longo do curso de idiomas também seja utilizado como critério classificatório e caso possível, que o/a estudante possa, de fato, mostrar seu progresso nesse um ano de aprendizado através, por exemplo, de uma prova que teste suas habilidades de comunicação – considerando o foco do programa na oralidade. Ressalta-se que mais importante do que ter um nível mínimo de conhecimento, e especialmente mais do que selecionar apenas os com melhor desempenho, pode-se também considerar os/as jovens que apresentam maior delta de melhoria no desempenho, isto é, os que demonstram empenho no aprendizado ao longo do curso.

Um ponto importante de ser comunicado aos/às estudantes do curso de idiomas, e mesmo os/as ainda interessados/as em cursar as aulas pelo PGM, e que pode causar desalinhamento de expectativas e até frustração, é o que é esperado que os/as estudantes atinjam ao fim do curso de línguas com relação a competências e habilidades nesse idioma. Alguns/mas estudantes do grupo focal mencionaram que consideravam muito difícil tornarem-se “fluentes” na língua apenas com a participação no curso de idiomas, mas, de fato, o curso não prevê que os/as estudantes saiam fluentes após um ano de curso intensivo, mas sim que possam, em teoria, se comunicar em situações do cotidiano – que lhe sejam familiares e de interesse pessoal. O redesenho do objetivo (i) relacionado à proficiência na língua adicional e sua comunicação contribuirá para essa compreensão dos/as estudantes, já que se sugere estabelecer metas claras de proficiência para os cursos de línguas e para o intercâmbio.

E para manter a motivação dos/as estudantes durante o curso, principalmente nas cidades do interior, um aspecto importante é a disponibilidade e frequência dos/as professores/as de línguas nas aulas ministradas. A partir de relatos, existe a dificuldade da empresa licitada em

achar professores/as para ministrar esses cursos no interior e por isso, muitas vezes os/as estudantes acabam perdendo aulas por falta de professor/a. Apesar da empresa buscar contratar ex-alunos/as do PGM, a questão salarial continua a ser um empecilho importante para a atração de profissionais qualificados/as, bem como para o reconhecimento dos que estão atuando em sala de aula. Nesse sentido, recomendamos que, se possível, seja estabelecido um piso para o salário de professores/as contratados/as pela empresa vencedora da licitação e que um adicional seja pago para aqueles/as que desejem e possam atuar em locais mais remotos do interior do Estado. Além disso, é importante que a Secretaria continue acompanhando de forma periódica, por meio de relatórios, a frequência e salários dos/as professores/as. Ressalta-se ainda, que os ex-alunos deveriam ser contratados apenas após sua formação em Letras, podendo atuar até a conclusão do curso como monitores - supervisionados por um professor devidamente habilitado na área.

Por outro lado, a partir da experiência com a pandemia e a impossibilidade do ensino presencial, talvez poder-se-ia pensar em um sistema em que professores/as reconhecidamente qualificados/as em ensino de línguas adicionais e em ensino à distância supervisionassem e/ou ministrassem as aulas de idiomas nesses lugares mais remotos - incluindo o uso de materiais de apoio adicionais e através de diferentes canais de comunicação (*Whats App*, rádio, etc.).

Inclusive, um ponto de atenção já levantado no capítulo três e importante de ser reforçado, é a necessidade de envolver mais os/as professores/as de línguas da própria rede pública, da escola regular e dos NELs, - já que esses profissionais, ao contrário dos/as alunos/as que deixam a rede estadual de ensino, permanecem nas escolas e podem levar adiante o programa, contribuindo com a sustentabilidade de suas ações a partir da construção de capacidades internas à rede e melhoria no próprio ensino de línguas na escola regular. Para tanto, poder-se-ia aproveitar o conhecimento dos/as professores/as dos NELs, pois eles e elas têm conhecimento suficiente dos idiomas ensinados e apoiar a formação dos/as professores/as da rede, para que a médio prazo, os/as últimos/as estejam preparados para assumir essas aulas de línguas – considerando ao menos o inglês e o espanhol – e não sendo necessário a contratação de uma empresa do setor privado. Poder-se-ia também fazer um estudo sobre o impacto da contratação de mais professores/as para a rede estadual de ensino para fazer frente às aulas de línguas do PGM e comparar com o gasto com a empresa licitada, verificando, assim, a viabilidade financeira dessa mudança no corpo de profissionais.

Por fim, recomenda-se que a Secretaria de Educação e Esportes faça um alinhamento entre os cursos de línguas ofertados através dos NELs, os das escolas no ensino regular e do PGM

para que não haja concorrência e/ou duplicidade na oferta no Estado, e sim sua complementaridade, além da já mencionada maior eficiência na alocação de professores/as nas diferentes iniciativas e possível aumento de carga horária para os/as profissionais da rede.

5.2.4 Intercâmbio

As gestoras e alunos/as ressaltaram, durante as entrevistas, os desafios de, em muitos casos, convencer e tranquilizar as famílias dos/as selecionados/as para o intercâmbio, especialmente no caso de jovens provenientes de cidades do interior e muito afastadas, que mal podiam acreditar que era real a oportunidade, e que em muitos casos, nunca haviam saído sequer de sua cidade. Isto reforça ainda mais a importância da palestra para os/as responsáveis dos/as alunos/as, que em geral conta com a presença do Secretário de Educação e Esportes e recebe grande atenção das gestoras.

Uma possível recomendação é que a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco se utilize dos recursos e motivações dos/as próprios/as alunos/as, como a divulgação de vídeos e depoimentos, que podem ser enviados aos/as alunos/as e familiares de forma virtual antes mesmo do encontro presencial pré-viagem. Além disso, é importante que haja um espaço – ao menos virtual, dado os desafios com locomoção e abrangência do programa - para que conversem e tirem suas dúvidas com egressos/as e familiares.

Nas entrevistas e no questionário com egressos/as e especialmente com futuros/as intercambistas, muito se ouviu sobre as diversas dúvidas e inseguranças que possuíam sobre a viagem, morar fora, os estudos, dentre diversas outras que relatavam sua ansiedade e angústias, e que até mesmo fazia com que procurassem a Secretaria ou as GREs diversas vezes. Para reduzir a demanda, o retrabalho com perguntas semelhantes e também garantir maior confiabilidade e padronização nas respostas, recomenda-se que seja criado e veiculado um material de comunicação com Perguntas Frequentes, em formato de texto, e também de vídeo, com pessoas da Secretaria e egressos/as, trazendo maior pessoalidade e aumentando a probabilidade de compreensão e satisfação da resposta.

Além disso, é possível promover espaços ao vivo, presencial e virtual, para que esclareçam as dúvidas e conversem com egressos/as e a equipe responsável, para além do evento presencial anterior à viagem, o que permitirá reduzir os custos de deslocamento e aumentar a confiança pelo reforço da comunicação de mensagens importantes. De forma complementar,

recomenda-se a criação de um Manual de Boas Vindas, que, para além de perguntas frequentes, possa fornecer dicas importantes, trazer uma visão geral dos próximos passos, dicas de como estudar e se preparar, bem como as responsabilidades e benefícios do programa. Inclusive, é possível utilizar os/as próprios/as alunos/as ou egressos/as para ajudar a desenvolver esse material, possivelmente até como uma das temáticas do projeto interdisciplinar que precisam desenvolver ao final da experiência.

Nas experiências mais diversas, de programas de educação às organizações privadas, é também muito difundida a prática de programas de apadrinhamento, que consiste em utilizar a experiência e motivação de egressos/as ou pessoas mais experientes para apoiar um/a novo/a ingressante. No PGM seria possível criar um programa de apadrinhamento entre egressos/as e alunos/as atuais, tanto para o módulo de ensino de línguas quanto para o intercâmbio.

Os padrinhos e madrinhas funcionariam como espécie de mentores/as, que apoiariam com orientações, esclarecendo dúvidas, fornecendo dicas, compartilhando sua experiência pessoal, e apoiando com possíveis outras dúvidas. Além de ajudar a aliviar a demanda de apoio da equipe do programa, essa ação contribuiria com a motivação, engajamento e possivelmente performance dos/as alunos/as, por terem uma referência para se espelharem e inspirarem, afinal, é muito diferente ouvir outro/a jovem mais próximo/a de sua realidade. Esse apadrinhamento pode ocorrer desde o momento em que o/a estudante fica sabendo de sua aprovação, para que o/a egresso/a padrinho ou madrinha possa apoiar nos diferentes momentos, como, por exemplo, para contar para a família, ao longo do curso de línguas, na preparação para o intercâmbio e estadia no exterior, entre outros.

No que tange à operacionalização, o programa de apadrinhamento poderia ser feito de forma mais estruturada, com uma pequena inscrição e seleção para definir os padrinhos e madrinhas, pareamento com os/as discentes atuais a partir de variáveis de similaridade, como localidade ou idioma escolhido, por exemplo, incluir uma conversa de preparação e orientação dos padrinhos e madrinhas, e um roteiro semiestruturado de condução de conversas obrigatórias com os/as alunos/as apadrinhados/as.

Por outro lado, seria também viável a estruturação de forma simplificada, sem onerar tantos esforços da secretaria, a exemplo de chamamento aberto, sem seleção, e apenas enviar um material de apoio para os padrinhos e madrinhas, deixando mais liberdade para que combinem o canal de comunicação (presencial, telefone, *WhatsApp*, *Facebook*, ou outro canal), periodicidade e conteúdo. Caso não haja padrinhos ou madrinhas suficientes para nova turma, seria possível

ainda fazer uso de conversas em grupos, assim, o padrinho ou a madrinha poderia montar um grupo de *WhatsApp* com seus/as apadrinhados/as e fazer conversas em conjunto. Tal medida ajuda também a estimular e gerar mais valor de troca entre os/as participantes.

Outra importante contribuição desta etapa é que os/as alunos/as, ao se comprometerem com os acordos e responsabilidades do intercâmbio, tenham também que se comprometer com outras contrapartidas de participação no programa, para além do Projeto Final: responderem as diferentes avaliações requisitadas dentro do prazo, participarem do programa de apadrinhamento, e fornecerem depoimentos em vídeo e texto.

No primeiro caso, trata-se de alinhar, desde o começo, a importância e criticidade dos/as alunos/as responderem todas as pesquisas que serão enviadas referentes ao programa – e de preferência que eles/as fiquem sabendo logo de partida em que momento elas serão enviadas - e da responsabilidade de se comprometerem e realizarem isso não apenas durante o período vigente ao programa, como também, após seu término, para que possam continuar aprimorando o PGM e recebendo os dados necessários para a prestação de contas e comprovação do impacto do mesmo, juntamente com sua importância para a manutenção dos recursos para o programa. A ideia é ressaltar a responsabilidade dos/as estudantes em ajudarem a manter o programa como uma importante agenda do Estado, continuando assim a beneficiar novos/as jovens. Isto também pode ser reforçado durante o intercâmbio, com maior sensibilização de para quê e como esses dados serão utilizados, para que tenham maior consciência do impacto dessa sua ação.

O apadrinhamento, por outro lado, refere-se à responsabilidade de apoiar um/a futuro/a aluno/a da próxima turma do programa que irá para o mesmo país que ele/a, ou país do mesmo idioma. Além disto, considerando que a maior parte dos/as alunos/as viaja com um celular com *wifi* para poder se comunicar com a família no Brasil, e que em geral são celulares já com câmeras, recomenda-se que os/as discentes se comprometam a gravar um número determinado de depoimentos sobre a experiência durante o intercâmbio, especialmente para que o material sirva para apoiar as reuniões e conversas de alinhamentos com os/as novos/as estudantes das turmas seguintes, com os/as familiares e responsáveis e até mesmo nas conversas entre alunos/as, apadrinhados/as ou não. Afinal, o recurso audiovisual ajuda a tornar mais tangível o que parece muito distante e de difícil compreensão nos casos de realidades muito distantes.

Já com relação ao período de intercâmbio, houve relatos de problemas no apoio aos/as estudantes durante o intercâmbio relacionados à rede de apoio, mas sem muito detalhamento. De qualquer forma, um ponto de atenção extremamente importante se refere à seleção das famílias

hospedeiras no exterior e dificuldades de adaptação – que vão desde a diferenças culturais simples até um relato de assédio sexual. Recomenda-se que os/as estudantes sejam melhor preparados/as para a vida com uma família de outro país, que a seleção feita pela agência de viagens seja mais criteriosa – houve inclusive o relato de um estudante sobre sua alocação sem uma análise prévia do perfil do intercambista com o da família – e, acima de tudo, que haja e seja divulgado um canal de comunicação específico e oficial 24 horas para que estudantes possam e sejam encorajados/as a denunciar casos de abuso, violências etc.

5.2.5 Pós viagem

Além do apoio na readaptação dos/as estudantes após a volta ao Brasil, uma das iniciativas que poderia ser instituída pela Secretaria de Educação e Esportes é a de uma rede de ex-alunos/as PGM – que apesar de fomentada pelo governo do Estado, seria encabeçada por estudantes que acabaram de voltar do intercâmbio. É importante continuar o engajamento com pós-intercambistas logo após sua volta, já que ainda estão motivados/as pela experiência do intercâmbio e, como ela ainda é recente, apresentam um maior senso de dar um retorno para a sociedade, além de continuarem seus estudos em suas escolas de origem e portanto, mais acessíveis e com contato com a comunidade escolar.

O engajamento ativo e a mobilização da rede de ex-alunos/as poderiam ser incluídos também como um dos possíveis projetos interdisciplinares - podendo ser realizado nos seis meses a um ano decorrentes da volta dos intercambistas ao Brasil - e diversos pequenos projetos decorrentes poderiam ser desenvolvidos, sejam eles encontros on-line de ex-alunos/as do PGM, o estabelecimento de uma *newsletter* com informações úteis para o aprendizado de um idioma, para o intercâmbio e para estudantes em busca de oportunidades profissionais, apoio na coleta e análise de dados de ex-alunos/as, assim como a construção de parcerias com empresas do setor privado e instituições do terceiro setor interessadas em colaborar com o programa, entre outras possibilidades.

Esse projeto interdisciplinar poderia, assim, ter um aspecto mais prático para além dos/as estudantes entregarem/apresentarem um trabalho interdisciplinar, envolvendo de fato a elaboração e execução de um projeto, com produtos e resultados tangíveis. Outra opção seria os alunos e alunas submeterem um plano de ação para a duração de sua gestão à frente da rede de ex-alunos/as em interlocução direta com a equipe do PGM, além de terem ao menos um/a professor/a da rede coordenando esse desenvolvimento.

Recomenda-se ainda, que os projetos interdisciplinares desenvolvidos pelos/as alunos/as nas edições passadas e nas futuras possam ser melhor publicizados, de modo que outros/as estudantes e a sociedade civil como um todo, possam ter acesso e se beneficiar dessas informações. Uma das sugestões para a melhor sistematização e divulgação desses conteúdos é a utilização do site oficial do programa, pois para além de redes sociais e outros canais de comunicação, seria possível catalogar os projetos a fim de facilitar a gestão de conhecimento e a busca por temáticas específicas, por exemplo. Inclusive, os/as professores/as coordenadores/as dos/as projetos e/ou os/as coordenadores/as das GREs poderiam ser os/as responsáveis por organizar, catalogar e incluir um resumo dos projetos e seus resultados, incluindo fotos de sua apresentação em eventos, entre outras informações que contribuam com a melhor gestão e disseminação desse conhecimento.

5.2.6 Acompanhamento e avaliação

Em diferentes momentos desta pesquisa ressaltamos a importância de se fazerem mensurações para coleta de dados que viabilizem análises sobre o programa com o objetivo de embasar a tomada de decisão e aprimorá-lo em suas diferentes etapas. Ao mesmo tempo, a partir do que foi disponibilizado para as pesquisadoras, apresentamos alguns instrumentos que já são utilizados no PGM, a exemplo das avaliações de línguas e as pesquisas feitas durante e após o intercâmbio, e da mesma forma, indicamos novas possíveis perguntas e pesquisas que poderiam ser complementares às da experiência atual.

Nesta seção, objetivamos ressaltar a importância de manter instrumentos de acompanhamento durante o programa, assim como após a finalização deste, e algumas recomendações de como complementar o trabalho já realizado. Como já reforçado ao longo do presente trabalho, o primeiro passo é redesenhar as metas e objetivos do PGM de modo que, ao fim desse processo, elas estejam claras e sejam tangíveis. O redesenho dos macro-objetivos e seus desdobramentos subsidiarão a definição seguinte - que é os porquês de se realizar avaliações e acompanhamentos - entendendo o que se pretende medir. Pode-se criar, por exemplo, um quadro de indicadores atrelados a cada um desses objetivos, estipulando como isso pode ser feito - através da coleta de dados quanti e/ou quali, bem como os momentos de coleta de dados e canais

que podem ser utilizados para tanto. A seguir uma sugestão de quadro com potenciais indicadores que pode ser aproveitado pela equipe PGM¹¹:

Quadro 13 - Sugestões de indicadores para gestão e acompanhamento do PGM

QUADRO GERAL DE INDICADORES PGM		
Pilares	Indicadores	Ferramenta de Coleta
1. Desenvolvimento de Competências Socioemocionais e interculturais	Autopercepção sobre competências antes do intercâmbio.	Pesquisa
	Autopercepção sobre competências após o intercâmbio.	Pesquisa
2. Desenvolvimento de Competências Linguísticas	Nota do desempenho na língua antes do início do curso	Avaliação pré curso de línguas
	Nota do desempenho na língua ao final do primeiro módulo do curso	Avaliação do curso de línguas
	Nota do desempenho na língua ao final do segundo módulo do curso	Avaliação do curso de línguas
	Nota do desempenho na língua ao final do curso	Avaliação ao final do curso de línguas
	Nota do desempenho na língua utilizada no processo seletivo para o intercâmbio	Avaliação ao final do curso de línguas
	Autopercepção sobre desempenho e nível em línguas antes do intercâmbio	Pesquisa
	Taxa de evasão do curso	Empresa responsável pela execução
	Taxa de concluintes (recebem certificado) versus matriculados	Empresa responsável pela execução
	Frequência dos alunos após não serem contemplados pela mobilidade	Empresa responsável pela execução
	Nota dos alunos após não serem contemplados pela mobilidade	Avaliação do curso de línguas
	Nota do desempenho na língua após o intercâmbio.	Avaliação após o intercâmbio

¹¹ [Nesse link](#) a versão digital para facilitar a gestão e adaptação - inclui uma sugestão de como fazer a automatização e acompanhamento.

	Autopercepção sobre desempenho e nível em línguas após o intercâmbio.	Pesquisa
	Taxa de alunos optantes pelo ENEM - inglês	Dados fornecidos pelo INEP
	Taxa de alunos optantes pelo ENEM - espanhol	Dados fornecidos pelo INEP
3. Desempenho Acadêmico	Taxa de abstenção no ENEM antes do programa (média histórica dos últimos x anos)	Dados fornecidos pelo INEP
	Taxa de abstenção no ENEM após início do programa (média histórica dos últimos x anos)	Dados fornecidos pelo INEP
	Nota média do ENEM antes do programa (média histórica dos últimos x anos)	Dados fornecidos pelo INEP
	Nota média do ENEM após início do programa (média histórica dos últimos x anos)	Dados fornecidos pelo INEP
	Taxa de evasão escolar no Ensino Médio antes do programa (média histórica dos últimos x anos)	-
	Taxa de evasão escolar no Ensino Médio após início do programa (média histórica dos últimos x anos)	-
	Taxa de distorção idade-série	-
	Frequência escolar	Processo seletivo do curso e do intercâmbio
	Frequência no curso	Processo seletivo do curso e do intercâmbio
	Média bruta das notas de português	Processo seletivo do curso e do intercâmbio
	Média bruta das notas de matemática	Processo seletivo do curso e do intercâmbio
	Taxa de crescimento de alunos do ensino superior	-
	Taxa de egressos no curso no ensino superior	-
	Taxa de egressos da mobilidade no ensino superior	-

4.Desempenho Profissional	Taxa de empregabilidade antes do início do curso	a) geral b) Avaliação na inscrição do curso
	Taxa de empregabilidade após início do curso	a) geral b) Avaliação na inscrição do curso
	Taxa de empregabilidade após intercâmbio	Pesquisa
5. Cultural e Social	Taxa de crescimento do número de inscritos	Processo seletivo
	Número de inscritos	Processo seletivo
	Taxa de inscritos versus total do universo de alunos	Processo seletivo
	Taxa de participantes de alunos da rede pública	Pesquisa
	Taxa de respondentes das pesquisas intermediárias durante o intercâmbio	-
	Taxa de recomendação do programa por egressos (NPS)	Pesquisa
	Taxa de entrega dos projetos finais	-
	Número bruto de projetos finais entregues	-
	*algum indicador qualitativo dos projetos finais (existe alguma avaliação/correção dessas entregas?)	-
	Taxa de crescimento de estudantes de Letras	-
	Taxa de crescimento de docentes de Inglês e Espanhol	-

Fonte: Elaboração própria.

É importante sempre ter em mente que a coleta de dados não deve ser um fim em si e, por isso, esse planejamento mais detido é essencial - primeiramente dos objetivos e metas do programa e, em um segundo momento, desses potenciais indicadores. A ela segue-se uma análise com vistas a trazer insumos que auxiliem na melhor compreensão do panorama do PGM, na

comprovação ou não das hipóteses de desenho e objetivos do programa, validando as estratégias utilizadas e obtendo indícios para melhorias e aperfeiçoamentos na avaliação de resultados e também em casos excepcionais como o da COVID, na reorganização da atuação do programa para dar maior suporte aos/às estudantes, principalmente aos/às que estavam no exterior quando do surgimento da pandemia.

Como levantado nos capítulos três e quatro, atualmente é feita a coleta de diferentes dados ao longo do programa - a exemplo da performance dos/as estudantes no curso de línguas no Brasil; de seu desempenho escolar no exterior; do perfil dos/as estudantes coletado a partir de entrevistas com os/as mesmos/as, seus/suas responsáveis e gestores/as de suas escolas; da adaptação durante o intercâmbio e readaptação ao Brasil. No entanto, esses dados são coletados em diferentes formatos, por diferentes atores que não necessariamente compartilham os mesmos e, acima de tudo, não há cruzamento entre eles para que possam ser transformados dados, de fato, em informação.

Nesse sentido, recomendamos a criação de um sistema unificado e online para armazenamento de e acesso a dados de estudantes desde sua matrícula no curso de idiomas, os resultados das entrevistas feitas antes do intercâmbio e o desenrolar do intercâmbio, até a conclusão do ensino médio. Com isso, a equipe teria todo o histórico do/a aluno/a enquanto estivesse na rede estadual, considerando também seu aproveitamento no PGM. Entendemos que essa recomendação possa esbarrar em questões orçamentárias e é muito positivo que a própria equipe do PGM tenha levantado esse desejo, pois mostra seu entendimento sobre a importância de tal ferramenta. De qualquer forma, faremos a seguir outras recomendações que visam apoiar essa coleta, bem como sua análise - tanto recomendações já levantadas ao longo do trabalho quanto novas - considerando as possíveis restrições orçamentárias atuais.

Para a ficha de inscrição, como já mencionado, se recomenda o acréscimo de perguntas que complementem a análise do perfil dos/as alunos/as, especialmente para melhor compreensão do panorama de diversidade e inclusão dos/as mesmos/as, e para ajustar possíveis medidas afirmativas na atração e seleção.

Entre as diversas possíveis pesquisas a serem incorporadas, recomendamos que sejam acrescentadas pesquisas após o término do intercâmbio, como já mencionado no início deste capítulo. Essas avaliações ajudariam no acompanhamento e coleta de dados que analisem o impacto do programa e se seus objetivos estão, de fato, sendo atingidos - a exemplo das informações sobre a experiência profissional ou acadêmica, citado anteriormente. Sugere-se que

as pesquisas sejam realizadas pelo menos seis meses, dois anos, quatro e seis anos após o término do programa, para que seja possível avaliar desde impacto imediato até durante e após possível experiência no ensino superior. Um ponto de partida e que poderia ser adaptado é o próprio roteiro de pesquisa desenvolvido pelas pesquisadoras para o presente trabalho – Apêndice IV - e disponibilizado online através do questionário para egressos/as preencherem.

Caso não haja a possibilidade de pagar pelo uso dessa ferramenta, essas pesquisas podem ser enviadas por meio de *e-mail*, e reforçada nas redes sociais do programa, em especial em grupos fechados das edições, a exemplo dos que existem nas redes *Facebook* e *WhatsApp*. Faz-se importante mais uma vez reforçar aos/as egressos/as a importância dessa pesquisa para o futuro do PGM e para beneficiar futuros/as alunos/as, afinal, utilizar o incentivo de que outros/as estudantes possam ter essa oportunidade parece uma estratégia eficaz frente aos dados que recebemos das pesquisas. Nesse sentido, a própria rede de ex-alunos/as pode ser um considerável apoio nessa busca de engajamento e conscientização dos/as egressos/as do programa.

Recomenda-se novamente que se acrescente ao edital de contratação das empresas fornecedoras dos serviços de ambos os componentes - curso de línguas e intercâmbio - a obrigatoriedade para que colem os dados, para que façam o *follow up* com estudantes - enviando comunicados de lembretes, por exemplo, da forma como a Secretaria considerar mais prático - e se possível, retornem os dados já analisados. O importante é considerar como mais um importante canal e recursos para complementar o trabalho que já fazem, afinal, mais força de trabalho para o que precisam realizar e o sucesso do programa deveria ser uma responsabilidade compartilhada. Faz-se importante também, alterar os termos de compromisso assinados por estudantes participantes, incluindo todas ou a maior parte das avaliações que devem se comprometer a responder.

De toda forma, ressalta-se a importância de manter as pesquisas o mais enxutas possíveis, priorizando perguntas mais críticas, que de fato sejam utilizadas pela equipe, e o mais importante, que não colem dados que o PGM e a Secretaria poderiam obter via outros canais já disponíveis, por exemplo, acessando outros bancos de dados do governo. Por isso a importância da melhor articulação com a Gerência do Ensino Médio e outras Secretarias responsáveis por essas coletas, no caso de Pernambuco com a Secretaria Executiva de Gestão da Rede (SEGE). Quanto menor e mais objetiva as pesquisas, maiores as taxas de conversão de respondentes, isto é, maior o número e taxa da amostra de respondentes frente ao universo total, e maior a taxa de finalização, em que nenhuma pergunta fica sem resposta.

Outra reflexão importante refere-se à metodologia de construção das perguntas, ou seja, à forma com que serão obtidas as respostas para determinada informação que se deseja saber. Na medida do possível deve-se priorizar perguntas quantitativas e fechadas, com respostas pré-determinadas, que facilitam a posterior análise por meio de automatizações. Nestes formatos será possível gerar dados e indicadores mais fáceis de comparar e acompanhar. As perguntas abertas e qualitativas devem ser utilizadas apenas em casos de exceção ou quando de fato se faz importante entender mais a fundo cada caso individualmente, a exemplo quando é necessário relatar problemas ou pontos de atenção no programa. De toda forma, recomenda-se antes ter perguntas que tentem prever e indicar alternativas de respostas, a partir do conhecimento da Secretaria de principais casos já notificados, para então apresentar espaço aberto para envio de texto, visto que estes não permitem a construção de indicadores e aumentam o tempo e complexidade de análise, e consequentemente, o tempo de resposta.

Considerando as limitações desta pesquisa não iremos aprofundar o detalhamento de cada questão, porém, recomendamos fortemente que sejam utilizadas as diretrizes metodológicas, bem como ferramentas e roteiro de perguntas usadas nas entrevistas e questionário, conforme exposto nos anexos.

Da mesma forma recomenda-se que seja avaliado como transformar em dados e indicadores as diversas e ricas fontes de informações que a Secretaria possui, hoje em sua grande parte, em formato impresso, como indicado pelas gestoras na entrevista e já mencionado acima. Por exemplo, pode-se citar as valiosas entrevistas realizadas com os/as candidatos/as e as conversas com psicólogos/as. Uma das práticas mais difundidas no mercado de processos seletivos em escala em grandes organizações é a de padronizar um formulário de avaliação após entrevistas e dinâmicas em grupo, por exemplo, e de outras etapas que incluam muitas informações qualitativas. Contrata-se e treina-se avaliadores/as que realizam essas avaliações e respondem a formulários padrões, em que, a partir de réguas de avaliações que indicam notas para cada comportamento que pode ser observado, é possível obter uma nota final de cada candidato.

No caso do PGM a proposta não seria dar notas e ranquear discentes, mas sim, conseguir analisar os dados coletados e transformá-los em potenciais indicadores. Por exemplo, na conversa com o/a psicólogo/a, seria possível entender em média como os/as estudantes se sentem preparados/as, qual o grau médio de ansiedade, porcentagem de indícios de problemas psicológicos como ansiedade e depressão, entre outros. Esse tipo de questão não elimina a

necessidade de campos abertos para poder descrever e comentar com mais detalhes, e em especial, um campo final com resumo das principais observações, para facilitar a análise também. Esses formulários podem ser preenchidos em uma plataforma online, após a realização das entrevistas, a fim de que a equipe gestora do PGM tenha acesso em tempo real, consiga ter melhor gestão de conhecimento dessas avaliações, e especialmente, consiga automatizar a análise dessas informações e transformá-las em indicadores, como aprofundaremos a seguir.

Faz-se necessário, por fim, estabelecer como essas pesquisas serão acompanhadas, e como será feita a análise dos dados. Recomenda-se que as gestoras do programa mantenham uma rotina com as agendas fixas durante a semana, e em alguns casos, a cada dia, para acompanhar as respostas dos alunos e alunas, a depender da urgência de ação, a exemplo do momento de intercâmbio. Para facilitar a análise é importante que as perguntas chave sejam usadas como faróis de maior destaque para ajudar na priorização dos/as respondentes que exijam maior atenção e com maior urgência. Por exemplo, se um/a intercambista respondeu à pergunta sobre "Há algum ponto de atenção te incomodando/ está com problemas com a hospedagem", a gestora deveria conseguir visualizar com maior facilidade. Para isto, recomenda-se que seja definido uma ferramenta de análise desses dados, que possa ser configurada de modo a permitir essa visualização.

Há, por exemplo, ferramentas gratuitas como o *Google*, que além de ferramenta de pesquisa gratuita, o *Google Forms*, possui conexão com o *Google Sheets*, que permite o desenvolvimento de painéis, por meio de fórmulas, em que seja visualizado automaticamente o resumo dos dados, da mesma forma, que seja programado para que as perguntas chave ou respostas de atenção recebam uma cor de destaque e indique problema urgente a ser avaliado, por exemplo.

Neste momento, caso a Secretaria não possua a análise ou compilação das pesquisas e dados, que ao que foi informado às pesquisadoras é o que ocorre, recomenda-se que seja feito um exercício inicial para analisar e trabalhar com o passivo dos dados e informações já coletadas pelo PGM, nos diferentes formatos. Essa análise ajudaria a sistematizar e avaliar os dados que já possuem e a partir disso, desenvolver uma ferramenta de análise que automatize a avaliação das novas respostas, e com isso, facilite o acompanhamento por parte das gestoras.

Mais uma vez, reforçamos que há diferentes ferramentas gratuitas que podem ser utilizadas para tal objetivo, com diferentes níveis de complexidade. Faz-se necessário avaliar o que a Secretaria de Educação e Esportes ou mesmo o Governo do Estado já possuem e possa ser

aproveitado, ou mesmo, o que a Empresa de Tecnologia do Estado poderia desenvolver. Outra sugestão seria fazer uma parceria com alguma instituição de ensino, de preferência uma universidade do Estado, ou o Instituto de Tecnologia de Pernambuco (ITEP) ou a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), para que, por meio de um projeto de pesquisa, profissionais e estudantes da instituição possam fazer essa análise de dados e construir essa ferramenta de acompanhamento, bem como fornecer formação aos/as gestores/as do PGM. Outra alternativa poderia ser a de incluir essa demanda no edital de contratação das empresas fornecedoras dos serviços dos componentes de ensino de línguas e do intercâmbio, como um diferencial a análise dos dados de acordo com modelo validado pela Secretaria.

Essas estratégias permitiriam que a Secretaria não tivesse gastos adicionais ao orçamento para viabilizar essa prática, ou muito inferior ao valor de mercado, e ademais, poderia facilitar a definição de acordo de confidencialidade quanto à liberação dos dados. De toda forma, se trata de um ponto de atenção e faz-se necessário avaliar com mais cautela quais os impeditivos e viabilizadores deste tipo de parceria em razão da segurança e confidencialidade dos dados, especialmente em face da nova Lei Geral de Proteção de Dados, Lei nº 13.709/2018, que já está em vigor.

Para que haja melhor planejamento e gestão dos recursos do estado e os objetivos da gestão em exercício sejam atingidos, faz-se fundamental o alinhamento e sinergia do trabalho dos diferentes órgãos do governo, e ainda mais, dos diferentes programas, projetos e iniciativas dentro de cada secretaria. Ao observarmos os desafios de obtenção de dados e indicadores do PGM, identificou-se que a equipe gestora do programa trabalha mais distante de outras equipes da Secretaria de Educação e Esportes, e em especial, da equipe gestora do Ensino Médio, com isto, ficando mais distante dos dados de ensino e aprendizagem, assim como do alinhamento de desafios e proposições vivenciados, a exemplo dos dados de desempenho no IDEB e evasão escolar.

Recomenda-se, pois, que haja maior diálogo entre as equipes, por meio por exemplo, de reuniões periódicas de acompanhamento para que possam compartilhar o status dos programas e os desafios, e com isto, pensarem juntos em como podem contribuir. A proposta é que sejam alinhamentos rápidos, de cerca de 30 a 60 minutos semanais, de forma objetiva e focada em troca de desafios e aprendizados, para que se una os esforços e a experiência desses/as diferentes profissionais públicos/as que trabalham com o mesmo público, em busca de sinergias, apoio, ou

simplesmente, reforço na criatividade de proposição de sugestões de soluções e novas ideias de aperfeiçoamento.

Pode-se utilizar também os chamados métodos ágeis de gestão, que incluem a gestão à vista, que permite que qualquer pessoa da Secretaria consiga visualizar as principais ações que estão em andamento, que foram realizadas e que serão na sequência, assim como principais desafios, seja por meio de post-its em um quadro, ou até mesmo, via ferramentas online gratuitas (a título de exemplo: Asana e Trello). Este método é conhecido como *Kan-ban*, mas é possível explorar o *Scrum* e *Sprints*, por exemplo, que contribuiriam com metodologias também para os modelos de reuniões de troca entre as equipes.

A gestão de conhecimento da gestão, especialmente dos principais desafios e do racional das tomadas de decisões, contribui também para que no futuro seja compreensível como determinadas decisões foram tomadas (as justificativas, hipóteses e riscos analisados) a fim de comparar depois com os resultados alcançados e, especialmente esclarecer dúvidas caso o problema motivador da ação volte a acontecer neste ou em outras programas.

Em especial, recomenda-se que seja estudada uma forma de integrar as bases de dados do PGM e da Secretaria de Educação e Esportes - a exemplo do sistema unificado e online já mencionado, de modo a permitir acesso aos diferentes gestores e gestoras e a realização de análises integradas dos dados, o que garantiria melhores indicadores e acompanhamento dos objetivos do programa. Reforça-se que essa integração também poderia ocorrer por meio do apoio da Agência Estadual de Tecnologia da Informação, universidades e instituições de ensino estaduais, entre outras parcerias que não acarretassem custos financeiros ao órgão.

5.2.7 Outras considerações

Recomenda-se que a equipe do programa, a qual conhece mais profundamente os desafios e dilemas do programa, os recursos disponíveis, impacto de diferentes ações, possa analisar as recomendações trazidas ao longo deste capítulo especialmente considerando os seguintes critérios: urgência, importância, impacto, recursos necessários e viabilidade de implementação dessas recomendações.

Por exemplo, é possível desenvolver uma matriz para classificar os pontos elencados frente aos critérios sugeridos, e a partir de então, definir a priorização das ações. No apêndice V

há uma tabela que contém a listagem dos principais desafios e recomendações, e está disponível digitalmente também (link para download), a fim de facilitar esse exercício para a secretaria.

Ao preencher essa matriz será possível ter melhor visualização de uma potencial priorização. Recomenda-se que a equipe do PGM defina as prioridades e o plano de ação para que - caso julguem viável - essa sistematização possa ser apresentada a instâncias superiores.

5.3 Pandemia do Covid-19

Certamente ninguém é capaz de prever a evolução da pandemia e de suas consequências, no curto, médio ou longo prazo. A intenção é que algumas perguntas e provocações sejam lançadas à luz de reflexões e decisões que precisarão ser tomadas em algum momento, e almeja-se contribuir para alertar sobre fatores e fazer antecipações, na medida do que for possível, visto que a Secretaria, assim como todo o governo, está mobilizado e com grande demanda de trabalho pelos desafios atuais, mais eminentes e emergenciais, que a crise pandêmica desencadeia nos mais diversos aspectos.

5. 3.1 Estudantes da edição 2020.1

Para além de aulas paralisadas e procedimentos para viabilizar próximas turmas, um considerável número de estudantes estava no período de intercâmbio em diversos países no primeiro semestre de 2020, tendo que enfrentar o isolamento e os tantos outros desafios da pandemia em um país estrangeiro, longe de suas famílias, recebendo aulas online, e sem clareza quanto à volta à normalidade, incluindo o retorno para o Brasil.

Um ponto muito importante em situações semelhantes é o de manter a transparência e comunicação constante com estudantes e seus familiares, trazendo mais confiança e união neste momento de incertezas, deixando claro que tudo está sendo apresentado, e assim, antever perguntas e comunicações que podem ser centralizadas com o grupo todo e não em atendimentos individuais.

De toda maneira, a pandemia tem sido uma experiência sem precedentes nesse século e entendemos que todos tiveram que aprender a lidar com esses novos desafios, incluindo a equipe do PGM. Esses desafios e a responsabilidade são ainda maiores quando se trata de estudantes menores de idade no exterior e sem o contato próximo com suas famílias.

Não obtivemos informações centralizadas da equipe do PGM sobre como lidaram com a pandemia, mas sabemos que todos/as os/as estudantes no intercâmbio já se encontram de volta ao Brasil. Somado a isso, foi-nos relatado o caso dos estudantes pernambucanos que cursavam as aulas de ensino técnico em *Bournemouth & Poole*. Durante a pandemia, todas as aulas foram migradas para o modelo online - tanto as de cunho técnico como as aulas de inglês. Apesar de não poderem ir ao campus desenvolver a parte prática, para as aulas técnicas, os estudantes receberam projetos a serem desenvolvidos em casa e foram alocados em grupos de trabalho. O fato de o governo de Pernambuco providenciar tablets aos/as discentes antes de viajarem para o exterior contribuiu e muito para essa transição do presencial para o online. De acordo com a representante da faculdade de *Bournemouth & Poole*, um dos pontos positivos na quarentena relatado pelos estudantes foi a possibilidade de estreitar laços com a família hospedeira.

De toda forma, é importante que os/as estudantes se sintam apoiados/as nessa caminhada para além daqueles/as que desenvolvem um bom relacionamento com suas famílias hospedeiras. Nesse sentido, há diversos grupos se mobilizando para fornecer apoio psicológico e dicas de saúde mental e autocuidado, muitos deles inclusive fazendo serviços voluntários. Considerando a incerteza de quando uma vacina estaria disponível e pensando em futuros intercambistas atravessando uma pandemia, poder-se-ia entrar em contato com esses grupos de apoio para aproveitar a mobilização, assim como utilizar programas e serviços que outras Secretarias estejam desenvolvendo para reforçar o apoio à esses/as estudantes e seus/suas familiares.

Além disso, no caso dos alunos e alunas que iniciarão o curso de línguas, recomenda-se que a equipe faça uma pequena pesquisa com os/as estudantes ingressantes no curso para entender os desafios e barreiras para que eles e elas participem do curso de idiomas e, para que assim, a Secretaria possa pensar em um plano para apoiar esses estudantes nessa trajetória, principalmente os em maior desvantagem.

6. Conclusão

O presente trabalho teve como uma de suas motivações a incipiente quantidade de estudos e pesquisas que exploram e documentam a experiência do Programa Ganhe o Mundo Pernambuco e a possibilidade de contribuir com futuras pesquisas sobre esse programa focado no ensino de línguas adicionais em conjunto com o intercâmbio estudantil e totalmente financiado pelo governo do Estado. Somou-se a isso, a curiosidade das pesquisadoras por um programa considerado referência em seu desenho e implementação e sua busca por novos formatos de ensino complementar focado no desenvolvimento de jovens potencialmente mais preparados para os desafios de uma sociedade global, incluindo a do mundo do trabalho.

Ao longo dos capítulos foi possível conhecer mais sobre o funcionamento do PGM, desde sua concepção às principais mudanças até seu modelo atual, compreender mais sobre a realidade de Pernambuco e, especialmente, analisar algumas variáveis da operacionalização e experiência do programa a partir de dados coletados pelas pesquisadoras.

Muito se revelou sobre importantes aspectos da experiência. A mensuração do impacto do PGM, no entanto, ultrapassava o escopo da presente dissertação. Para tanto, seria preciso haver já no planejamento da política do programa a definição de indicadores, além do acesso a dados e informações que não estavam disponíveis quando da pesquisa. De qualquer modo, algumas das recomendações têm o sentido de contribuir para estudos de impacto no futuro, ao sugerir, por exemplo, uma definição “mais fina” de objetivos do programa e dos objetivos de aprendizagem da língua adicional.

Espera-se, assim, que este trabalho seja um primeiro passo na documentação e um estudo mais aprofundado do PGM, sendo capaz de inspirar outros pesquisadores a se debruçarem sobre esta história, auxiliando a enriquecer a discussão sobre programas educacionais, no âmbito da competência, formulação e implementação por parte da gestão pública estadual. Recomenda-se fortemente, inclusive, que mais estudos possam ser realizados, especialmente focando na análise da experiência e do resultado de alunos do interior do estado, que não foram explorados nesta pesquisa, bem como sua comparação com a dos alunos da região metropolitana.

Além disso, espera-se que este possa provocar os leitores e leitoras na reflexão sobre os modelos de desenho e implementação de políticas, e especialmente, quanto aos novos formatos de educação e desenvolvimento de jovens, mais alinhado aos desafios do futuro, ainda mais agora

frente ao cenário pandêmico em que vivemos e que certamente trará condições ainda mais adversas do futuro.

Ademais, há que se questionar sobre como os avanços tecnológicos e as reflexões sobre a educação online poderão impactar e contribuir com os próximos passos desse e de tantos outros programas. Essa é também uma ótima sugestão de possível pesquisa - certamente há mais perguntas do que respostas que ainda precisam ser exploradas nas etapas que virão durante e após a pandemia, mas é inegável a atenção que a tecnologia e metodologias de ensino a distância estão recebendo, e o quanto poderão abrir novas oportunidades ao ensino público também.

Acima de tudo, e ainda mais no momento em que vivemos ao finalizar essa pesquisa, almeja-se que esta contribua para dar luz à importância de se debruçar sobre os desafios educacionais e de desenvolvimento dos/as jovens que contribuirão para uma sociedade ainda mais complexa, se desafiando a trabalhar o desenvolvimento de competências não apenas técnicas, como também socioemocionais e comportamentais, capazes de desenvolver jovens mais conscientes de suas realidades, conscientes do mundo a sua volta, críticos, responsáveis e que possam ajudar na construção do futuro.

Ao realizar essa pesquisa, saímos com a certeza da importância de se pensar em programas capazes de atingir o Estado todo, e especialmente, localidades com condições econômicas e sociais menos privilegiadas, que em geral tem seus cidadãos e cidadãs afastados/as de oportunidades, e carentes de programas que os/as vejam, que permitam seu acesso, e especialmente, que lhes garantam oportunidades de mais ferramentas e condições para lutarem contra a desigualdade social e décadas de esquecimento, pobreza e falta de oportunidades.

7. Referencial Bibliográfico

BABBIE, Earl. Métodos de pesquisa de survey. Belo Horizonte: EDUFMG, 2001

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977

BELTA. Comemoração de 20 anos BELTA e posse da nova diretoria. Blog Belta, 2012. Disponível em: <<http://www.belta.org.br/comemoracao-de-20-anos-belta-e-posse-da-nova-diretoria/>>. Acesso em 03/10/2019.

BRACHT, Oliver et al. The professional value of ERASMUS mobility. Kassel, Germany: International Centre for Higher Education Research, University of Kassel, 2006.

BRANDENBURG, Uwe. The Erasmus Impact Study. Effects of mobility on the skills and employability of students and the internationalisation of higher education institutions. 2014

BRASIL, Casa Civil; BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, v. 149, n. 169, 2012.

BRASIL. Ideb – *Conheça o IDEB*. Ministério da Educação, s/d. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>>. Acesso em 03/11/2019.

BRASIL. Parecer Educação Plurilíngue - Diretrizes Curriculares Nacionais para a oferta de Educação Plurilíngue. Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação, s/d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=156861-pceb002-20&category_slug=setembro-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 04/11/2019.

BRITISH COUNCIL. Research and analysis on the benefits of international opportunities. CFE Research, LSE Enterprise, Phoenix Yard, Upper Brown Street, Leicester, LE1 5TE, 2014. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org/sites/default/files/literature_review_on_opportunities_for_international_experience_cfe_research_and_lse_enterprise_0.pdf>. Acesso em 03/01/20.

BRITISH COUNCIL. *O ensino de inglês na educação pública brasileira, 2015*. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf>. Acesso em 14/09/19.

BRITISH COUNCIL. Políticas públicas para o ensino de inglês: um panorama das experiências na rede pública brasileira. British Council Brasil, Move Social. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/bncc_portuguesbx.pdf>. Acesso em 09/08/2020.

BRITO, Carol. Paulo Câmara lança nova modalidade do Programa Ganhe o Mundo. Folha de Pernambuco, 2019. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/colunistas/blogdafolha/paulo-camara-lanca-nova-modalidade-do-programa-ganhe-o-mundo/13669/#:~:text=Paulo%20C%C3%A2mara%20lan%C3%A7a%20nova%20modalidade%20do%20Programa%20Ganhe%20o%20Mundo,-Por%20o%209%2F12&text=Em%20cerim%C3%B4nia%20realizada%20na%20manh%C3%A3,nas%20escolas%20t%C3%A9cnicas%20do%20Estado.>>. Acesso em 07/07/2019.

CAETANO, Érica. História do sistema de cotas no Brasil. Mundo Educação, UOL, s/d. Disponível em: <<https://vestibular.mundoeducacao.uol.com.br/cotas/historia-sistema-cotas-no-brasil.htm#:~:text=No%20Brasil%20o%20sistema%20de,estabelecia%2050%25%20das%20vagas%20do>>. Acesso em 24/10/20.

CAVALCANTI, Sérgio. Mobilidade internacional estudantil: Uma avaliação da teoria do Programa Ganhe o Mundo. 2017

COMISSAO EUROPEIA. Avaliação intermediária do programa ERASMUS+ (2014-2020), 2018.

Disponível em: <<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/PDF/?uri=CELEX:52018DC0050&from=FR>>. Acesso em 07/07/20.

COMISSAO EUROPEIA. Avaliação intermediária do programa ERASMUS+. (2014-2020). 2012. Disponível em:

<https://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/en/educ/130142.pdf>. Acesso em 16/07/20.

COMISSAO EUROPEIA. Erasmus Impact Study confirms EU student Exchange scheme boosts employability and job mobility. Site oficial da Comissão Europeia, 2014. Disponível em: <https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_14_1025>. Acesso em 14/07/20.

COMISSÃO EUROPEIRA. Erasmus: facts, figures & trends: the European Union support for student and staff exchanges and university cooperation in 2013-2014. 2015.

CIMO. Hidden Competences II. Fakta-Facts and Figures 1/2014. Centre of International Mobility, 2014.

CONSELHO DA EUROPA, Common European Framework of Reference for Languages: Learning, teaching, assessment – Companion volume, Council of Europe Publishing, Strasbourg, 2020.

Disponível em: <<https://www.coe.int/en/web/common-european-framework-reference-languages>>. Acesso em 09/08/2020

CONSELHO DA EUROPA. COMMON EUROPEAN FRAMEWORK OF REFERENCE FOR LANGUAGES: LEARNING, TEACHING, ASSESSMENT. Language Policy Programme, Education Policy Division, Education Department, Council of Europe.

CONSELHO DA EUROPA. REPORT FROM THE COMMISSION TO THE EUROPEAN PARLIAMENT, THE COUNCIL, THE EUROPEAN ECONOMIC AND SOCIAL COMMITTEE AND THE COMMITTEE OF THE REGIONS Mid-term evaluation of the Erasmus+ programme (2014-2020). Europa, 2018.

CONSELHO DA EUROPA. Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA, 2001. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf>. Acesso em 20/12/19

CONSELHO DA UNIAO EUROPEIA. Council conclusions on the employability of graduates from education and training. União Europeia, 2012. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/uedocs/cms_data/docs/pressdata/en/educ/130142.pdf>. Acesso em 20/12/19

CORTAZZI, Martin; JIN, Lixian. Cultural mirrors: Materials and methods in the EFL classroom. na, 1999.

CRONQUIST, Kathryn; FISZBEIN, Ariel. English language learning in Latin America. The Dialogue – Leadership of the Americas, 2017. Disponível em <<https://www.thedialogue.org/wp-content/uploads/2017/09/English-Language-Learning-in-Latin-America-Final-1.pdf>>. Acesso em 25/12/19.

DEARDORFF, Darla K. Assessing intercultural competence. New directions for institutional research, v. 2011, n. 149, p. 65, 2011.

FLORY, Elizabete V.; SOUZA, Maria Thereza C. C. de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. Revista Intercâmbio, São Paulo, volume XIX: 23-40, 2009.

GALLUP. Employers perception of graduate employability: Analytical report. European Commission. Brussels. 2010. Disponível em:

<https://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/flash/fl_304_en.pdf>. Acesso em 25/11/2019.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HACKRADT, Lucas. Interculturalidade: você sabe o que é?. Revista Época, Sociedade, 2011.

Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html#:~:text=Assim%20como%20a%20sociologia%20e,da%20intera%C3%A7%C3%A3o%20entre%20as%20pessoas.>> Acesso em 03/10/19.

IBGE. Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01/07/2019. Agência de notícias IBGE, s/d. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/7d410669a4ae85faf4e8c3a0a0c649c7.pdf>. Acesso em 03/10/19.

IBGE. Panorama Pernambuco, s/d. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe>>. Acesso em 28/09/2019.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua, Tabelas 2018, 2018.

Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=24437&t=resultados>>. Acesso em 28/09/2019.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais Uma análise das condições de vida da população brasileira 2019. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 40. Coordenação de População e Indicadores Sociais, Diretoria de Pesquisas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Ministério da Economia, 2019. Disponível em: <

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>>. Acesso em 28/09/2019.

LEFFA, Vilson J. Uma *Espiadinha na Sala de Aula*. Ensinando línguas adicionais no Brasil / Vilson J. Leffa, Valesca B. Irala. Pelotas, EDUCAT, 2014. 206p. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/livro_espiadinha.pdf>. Acesso em 16/11/2020.

LUNA, G. R. S. Políticas públicas voltadas para o esporte escolar: uma análise do programa Ganhe o Mundo esportivo. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

MOLINA, Aurélio. Programa Ganhe o Mundo: uma marca de Eduardo Campos. NEGÓCIOS PE, 33ª Edição. s/d. Disponível em: <<http://www.revistanegociospe.com.br/materia/Programa-Ganhe-o-Mundo-Uma-marca-de-Eduardo-Campos>>. Acesso em 28/09/2019.

MORGAN, Gareth. Beyond Method: Strategies for Social Research. London: Sage, 1983

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1996

MUNDO, Programa Ganhe o. Site do Programa Ganhe o Mundo. Disponível em:

<<https://intercambiosee.wixsite.com/projetopgm>>. Acesso em 28/09/2019.

PASCH, Escolas. GOETHE-INSTITUT, s/d. Disponível em:

<<https://www.goethe.de/ins/br/pt/spr/eng/pas/sch.html>>. Acesso em 02/07/20

PERNAMBUCO. Balanço da Educação 2015-2018. Secretaria de Educação. Governo do Estado de Pernambuco. 2018. Disponível em: <

<http://www.educacao.pe.gov.br/porta1/upload/galeria/15373/BALAN%C3%87O%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%202015-%202018.pdf>>. Acesso em 28/09/2019.

PERNAMBUCO. Comunicado cursos de inglês e espanhol. Secretaria de Educação. Recife: SE. 2011a.

PERNAMBUCO. Comunicado cursos de inglês e espanhol. Secretaria de Educação. Recife: SE. 2011b.

PERNAMBUCO. Lei nº 14.512, de 7 de dezembro de 2011. Cria o Projeto GANHE O MUNDO. Diário Oficial do Estado de Pernambuco: seção 1, Pernambuco, PE, p. 17, 7 dez. 2011c. Disponível em: <<http://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=4108&tipo=TEXTTOATUALIZADO>>. Acesso em 28/09/2019.

PERNAMBUCO. Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco. Coordenadoria de Controle Externo. Divisão de Contas dos Poderes Estaduais. 2011d. Disponível em: <<https://www.tce.pe.gov.br/internet/docs/relatoriocontasgoverno/351/1-conjunturaeconomica.pdf>>. Acesso em 28/09/2019.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Comunicado cursos de inglês e espanhol. Recife: SE. 2011e.

PERNAMBUCO. GRES e Escolas. Governo do Estado de Pernambuco. **Secretaria de Educação de Pernambuco**. Pe.gov.br, s/d.a. Disponível em: <<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&men=77>>. Acesso em 10/11/2020.

PERNAMBUCO. Instrução Normativa nº 01/2013. Diário Oficial do Estado de Pernambuco, Ano XC. Nº 7. Poder Executivo. Recife, 11 de janeiro de 2013.

PERNAMBUCO. Núcleo de estudos de línguas - NEL. 2019. Disponível em: <[http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/17829/NEL%202019_1%20%20IMPrensa%20\(1\)%20\(1\).pdf](http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/17829/NEL%202019_1%20%20IMPrensa%20(1)%20(1).pdf)>. Acesso em 26/10/20.

PERNAMBUCO. Portaria SE nº 3792/2012. Diário Oficial do Estado de Pernambuco de 11 de janeiro de 2013, p.6. 2013.

PERNAMBUCO. Programa Ganhe o Mundo. Secretaria de Educação. Governo do Estado de Pernambuco, s/d.b.

PERNAMBUCO. Relatório de Conjuntura Econômica, Divisão de Contas dos Poderes Estaduais, Departamento de Controle Estadual, Coordenadoria de Controle Externo, Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco, 2011a. Disponível em: <<https://www.tce.pe.gov.br/internet/docs/relatoriocontasgoverno/351/1-conjunturaeconomica.pdf>>. Acesso em 28/09/2019.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. Edital. Recife: SE. 2018. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/892f7b_fd133d54bad9456185b979077d2722a4.pdf>. Acesso em 30/09/2019.

QEDU, APRENDIZADO EM FOCO. Pernambuco: Ideb 2019. QEDU, s/d.a. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/estado/117-pernambuco/ideb>>. Acesso em 25/10/2020.

QEDU. Pernambuco, s/d.b. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/estado/117-pernambuco/censo-escolar?year=2018&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=>>. Acesso em 28/09/2019.

QUEVEDO-CAMARGO, G. Breve história da evolução do construto proficiência em línguas. In: SANTOS JÚNIOR, Elysio Soares; DINIZ, Leandro Rodrigues Alves. (Orgs.). Avaliação em Língua Portuguesa. *Em Aberto*, INEP, Brasília, v. 32, n. 104, p. 27-44, jan./abr. 2019.

- ROBERTSON, Susan L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado?. *Revista brasileira de educação*, v. 14, n. 42, p. 407-422, 2009.
- ROBLES, C. Globalização e mudança de identidade através de estudos de narrativas. *R. Est. Pesq. Educ.*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, jul./dez. 2017.
- ROBLES, C. The Third Curriculum – Win the World Program – Pernambuco, Brazil. *Revista Linguagem e Ensino*, v. 19, n. 1. Universidade Católica de Pelotas, 2016.
- SCARAMUCCI, M. V. R. Proficiência em LE: considerações terminológicas e conceituais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n.36, p. 11-22, jul./dez. 2000.
- SINICROPE, Castle; NORRIS, John; WATANABE, Yukiko. Understanding and assessing intercultural competence: A summary of theory, research, and practice (technical report for the foreign language program evaluation project). University of Hawai Second Language Studies Paper 26 (1), 2007.
- SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, p. 70-77, 2008.
- SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia&Sociedade*, SciELO Brasil, 2003.
- TEICHLER, Ulrich. Temporary study abroad: The life of ERASMUS students. *European Journal of education*, v. 39, n. 4, p. 395-408, 2004.
- UNESCO. Unesco Science Report. Unesco Institute for Statistics, 2015. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/1-4_growth_international_students.pdf> Acesso em 24/12/2019.
- UNIVERSIA. Educação bilingue no Brasil. 2019. Disponível em: <<https://noticias.universia.com.br/educacao/noticia/2019/06/06/1164944/educacao-bilingue-brasil.html>>. Acesso em 24/12/19.
- VERGARA, Sylvia. Métodos de Pesquisa em Administração. São Paulo: Atlas S.A., 2012.
- YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

8. Apêndices

Apêndice I: Roteiro da entrevista semi-estruturada com implementadores do programa

1. Há quanto tempo vocês estão na organização do programa?
2. Como foi a concepção do programa e suas fases?
3. Como foi a escolha dos idiomas que seriam contemplados pelo programa e a alocação de vagas para cada um? O objetivo é entender se a oferta foi dirigida logo de início ou foi de acordo com a demanda e quais fatores levaram a isso.
4. Como foi a escolha dos países para o intercâmbio? Como foram fechados os acordos?
5. Curso de idiomas: Considerando os 25.000 alunos em média que fazem o curso de idiomas, qual a taxa de evasão? Vocês avaliam/tem controle dos motivos pelo qual os alunos desistem do curso?
6. A empresa contratada para entrega do curso de idiomas realiza algum monitoramento dos alunos ausentes? Há algo desse quesito atrelado ao pagamento dela?
7. Como é medido o aprendizado/desempenho/aproveitamento do aluno ao longo do curso de idiomas? A equipe da Secretaria tem acesso a esse material? Esses dados são utilizados, de alguma maneira, como parte da seleção dos alunos para o intercâmbio?
8. Como é feita a seleção dos alunos para o intercâmbio?
9. A empresa licitada para a implementação do curso de idiomas tem algum papel no acompanhamento e avaliação dos alunos durante o curso, bem como na seleção dos alunos para o intercâmbio? Caso afirmativo, como isso se dá? Caso negativo, por que não?
10. Intercâmbio: Como se dá a seleção dos alunos para o intercâmbio? Há uma ou mais fases? Como elas se dão? Caso afirmativo, quantos alunos são selecionados em cada uma delas?
11. Nas entrevistas com potenciais intercambistas e suas famílias, vocês conseguem um material rico a partir da entrevista feita com responsáveis legais, alunos e escolas. Como isso é feito? Como esse material é utilizado tanto para seleção como para apoio aos alunos durante o intercâmbio?
12. Quais são as características distintivas que vocês percebem naqueles estudantes que são selecionados para o intercâmbio? Como são selecionados os alunos para o intercâmbio? Perfil dos alunos, incluindo nível sócio-econômico.
13. Há algum tipo de preparação pré-intercâmbio?
14. São feitos encontros/discussões e avaliações com os alunos antes, durante e pós-intercâmbio?

15. Como é feito o acolhimento dos alunos durante o intercâmbio?
16. No documento que vocês enviaram em “acompanhamento do intercâmbio” aparece que há dois momentos em que os alunos devem preencher formulários online (um mês após a chegada ao intercâmbio e um mês antes do retorno). Como vocês fazem a análise desse material? Ele apoia o aprimoramento do acompanhamento dos alunos durante o intercâmbio? Todos os alunos preenchem? Qual a taxa de resposta? Como um todo, há algo que os alunos relatam que salta aos olhos?
17. Quais as maiores dificuldades dos alunos durante o intercâmbio? Há algum acompanhamento por parte da agência de viagens a esses alunos? Caso afirmativo, como isso se dá?
18. A agência de viagens lícitada tem algum papel na seleção, acompanhamento e avaliação do programa de intercâmbio? Caso afirmativo, como? Caso negativo, por quê?
19. Qual a porcentagem de alunos que não completam o intercâmbio? Quais seriam as razões para tanto?
20. O que é medido antes, durante e após o intercâmbio?
21. Como é medido o sucesso e/ou insucesso do desempenho dos estudantes nas matérias que cursam no exterior?

Apêndice II: Roteiro das entrevistas - Grupo focal com pós-intercambistas do programa Ganhe o Mundo Pernambuco

Objetivo:

- Entender relação entre o curso e intercâmbio
- Percepção de aprendizagem de línguas e do curso
- Percepção de desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional

Roteiro:

1. Apresentação pesquisadoras
2. Apresentação pesquisa: histórico, motivação e objetivo
3. Apresentar conversa:
 - a. Menor de idade
 - b. Não divulgaremos as respostas
 - c. Não associaremos o nome às respostas
 - d. Explicar como funcionará o uso dos dados
 - e. Termo de consentimento
 - f. Objetivo
1. Apresentação dos presentes:

- a. Nome
- b. Turma / idioma / país

Perguntas:

1. Como conheceram e porque decidiram fazer parte do programa?
2. Qual idioma vocês estudaram antes do intercâmbio? Por quê?
3. O curso ajudou a se preparar para o intercâmbio? Poderia ter ajudado mais? e caso não tivesse o intercâmbio, você o teria feito?
4. E o que lhes motivou a se inscrever para o intercâmbio?
5. Para que países vocês foram? Por que esses?
6. Algum de vocês já estiveram antes do intercâmbio no exterior – seja em viagem a outros países como programas de intercâmbio?
7. E depois do Ganhe o Mundo Pernambuco? Caso afirmativo, em que situações?
8. Contem um pouco sobre a experiência do intercâmbio. Como foi o tempo no exterior?
9. Como foi a adaptação à vida e ao estudo em outro país?
10. Falem mais sobre a vida escolar nessa fase. E a vida com a família hospedeira.
11. Como foi o contato com outras culturas?
12. O que vocês acharam mais difícil de lidar?
13. Vocês acham que o intercâmbio contribuiu em algo para a sua vida? Se sim, como foi essa contribuição? Impactos na sua vida acadêmica e profissional.
14. Como foi a readaptação ao Brasil?
15. Se você pudesse fazer sugestões de melhoria ao programa – antes, durante e após o intercâmbio. Quais sugestões fariam?

Apêndice III: Roteiro das entrevistas - Grupo focal com futuros intercambistas do Programa Ganhe o Mundo

1. Algum de vocês já estiveram antes no exterior – seja em viagem a outros países como programas de intercâmbio?
2. O que lhes motivou a se inscrever no curso de idiomas?
3. Que idiomas vocês estudaram? Quais os motivos que os fizeram escolher esse idioma?
4. Contem um pouco sobre o processo de aprendizado. Como o compararam com o ensino que tiveram na escola regular?
5. E o que lhes motivou a se inscrever para o intercâmbio?
6. Para que países vocês vão? Por que esses?
7. Quais as características pessoais você acha que um(a) intercambista deveria ter?
8. Como você está se preparando para o intercâmbio do ponto de vista emocional e de estudo?
9. Que pessoas estiveram envolvidas nessa preparação?
10. O que vocês esperam aprender/viver durante esse tempo no exterior?
11. O que acham que será mais difícil nesse período do intercâmbio?

12. Vocês acham que o intercâmbio vai contribuir em algo para a sua vida? Se sim, como será essa contribuição?

Apêndice IV: Roteiro do questionário online para egressos do programa Ganhe o Mundo Pernambuco

Sua participação nessa pesquisa é opcional e anônima. Os dados serão compilados e analisados, como um todo, para uma pesquisa de mestrado sobre a mobilidade estudantil no programa Ganhe o Mundo Pernambuco. O questionário está dividido em 3 partes: Dados pessoais, Sobre o intercâmbio e Após o intercâmbio.

Parte I - Dados pessoais:

- a) Gênero: x Masculino x Feminino (escolher 1)
- b) Idade atual: (campo texto)
- c) Idade com que iniciou o intercâmbio: (campo texto)
- d) Profissão: (campo texto)
- e) Caso seja estudante, favor informar a instituição de ensino: (campo texto)
- f) Caso seja estudante, favor informar o curso: (campo texto)
- g) Qual o seu nível de instrução: x primeiro grau x segundo grau x superior incompleto x superior completo x pós-graduação (Dropdown escolher 1)

Parte II - Sobre o Intercâmbio “Ganhe o Mundo PE”

- a) Por favor, selecione o seu período do intercâmbio: (Dropdown escolher 1)
 - a. 2012.2
 - b. 2013.1
 - c. 2013.2
 - d. 2014.1
 - e. 2014.2
 - f. 2015.1
 - g. 2015.2
 - h. 2016.1
 - i. 2016.2
 - j. 2017.1
 - k. 2017.2
 - l. 2018.1

- m. 2018.2
- n. 2019.1
- b) País destino do intercâmbio: (Dropdown escolher 1)
 - a. Alemanha
 - b. Canadá
 - c. Austrália
 - d. Chile
 - e. Argentina
 - f. Colômbia
 - g. Espanha
 - h. Estados Unidos
 - i. Nova Zelândia
 - j. Uruguai
- c) Idioma estudado: (Dropdown escolher 1)
 - X alemão x inglês x espanhol
- d) Por que escolheu esse idioma? (campo texto)
- e) Percepção do Nível da língua adicional antes do intercâmbio: (Dropdown escolher 1 dos níveis para cada uma das habilidades – básico, intermediário, avançado e fluente).
 - Compreensão auditiva
 - Escrita
 - Leitura
 - Fala
- f) Escolha ao menos 5 motivos para realizar o intercâmbio e ordene de acordo com sua importância, sendo 1 o mais importante.
 - 1. Aprender e/ou aprimorar um novo idioma
 - 2. Melhorar o currículo acadêmico
 - 3. Melhorar o currículo profissional no futuro
 - 4. Morar em outro país, e entrar em contato com outra cultura e cotidiano
 - 5. Recomendação de alguém que já fez intercâmbio pelo Ganhe o Mundo Pernambuco
 - 6. Gostar de viajar

7. Amadurecimento como pessoa, tornar-me mais independente e autoconfiante e flexível
 8. Fazer novas amizades
 9. Outro? Qual? (campo texto aberto)
- g) Descreva sua experiência de intercâmbio em poucas palavras, considerando aspectos positivos e negativos. (campo texto)

Parte III – Após o intercâmbio

- h) Nível da língua adicional após conclusão do intercâmbio: (Dropdown escolher 1 dos níveis para cada uma das habilidades – básico, intermediário, avançado, fluente).

Compreensão auditiva

Escrita

Leitura

Fala

- i) Com que frequência você utiliza a língua adicional em seu dia-a-dia?
- X muito raramente x algumas vezes x muitas vezes x quase sempre x sempre
- j) Em que contextos você utiliza a língua adicional? Você pode escolher mais de uma opção. (lista suspensa)
1. No trabalho
 2. Em seu estudo
 3. Em seu tempo livre
 4. Com amigos internacionais
 5. Com a família hospedeira
 6. Outro. Qual? (campo texto)
- k) Quais você considera ganhos pessoais de ter participado do intercâmbio? Você pode escolher mais de uma opção. (lista suspensa)
1. Aumento do conhecimento da língua adicional
 2. Melhoria da qualificação acadêmica
 3. Melhoria da qualificação profissional
 4. Desenvolvimento pessoal/maturidade/ auto-conhecimento
 5. Compreensão e interesse pela cultura de outros povos e aprendi a lidar com culturas diferentes da minha.
 6. Capacidade de liderança
 7. Outro? Qual? (campo texto)

- l) Como você avalia a experiência de participação no programa Ganhe o Mundo? (em uma escala de 1 a 5, em que 1 é nada satisfeito e 5 é totalmente satisfeito)

De uma perspectiva acadêmica?

De uma perspectiva profissional?

De uma perspectiva pessoal?

- m) Avalie o impacto do intercâmbio a partir das afirmações abaixo:

Opções: (i) discordo totalmente (ii) discordo parcialmente (iii) não concordo nem discordo (iv) concordo parcialmente (v) concordo totalmente

Bloco I - Impactos do intercâmbio na vida acadêmica e estudo de línguas

1. O intercâmbio reforçou meu comprometimento em estudar uma língua adicional.
2. O intercâmbio influenciou minha decisão em cursar o ensino superior.
3. O intercâmbio influenciou na escolha do meu curso de graduação.

Bloco II - Impactos do intercâmbio nas relações interpessoais e entre culturas

1. Eu mantenho contato com cidadãos do país estrangeiro e com a família hospedeira.
2. Eu ainda mantenho contato com amigos que fiz no exterior.
3. Eu adquiri maior interesse por outras línguas e/ou culturas.
4. Eu passei a querer conhecer outras culturas.

- n) Após o intercâmbio, você já teve uma experiência profissional? X sim x não

Caso a resposta seja sim:

Avalie as seguintes afirmações a partir dos critérios abaixo:

Opções: (i) discordo totalmente (ii) discordo parcialmente (iii) não concordo nem discordo (iv) concordo parcialmente (v) concordo totalmente

Bloco III – Impactos do intercâmbio na carreira

1. O intercâmbio influenciou minhas escolhas profissionais.
 2. O intercâmbio ajudou-me a me comunicar na língua adicional utilizada no ambiente de trabalho.
 3. O intercâmbio ajudou-me a desenvolver habilidades importantes para o mercado de trabalho.
- o) Você recomendaria que outros estudantes participem do programa Ganhe o Mundo? (em uma escala de 1 a 5, em que 1 é Não recomendaria e 5 é recomendaria totalmente)

[Nesse link](#) é possível fazer o download da planilha para facilitar a utilização.

Etapa	Desafio	Recomendação
Institucional	Ausência de tangibilidade nos objetivos para análise do desenvolvimento e de resultados do programa, base para a proposição de recomendações de melhoria.	<p>1) Melhor explicitação dos objetivos do programa, dando preferência pela utilização de conceitos menos abstratos e que facilitem sua compreensão.</p> <p>a) Proficiência: utilização do QEER, uma escala global já reconhecida internacionalmente e que está voltado ao uso significativo da língua a partir das habilidades que ele precisa desenvolver na língua para se comunicar.</p> <p>b) Empregabilidade: fazer uma pesquisa com potenciais empregadores e professores universitários para compreender as expectativas do mercado de trabalho e mapeamento de competências prioritárias.</p> <p>2) Desdobrar esses objetivos mais macro em um ou, no máximo, em outros dois objetivos de aprendizagem que sejam tangíveis e mensuráveis.</p> <p>3) Realizar pesquisas antes e após as experiências para mensurar o desenvolvimento dessas competências: incluir essa atribuição (a aplicação, análise e retorno dessas pesquisas) para a empresa licitada.</p>
Atração	Sistematização de informações sobre os canais de comunicação utilizados e do orçamento investido em cada um, a fim de planejar investimentos com mais custo-eficiência e que priorizem diversidade nos participantes.	<p>1) Documentação das ações e custos para que se possa analisar os resultados e buscar futuros investimentos com maior custo eficiência.</p> <p>2) Acrescentar pergunta na ficha de inscrição para que indiquem como o conheceram, e assim, buscar maior priorização de canais que permitam mais visibilidade aos alunos e com um menor custo.</p> <p>3) Realizar análise a fim de construir um plano de comunicação que equilibre custo-eficiência, isto é, investimento em canais que mais convertem alunos (complementada pelo ponto a seguir).</p>
Atração	Comunicação isonômica, capaz de dialogar e atrair os diferentes perfis de alunos, que representem a complexidade da diversidade da população pernambucana - raça, gênero, regionalidade e perfil	<p>1) Plano de comunicação que priorize também diversidade, isto é, que os canais de comunicação atinjam todos os potenciais alunos, sem vieses, por exemplo raça, gênero, regionalidade ou outros.</p> <p>2) Adequação da comunicação para que ela seja capaz de dialogar com os diferentes perfis de alunos - transmissão de mensagens claras para que consigam compreender o que precisa ser feito para se inscreverem.</p> <p>3) Materiais de comunicação que possuam imagens de alunos que representem a diversidade de alunos, fomentando que todos possam se inscrever.</p>

	socioeconômico, por exemplo - para que seja fornecida igual oportunidade, e todos estejam cientes e sendo estimulados a participar.	
Seleção	Garantir que os futuros cursistas e intercambistas também sejam selecionados de forma justa e equânime e que haja representatividade da diversidade que compõe a população pernambucana a fim de fornecer melhores oportunidades aos que tiverem menos e diminuir o ciclo de desigualdade que acompanha famílias por muitas gerações.	<p>1) Estudantes tenham que preencher, ao menos, sexo e raça em sua ficha de inscrição no programa e/ou na entrevista pela qual passam, mas se possível que outros dados sejam incluídos para preenchimento como, por exemplo, dados socioeconômicos.</p> <p>2) Analisar o perfil dos estudantes que estão participando do programa em seus dois componentes, cruzar esses dados oficiais no intuito de verificar o quão diverso e inclusivo o programa está ou não sendo e pensando em possíveis ações de mitigação.</p> <p>3) Utilizar pesquisas oficiais para estabelecimento de metas de participação para alguns dos grupos que representam a população pernambucana - a exemplo do PNAD e do Censo Escolar.</p> <p>4) Estudar e definir ações afirmativas, a exemplo de: política de cotas; equiparação de notas; cotas ou preferência para participantes do Bolsa Família ou outros programas ou cadastros do governo ligados à apoio socioeconômicos e de redução de desigualdades; criação de um indicador socioeconômico específico (poderia ajudar a priorizar o acompanhamento dos alunos, antevendo possíveis desafios da experiência ao longo do programa).</p>
Seleção	Estudantes da rede particular de ensino migram para a rede pública por causa do programa.	<p>1) Considerar o IDEB da escola anterior dos alunos como possível peso para as notas.</p> <p>2) Exigir que o aluno que mudou para a rede pública no último ano tenha que autodeclarar a renda familiar na inscrição, via autodeclaração, ou índice socioeconômico específico do programa, ou outras fontes do governo para auxiliar nas ações afirmativas (item anterior).</p> <p>3) Adicionar perguntas para fomentar a reflexão e consciência dos cidadãos que utilizarão esse recurso do Estado, sabendo que sua inscrição pode fazer com que outros alunos sem recursos percam a oportunidade dessa experiência.</p>
Curso de Línguas	Apenas conclusão e frequência no curso de idiomas são utilizados para a seleção de estudantes	<p>1) Informações sobre o desempenho do aluno captado pela empresa licitada ao longo do curso de idiomas também ser utilizado como critério classificatório.</p> <p>2) Adicionar uma prova que teste habilidades de comunicação.</p>

	para o intercâmbio.	3) Analisar o desempenho de modo a priorizar os alunos que apresentarem maior delta de melhoria no desempenho, isto é, os que demonstraram maior empenho e desenvolvimento ao longo do curso, e não apenas as notas mais altas.
Curso de Línguas	Alinhamento de expectativas com os potenciais alunos, participantes atuais e profissionais envolvidos: o que é esperado com relação a competências e habilidades nesse idioma.	1) Comunicar o que é esperado que os estudantes atinjam ao fim do curso de línguas com relação a competências e habilidades nesse idioma.
Curso de Línguas	Disponibilidade e frequência dos professores de línguas nas aulas ministradas, especialmente no interior do Estado.	1) Estabelecimento de um piso para o salário de professores contratados pela empresa vencedora da licitação e que um adicional seja pago para aqueles que desejem e possam atuar em locais mais remotos do interior do estado. 2) Estado incluir acompanhamento periódico de relatórios de frequência e salários dos professores. 3) Ex-alunos deveriam ser contratados apenas após formação em Letras, atuando até sua conclusão do curso apenas como monitores. 4) Pilotar sistema de ensino à distância com professores supervisionando e/ou ministrando as aulas de idiomas nesses lugares mais remotos - incluindo materiais de apoio adicionais que fazem uso de diferentes canais de comunicação (Whats App, rádio etc). 5) Com mais professores, reduzir o tamanho das turmas para viabilizar melhor o trabalho com a oralidade.
Curso de Línguas	Distanciamento do PGM dos professores de línguas da própria rede pública - da escola regular e dos NELs.	1) Aproveitar o conhecimento dos professores dos NELs para que preparem os professores da escola regular para assumir a médio prazo essas aulas de línguas – inglês e espanhol, podendo não ser necessário a contratação de uma empresa do setor privado. 2) Realizar estudo sobre o impacto da contratação de mais professores para a rede estadual de ensino para fazer frente às aulas de línguas do PGM e comparar com o gasto com a empresa licitada, verificando, assim, a viabilidade financeira dessa mudança no corpo de profissionais. 3) Secretaria faça alinhamento entre os cursos de línguas ofertados através dos NELs, os das escolas no ensino regular e do PGM para que não haja concorrência e/ou

		<p>duplicidade na oferta no Estado, e sim sua complementaridade, além da já mencionada maior eficiência na alocação de professores nas diferentes iniciativas e possível aumento de carga horária para os profissionais da rede.</p>
Preparação e Intercâmbio	<p>Convencer e tranquilizar as famílias dos selecionados para o intercâmbio, especialmente no caso de jovens provenientes de cidades do interior, além de reduzir o tempo de apoio e atendimento gasto pela Secretaria e Regionais.</p>	<p>1) Utilização dos recursos e motivações dos próprios alunos: vídeos e depoimentos enviados aos alunos e familiares de forma virtual antes mesmo do encontro presencial pré-viagem.</p> <p>2) Criação de ao menos um espaço virtual para que conversem e tirem suas dúvidas com egressos e familiares, além da palestra para os responsáveis dos alunos liderada pela Secretaria.</p> <p>3) Criação e divulgação de material de Perguntas Frequentes, em formato de texto, e também de vídeo, com pessoas da Secretaria e egressos, trazendo maior pessoalidade e aumentando a probabilidade de compreensão e satisfação da resposta.</p> <p>4) Criação de um Manual de Boas Vindas com perguntas frequentes, dicas importantes, visão geral dos próximos passos, dicas de como estudar e se preparar, e as responsabilidades e benefícios do programa. Utilização dos próprios alunos ou egressos para ajudar a desenvolver esse material e a responder as dúvidas, possivelmente até como uma das temáticas do projeto que precisam desenvolver ao final da experiência.</p> <p>5) Criar um programa de apadrinhamento entre egressos e alunos atuais, tanto para o módulo de ensino de línguas quanto para o intercâmbio.</p> <p>6) Alunos devem se comprometer com outras contrapartidas de participação no programa, para além do Projeto Final: responderem as diferentes avaliações requisitadas dentro do prazo, participarem do programa de apadrinhamento, e fornecerem depoimentos em vídeo e texto.</p>
Preparação e Intercâmbio	<p>Seleção das famílias hospedeiras no exterior e dificuldades de adaptação.</p>	<p>1) Estudantes devem ser melhor preparados para a vida com uma família estrangeira por meio de reuniões, apoio de egressos e materiais assíncronos.</p> <p>2) Seleção feita pela agência de viagens mais criteriosa.</p> <p>3) Que haja e seja divulgado um canal de comunicação específico e oficial 24 horas para que estudantes possam e sejam encorajados a denunciar casos de abuso, violências, entre outros, emergenciais ou não, com disponibilidade de apoio psicológico.</p>

Pós- viagem	Adaptação e engajamento pós intercâmbio.	<p>1) Criação de uma rede de ex-alunos: fomentada pelo governo do Estado, mas poderia ser encabeçada por ex-alunos.</p> <p>2) Projetos interdisciplinares realizados pelos alunos ou projetos liderados pela Secretaria que explorem o engajamento e a mobilização da rede de ex-alunos: encontros online de egressos; newsletter com informações úteis para o aprendizado de um idioma, para o intercâmbio e para estudantes em busca de oportunidades profissionais; apoio na coleta e análise de dados de ex-alunos; parcerias com organizações interessadas em contratar jovens ou colaborar com o programa.</p> <p>3) Alunos ou ex-alunos poderiam submeter um plano de ação para a duração de sua gestão à frente da rede de ex-alunos.</p>
Pós- viagem	Gestão de conhecimento e disseminação dos aprendizados da experiência dos alunos.	<p>1) Projetos interdisciplinares mais práticos do que apenas entregar um trabalho por escrito, envolvendo de fato a elaboração e execução de um projeto, com produtos e resultados tangíveis.</p> <p>2) Projetos interdisciplinares de edições passadas e nas futuras serem sistematizados e publicizados, de modo que outros alunos e a sociedade civil possam ter acesso, por meio de: catalogação e divulgação no site oficial do programa, redes sociais e outros canais de comunicação. Professores coordenadores dos projetos e/ou os coordenadores das GREs poderiam ser os responsáveis por organizar e incluir um resumo dos projetos e outras informações para melhor gestão desse conhecimento.</p>

Acompanhamento e Avaliação	Fazer coleta de dados que viabilizem análises sobre o programa com o objetivo de embasar a tomada de decisão e aprimorá-lo em suas diferentes etapas.	<p>1) Redesenhar as metas e objetivos do PGM para que fiquem claras e tangíveis.</p> <p>2) Definição dos porquês de se realizar avaliações e acompanhamentos: o que se pretende medir.</p> <p>3) Criação de um quadro de indicadores atrelados a cada um desses objetivos, estipulando como podem ser coletados (canal e periodicidade).</p> <p>4) Criação de pesquisas após o término do intercâmbio para apoiar a análise do impacto do programa: 6 meses, 2 anos, 4 e 6 anos após o término do programa.</p> <p>5) Adaptar o roteiro de pesquisa desenvolvido pelas pesquisadoras para o presente trabalho.</p> <p>6) Possíveis canais de coleta (ferramentas gratuitas de pesquisa): e-mail, com reforço em redes sociais do programa, em especial em grupos fechados das edições; via rede de ex-alunos.</p> <p>7) Engajamento e conscientização dos egressos do programa: reforçar a importância das pesquisas para o futuro do PGM e novos alunos,</p> <p>8) Acrescentar no edital de contratação das empresas fornecedoras dos serviços de ambos os componentes - curso de línguas e intercâmbio - a obrigatoriedade para que colem os dados, para que façam o follow up com estudantes, e entreguem os dados à Secretaria.</p> <p>9) Atualizar os termos de compromisso assinados pelos alunos participantes, incluindo todas as avaliações que devem se comprometer a fazer.</p> <p>10) Manter as pesquisas o mais enxutas possíveis, priorizando perguntas mais críticas, que de fato sejam utilizadas pela equipe, e o mais importante, que não colem dados que o PGM e a Secretaria poderiam obter via outros canais já disponíveis, por exemplo, acessando outros bancos de dados do governo.</p> <p>11) Metodologia de construção das perguntas: priorizar perguntas quantitativas e fechadas, isto é, com respostas pré-determinadas, que facilitam a posterior análise por meio de automatizações. Nestes formatos será possível gerar dados e indicadores mais fáceis de comparar e acompanhar.</p>
----------------------------	---	---

Acompanhamento e Avaliação	Aproveitar os instrumentos que já são utilizados no PGM, transformando-os em dados e indicadores.	<p>1) Padronizar um formulário de avaliação após entrevistas e dinâmicas em grupo, por exemplo, e de outras etapas que incluam muitas informações qualitativas. Contrata-se e treina-se avaliadores que realizam essas avaliações e respondem à formulários padrões, em que a partir de réguas de avaliações que indicam notas para cada comportamento que pode ser observado, é possível obter uma nota final de cada candidato, conseguir analisar os dados coletados e transformá-los em potenciais indicadores.</p> <p>2) Digitalizar as informações que estão hoje apenas em formato impresso: projeto interdisciplinar ou parcerias com instituições de ensino.</p> <p>3) Indicações de novas possíveis perguntas e pesquisas que poderiam ser complementares às da experiência atual.</p> <p>4) Para a ficha de inscrição recomenda-se o acréscimo de perguntas que complementem a análise do perfil dos alunos, especialmente para melhor compreensão do panorama de diversidade e inclusão dos mesmos, e para ajustar possíveis medidas afirmativas na atração e seleção.</p>
Acompanhamento e Avaliação	Acompanhamento e análise das informações coletadas com o objetivo de embasar a tomada de decisão e aprimorar o programa em suas diferentes etapas.	<p>1) Criação de um sistema unificado e online para armazenamento e acesso a todos os dados dos alunos: desde sua matrícula no curso de idiomas até a conclusão do ensino médio. Em especial, integrar as bases de dados do PGM e da Secretaria de Educação e Esportes, por meio do apoio da Agência Estadual de Tecnologia da Informação, universidades e instituições de ensino estaduais, entre outras parcerias que não acarretassem custos financeiros ao órgão.</p> <p>2) Melhorar a articulação com a Gerência do Ensino Médio e diferentes órgãos do governo responsáveis por outras coletas para que dados já coletados sejam aproveitados por todas as partes, e as análises sejam compartilhadas - incluindo troca de desafios e aprendizados: reuniões periódicas fixas; métodos ágeis de gestão ou gestão à vista.</p> <p>3) Gestão de conhecimento da gestão: sistematização especialmente dos principais desafios e do racional das tomadas de decisões para que no futuro seja compreensível como determinadas decisões foram tomadas.</p> <p>4) Rotina com agendas fixas durante a semana para acompanhar as respostas dos alunos, usando perguntas chaves como faróis de maior destaque para ajudar na priorização dos respondentes que exijam maior urgência.</p> <p>5) Utilizar ferramentas gratuitas, como o <i>google</i>, que além de ferramenta de pesquisa possui conexão com o <i>google sheets</i>, que permite o desenvolvimento de painéis, em que seja visualizado automaticamente o resumo dos dados.</p>

		6) Análise do passivo dos dados e informações já coletadas pelo PGM: fazer parceria com alguma instituição de ensino para que façam análise, construam ferramenta de acompanhamento e capacitem os gestores do PGM para usá-la; ou incluir essa demanda no edital de contratação das empresas fornecedoras dos serviços dos componentes.
Institucional	Avaliar e priorizar as recomendações, e definir plano de ação com próximos passos.	1) Equipe do programa analisa as recomendações por meio dos critérios: urgência, importância, impacto, recursos necessários e viabilidade de implementação. 2) Desenvolver uma matriz (urgência versus impacto para comparar e priorizar as ações.
Pós-viagem	Empregabilidade dos jovens	1) Parcerias com empresas e organizações para contratação desses jovens: a) Comunicação adequada à potenciais contratantes para destacar os diferenciais dos participantes do programa; b) Ajudar as empresas a entender os tipos de vagas nas quais esses futuros profissionais poderiam se destacar; c) Divulgar as vagas para a base de egressos; d) Oferecer aos alunos orientação sobre como participarem de processos (construírem currículo, participarem de entrevistas, e se preparar para o mundo do trabalho): webinars online com participação de profissionais de diferentes áreas e outras ações que poderiam entrar como projeto interdisciplinar ou por parte de ex-alunos; e) Processo facilitado para que egressos tirem a carteira de trabalho ao terminarem o programa. f) Alinhamento com a Secretaria do Trabalho Emprego e Qualificação, para que busquem sinergias e atuação em conjunto -exemplo do programa Meu Emprego Trabalho Inclusivo do Estado de São Paulo. g) Definição de indicadores sobre o mercado de trabalho, a começar pelo de Pernambuco, para comparar as respostas dos alunos às principais tendências do mercado.

Institucional	Alunos participantes do PGM durante a pandemia do COVID-19 na modalidade de curso e intercâmbio.	<p>1) Manter a transparência e comunicação constante com os alunos e seus familiares, trazendo mais confiança e união neste momento de incertezas, deixando claro que tudo está sendo apresentado, e assim, antever perguntas e comunicações que podem ser centralizadas com o grupo todo e não em atendimentos individuais.</p> <p>2) Parcerias com grupos de voluntários que estão fornecendo apoio psicológico e dicas de saúde mental e autocuidado e utilizar programas e serviços que outras secretarias estejam desenvolvendo para reforçar o apoio aos estudantes e seus familiares.</p> <p>3) Para os alunos que ainda iniciarão o curso de línguas, recomenda-se que a equipe faça uma pequena pesquisa para entender os desafios e barreiras para que eles participem do curso de idiomas e para elaborar plano para apoiar esses estudantes.</p>
---------------	--	--